

**OBRAS
DE SANTA TERESA
DE JESUS**

TOMO III

**CAMINHO
DE PERFEIÇÃO**

EDITORA VOZES LTDA.

OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS

TRADUZIDAS PELAS CARME-
LITAS DESCALÇAS DO CON-
VENTO DE SANTA TERESA
DO RIO DE JANEIRO

TOMO III

EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

**OBRAS DE SANTA TERESA DE JESUS
TOMO III**

SANTA TERESA DE JESUS

TOMO III

CAMINHO DE PERFEIÇÃO

TRADUÇÃO DO AUTOGRAFO DE
VALLADOLID. TEXTO DA EDIÇÃO
CRÍTICA DO REVMO. FREI SIL-
VÉRIO DE SANTA TERESA, PRE-
PÓSITO GERAL DO CARMO DES-
CALÇO.

II EDIÇÃO



1951

EDITORA VOZES LTDA., PETRÓPOLIS, R. J.
RIO DE JANEIRO — SÃO PAULO

I M P R I M A T U R
POR COMISSÃO ESPECIAL DO EXMO.
E REVMO. SR. DOM MANUEL PEDRO
DA CUNHA CINTRA, BISPO DE PE-
TRÓPOLIS. FREI LAURO OSTERMANN
O. F. M. PETRÓPOLIS, 23-7-1951.

LIVRO CHAMADO CAMINHO DE PERFEIÇÃO

COMPOSTO POR

TERESA DE JESUS

MONJA DA ORDEM DE NOSSA SENHORA DO CARMO

E' DESTINADO AS MONJAS DESCALÇAS DE NOSSA SENHORA
DO CARMO, DA REGRA PRIMITIVA 1

ARGUMENTO GERAL DESTE LIVRO

Jhs.

CONTÉM ESTE LIVRO AVISOS E CONSELHOS QUE DA TERESA DE JESUS ÀS RELIGIOSAS, FILHAS E IRMÃS SUAS, DOS MOSTEIROS DA REGRA PRIMITIVA DE NOSSA SENHORA DO CARMO, OS QUAIS TEM FUNDADO COM A PROTEÇÃO DE NOSSO SENHOR E DA GLORIOSA VIRGEM MÃE DE DEUS, SENHORA NOSSA. — DIRIGE-O ESPECIALMENTE ÀS IRMÃS DO MOSTEIRO DE SÃO JOSÉ DE ÁVILA, QUE FOI O PRIMEIRO E DO QUAL ERA PRIORA QUANDO ESCREVEU

1) Este título foi escrito por Santa Teresa na primeira página do autógrafo de Valladolid, em que deu a forma definitiva ao Caminho de Perfeição. Existe ainda na Biblioteca do Escorial o autógrafo da primeira redação, mais familiar e singela, da qual reproduzimos alguns trechos interessantes.

PROTESTAÇÃO¹

EM TUDO O QUE NESTE LIVRO DISSER, SUJEITO-ME AO QUE ENSINA A SANTA MADRE IGREJA ROMANA, E SE EM ALGUM PONTO ESTIVER CONTRÁRIO A SUA DOCTRINA, SERÁ POR FALTA DE SABER. — E ASSIM, AOS LETRADOS QUE O HÃO DE REVER, PEÇO, POR AMOR DE NOSSO SENHOR, QUE EXAMINEM MUITO PARTICULARMENTE E EMENDEM QUALQUER ERRO QUE ACHAREM NESTA MATÉRIA, E EM TODAS AS OUTRAS. SE HOUVER ALGUMA COISA BOA, SEJA PARA HONRA E GLÓRIA DE DEUS E SERVIÇO DE SUA MÃE SACRATÍSSIMA, PATRONA E SENHORA NOSSA, DE QUEM TRAGO O HÁBITO, EMBORA MUITO INDIGNA DE O VESTIR.

1) Foi o Caminho de Perfeição a primeira obra de Santa Teresa que veio à luz. Mandou-a imprimir em Évora (Portugal) o Arcebispo D. Teotónio de Bragança, em 1583, um ano após a morte da Santa, a qual pusera no princípio do livro esta Protestação de fé.

PRÓLOGO

JHS.

Sabendo as Irmãs deste mosteiro de São José¹ que tinha eu licença do Padre Presentado Frei Domingos Báñez, da Ordem do glorioso São Domingos, meu Confessor atual, para escrever algumas coisas de oração em que talvez poderei acertar por haver tratado com muitas pessoas espirituais e santas, tanto me têm importunado para que lhes dê alguns avisos sobre este assunto, que me determinei a obedecer-lhes. Poderá o grande amor que elas me têm tornar-lhes o que eu lhes disser, embora imperfeitamente e com mau estilo, mais aceito, do que alguns livros muito bem escritos, de quem os sabe escrever. Confio nas suas orações. Em atenção a elas, talvez se digne o Senhor conceder-me graça para dizer alguma coisa conveniente ao modo e gênero de vida que se observa nesta casa. Se o não acertar, o Padre Presentado, que há de ver primeiro este livro, o corrigirá, ou queimará. Eu nada perderei em ter obedecido a estas servas de Deus, e elas verão o que posso por mim quando não me ajuda Sua Majestade.

Tenciono apontar aqui alguns remédios para certas tentações miúdas, sugeridas pelo demônio, das quais talvez não façamos caso, justamente por serem tão pequenas; e direi ainda outras coisas, conforme o Senhor mas der a entender e se me forem lembrando. Como não sei o que vou dizer, não o posso determinar com acerto; e talvez seja melhor assim, já que é tão desacertado meter-me eu a escrever isto.

1) O Convento de São José de Ávila, primeiro da Reforma.

Ponha o Senhor sua mão em tudo, para que saia conforme a sua santa vontade, pois são sempre estes os meus desejos, embora sejam as obras tão imperfeitas como eu mesma sou.

Sei que me não falta amor nem desejo de ajudar no que puder às minhas Irmãs, a fim de que vão suas almas muito adiante no serviço do Senhor; e este amor, unido aos anos e à experiência que tenho de alguns mosteiros, poderá fazer-me atinar, nessas matérias miúdas, mais do que os letrados. Estes, por terem outras ocupações mais importantes, como varões fortes não fazem caso de certos pontos que em si parecem nada, e que a nós mulheres — como tão fracas — podem fazer grande mal. São numerosas, com efeito, as sutilezas do demônio para as que vivem muito encerradas, pois sabe que tem necessidade de novas armas para as perder. Eu, como miserável, não me tenho sabido defender; e quisera que minhas Irmãs es-carmentassem em mim. Nada direi que não tenha aprendido por experiência, quer em minha própria alma, quer por vê-lo em outras.

Mandaram-me, há pouco tempo, escrever certa relação de minha vida, na qual também tratei de algumas coisas de oração. Talvez não queira meu Confessor que a vejais, e por este motivo repetirei aqui em parte o que lá deixei escrito, acrescentando outros pontos, a meu ver, necessários. O Senhor dirija tudo por sua mão, como lhe tenho suplicado, e o ordene para sua maior glória. Amém.

CAPÍTULO I

Da causa que me moveu a fundar este mosteiro
com tão estreita observância

A princípio, quando se começou a tratar da fundação deste mosteiro pelas causas referidas no dito livro¹ — onde também narro algumas grandes mercês do Senhor, que me dava a entender como havia de ser muito servido nesta casa, — não era minha intenção estabelecer tanta aspereza no exterior, nem fundar sem renda; antes quisera que houvesse possibilidade para nada faltar. Agia como fraca e ruim, conquanto alguns bons intentos tivesse em vista, mais que o meu regalo.

Neste tempo chegaram à minha noticia as desgraças da França e os estragos que nela haviam feito os luteranos, e o quanto ia crescendo esta desventurada seita. Deu-me grande aflicção, e, como se pudesse ou valesse alguma coisa, chorava com o Senhor, supplicando que remediasse Ele tanto mal. Parecia-me que mil vidas daria eu para remédio de uma só alma das muitas que ali se perdiam. E, como me vi mulher, ruim e impossibilitada de trabalhar segundo meus desejos no serviço do Senhor, e toda minha ânsia era, e ainda é, que, pois Ele tem tantos inimigos e tão poucos amigos, ao menos estes fossem bons, determinei fazer este pouquinho a meu alcance, isto é: seguir os conselhos evangélicos com toda a perfeição que me fosse possível e procurar que estas pouquinhas aqui encerradas fizessem o mesmo. Confiava na grande bondade de Deus, que nunca falta em ajudar a quem por seu amor se determina a deixar tudo. Sendo elas

1) Vida, XXXII-XXXIV.

tais como as pintava em meus desejos, entre suas virtudes desapareceriam minhas faltas, e poderia eu contentar de algum modo ao Senhor. E, ocupadas todas em orações pelos que são defensores da Igreja, e pregadores e letrados que a sustentam, ajudaríamos no que pudéssemos a este Senhor meu, tão atribulado por aqueles a quem tem feito tanto bem. Dir-se-ia pretendem crucificá-lo de novo esses traidores, deixando-o sem ter onde reclinar a cabeça.

O' Redentor meu, não pode meu coração chegar aqui sem se afligir muito! Que é isto que se vê agora nos cristãos? Sempre hão de ser aqueles que mais vos devem os que mais vos fazem sofrer? Aqueles a quem maiores benefícios fazeis escolhendo-os para vossos amigos, andando entre eles e comunicando-vos às suas almas por meio dos Sacramentos? Não estão ainda fartos com os tormentos que por eles padecesstes?

Certamente, Senhor meu, nada faz quem agora se aparta do mundo; pois, se nele vos tratam com tão pouca lealdade, que podemos nós esperar? Merecemos, porventura, que nos correspondam melhor? Acaso maiores benefícios lhes fizemos, para que nos guardem as leis da amizade? Que é isto? Que esperamos ainda, nós que pela bondade do Senhor não estamos contaminados por essa ronha pestilencial? Quanto a eles, já pertencem ao demônio. Bom castigo têm ganho com suas próprias mãos, e bem granjeado têm com seus deleites fogo eterno. Lá se avenham, ainda que não se me deixe de partir o coração por ver como se perdem tantas almas. Quisera eu não ver mais perdas cada dia, e, ao menos, impedir em parte o mal.

O' Irmãs minhas em Cristo! ajudai-me a suplicar isto ao Senhor, que para este fim vos ajuntou Ele aqui. Esta é a vossa vocação; estes hão de ser os vossos negócios; estes os vossos desejos; aqui se empreguem as vossas lágrimas; sejam estas as vossas petições, e não, Irmãs minhas, súplicas por negócios do mundo. Rio-me, e chego a afligir-me de ver as coisas que certas pessoas nos vêm encarregar de pedir a Deus. Querem que

lhes alcancemos de Sua Majestade rendas e dinheiro; — e, não raramente, são pessoas que, a meu ver, deveriam antes implorar de Deus graça para calcar tudo aos pés. São bem intencionadas, e, enfim, condescendemos com elas por ver sua devoção; mas tenho para mim que nestas matérias nunca me ouve o Senhor. O mundo está pegando fogo; querem, por assim dizer, tornar a sentenciar a Cristo, pois lhe levantam mil testemunhos falsos; pretendem lançar por terra a sua Igreja; e havemos de gastar tempo em petições tais que, a serem ouvidas de Deus, teríamos porventura uma alma de menos no Céu? Não, Irmãs minhas, não é tempo de tratar com Deus negócios de pouca importância!

Por certo, se não fosse em atenção à fraqueza humana, tão amiga de ser ajudada em tudo — é justo é fazê-lo, quando está em nossas mãos, — folgaria que se entendesse: não são essas as coisas que se hão de pedir a Deus com tanto empenho (a).

CAPÍTULO II

Trata de como se devem as Irmãs descuidar das necessidades corporais. Do bem que há na pobreza

Não penseis, Irmãs minhas, que por não andardes contentando às pessoas do mundo, vos venha a faltar de comer: isto vos asseguro. Nunca pretendais sustentar-vos por artifícios humanos, que morrereis de fome, e com razão. Os olhos em vosso Esposo! Ele vos há de sustentar. Contente Ele de vós, aqueles mesmos que vos forem menos dedicados, ainda que não queiram, vos darão de comer, como tendes visto por experiência. E se, com este modo de agir, morreredes

(a) ... neste mosteiro de São José (Ms. do Escorial).

de fome, bem-aventuradas as monjas de São José!
 (a) Isto nunca vos saia da memória, por amor de Deus; e, já que deixais a renda, deixai também o cuidado da subsistência; se não, vai tudo perdido. Aqueles que por vontade do Senhor possuem rendimentos, tenham muito embora esses cuidados: é bem razoável, pois tal é sua vocação; mas em nós, Irmãs, é disparate.

Preocupação com rendas alheias, a meu parecer, seria o andar pensando no que os mundanos gozam. Sim, pois com todas as vossas inquietações não mudam os outros seus pensamentos, nem cobram desejo de vos dar esmola. Deixai esse cuidado Aquele que pode mover a todos, e é Senhor dos ricos e das riquezas. Chamadas por Ele, aqui viemos; suas palavras são verdadeiras, não podem faltar: mais depressa passarão os céus e a terra.¹ Não lhe faltemos nós, e não tenhamos medo de que Ele nos falte; e se alguma vez faltar, será em vista de maior bem. Assim permitia Ele que os Santos perdessem a vida, quando eram mortos pelo nome do Senhor; mas com o fim de lhes aumentar a glória por meio do martírio. Boa troca seria acabar depressa com tudo, e gozarmos para sempre da fartura perdurável!

Olhai, Irmãs, muito vos importa isto depois da minha morte, e por esta razão vo-lo deixo escrito; pois, enquanto viver, sempre vo-lo repetirei, pela experiência que tenho do grande bem que aqui se encerra. Quanto menos há, mais descuidada estou; e o Senhor sabe que — segundo me parece — maior pena sinto quando nos sobeja muito, do que na falta do necessário. Não sei se é em parte porque já tenho visto como logo nos socorre o Senhor. O contrário seria enganar o mundo, e professar pobreza no exterior, não a tendo no espírito. Pesar-me-ia na consciência, a modo de dizer; porque seríeis como pessoas ricas que se

(a) *E eu vos asseguro que então serão ouvidas as vossas orações, e começaremos a realizar o que pretendemos* (Ms. do Escorial).

1) *Cælum, et terra transibunt, verba autem mea non præteribunt* (Mt 24, 35).

pussem a pedir esmola. Praza a Deus que assim não aconteça, porque, onde há esses cuidados demasiados de granjear, uma ou outra vez se podem deixar levar pelo costume, chegando a pedir aquilo de que não precisam, e porventura a pessoas mais necessitadas. Estas nada podem perder, senão ganhar, mas nós sairíamos perdendo. Não o permita Deus, filhas minhas; se isso houvesse de acontecer, antes quisesa eu que tivésseis renda.

De nenhum modo se ocupe vosso pensamento em esmolas; isto vos peço por amor de Deus. E quando a menorzinha de entre vós perceber que alguma vez assim acontece nesta casa, clame a Sua Majestade e lembre-o à Maior²; com humildade, diga-lhe que vai errada, e tão errada que pouco a pouco se irá perdendo a verdadeira pobreza. Espero no Senhor que não permitirá tal coisa, nem desemparará as suas servas. Se não prestar para nada isto que me haveis mandado escrever, ao menos neste ponto vos aproveite e sirva de despertador.

E crede-me, filhas minhas, para vosso proveito me tem dado o Senhor a entender um pouquinho dos grandes bens que há na santa pobreza. As que o experimentarem entendê-lo-ão; mas talvez não tanto quanto eu agora, depois de ter sido não pobre de espírito, como o havia professado, senão louca de espírito. E' um bem que encerra todos os bens do mundo (a); é um grande senhorio. Sim, repito: quem nenhum caso faz de os deixar, de novo se torna a assenhorear de todos eles. Que se me dá a mim dos reis e dos senhores, se não cobiço as suas rendas, nem os quero contentar se para isto for mister discontentar na mínima coisa a Deus? Da mesma forma: que se

2) A Priora.

(a) *Creio até que a pobreza contém em si grande parte dos bens de todas as outras virtudes. Isto não afirmo positivamente, porque ignoro o valor de cada uma, e não gosto de dizer o que não tenho certeza de entender. Contudo tenho para mim que a pobreza abraça muitas virtudes (Ms. do Escorial).*

me dá de suas honras, se estou convencida de que para um pobre a maior honra consiste em ser verdadeiramente pobre?

Tenho para mim que honras e dinheiros quase sempre andam juntos: quem deseja as honras não aborrece o dinheiro, e quem o aborrece, pouco se lhe dá das honras. Entenda-se isto bem, pois — segundo me parece — o desejo das honras anda sempre acompanhado de algum interesse de ter rendas e fortuna. Com efeito, raramente se honra no mundo a quem é pobre; antes, pelo contrário, ainda que mereça ser honrado, é tido em baixa conta. A verdadeira pobreza traz consigo uma dignidade que se impõe a todos. Sim, a pobreza abraçada só por amor de Deus, não tem precisão de contentar a mais ninguém senão a Ele; e é coisa certíssima que, em não havendo necessidade, surgem logo muitos amigos. Tenho disto boa experiência.

Quanto se tem escrito sobre esta virtude! Como não o saberei entender, e ainda menos exprimir, nada mais direi dela, para a não agravar com meus louvores. Apenas referi o que tenho visto por experiência, e, confesso, fiquei tão embebida que até agora nem reparei no que estava escrevendo. Mas, enfim, está dito; e uma coisa vos peço por amor de Deus: já que as nossas armas são as da santa pobreza — a qual, no princípio da fundação de nossa Ordem, era tão estimada e praticada por nossos santos Padres, que, segundo me disse quem o sabe, não guardavam coisa alguma de um dia para o outro, — procuremos nós tê-la no coração, conquanto no exterior não haja tanta austeridade. Duas horas temos de vida; grandíssimo é o prêmio; e quando outro não houvera senão cumprir o que nos aconselhou o Senhor, grande paga seria o imitar em alguma coisa a Sua Majestade.

Estas armas hão de ter nossas bandeiras! De todos os modos queiramos ser pobres: na casa, nos vestidos, nas palavras e muito mais no pensamento. E,

enquanto isto fizerdes, não tenhais medo, com o favor de Deus, que haja decadência na religião desta casa, pois, como dizia S. Clara, grandes muros são os da pobreza. Com estes e com os da humildade queria ela cercar os seus mosteiros, segundo afirmava; e, com efeito, se verdadeiramente guardardes estas virtudes, ficará a honestidade, assim como tudo mais, muito melhor fortalecido do que mediante os mais suntuosos edifícios. Destes, rogo-vos, pelo amor de Deus e pelo seu Sangue, que fujais sempre; e, se em consciência o posso dizer, digo: tornem a cair no dia em que os fizerdes (a)!

Muito mal parece, filhas minhas, que se façam grandes edifícios com a fazenda dos pobrezinhos. Deus tal não permita! Seja tudo pobre e pequenino. Parçamo-nos de algum modo com o nosso Rei, que não teve casa senão o portal de Belém onde nasceu e a cruz onde morreu. Casas eram estas nas quais pouca recreação podia haver. Os que as fazem grandes, lá se avenham; terão outros intentos santos; máis para treze pobrezinhas, qualquer cantinho basta. Se tiverem campo com algumas ermidas para se retirarem a orar,³ está bem; é necessário, em razão do muito encerramento em que vivem, e até favorece a oração e devoção; mas edifícios e casas grandes e bem lavradas, nunca! Deus nos livre! Lembrai-vos sempre de que há de cair tudo no dia do juízo. E, quem sabe, será breve?

Ora, fazer muito ruído ao cair a casa de treze pobrezinhas, não é razoável. Os verdadeiros pobres não devem ser barulhentos; hão de ser gente calada, para inspirar compaixão. E como vos alegrareis se virdes alguém escapar do inferno pela esmola que vos tiver dado! Sim, é bem possível, pois estais muito obrigadas a rogar continuamente por aqueles que vos dão de comer; e o mesmo Senhor, embora tudo nos venha

(a) ... *matando a todas* (Ms. do Ecurial).

3) Dentro dos jardins ou cercas de seus conventos, gostava a Santa de ter ermidas nas quais se retirava a orar.

de sua parte, quer que sejamos agradecidas às pessoas por cujo meio nos socorre. Nisto não haja descuido. Já não sei o que tinha começado a dizer; embebi-me em outros assuntos, mas creio assim o quis o Senhor, pois nunca pensei em escrever o que deixei dito. Sua Majestade nos tenha sempre de sua mão, para que disto jamais nos apartemos. Amém.

CAPÍTULO III

Prosegue a matéria que principiou a tratar no primeiro capítulo, e persuade às Irmãs que se ocupem sempre em suplicar a Deus que favoreça os ministros da Igreja. Acaba com uma exclamação.

Torpo ao principal fim para que o Senhor nos ajuntou nesta casa, — e pelo qual desejo muito que tenhamos algum valor para contentar a Sua Majestade. Vendo eu tantas desgraças e compreendendo que forças humanas não bastam para atalhar o fogo ateadado por esses hereges, que vai sempre alastrando, conquanto se tenha pretendido reunir gente para, à mão armada, remediar tão grande mal, pareceu-me necessário fazer como, em tempo de guerra, quando, invadindo os inimigos toda uma região, o soberano, em apuros, recolhe-se a uma cidade que faz muito bem fortificar. Dali acontece de tempos a tempos fazer sortidas e dar sobre os contrários, e são tais os que estão na cidadela e gente tão escolhida, que podem mais, eles sós, do que poderiam com muitos soldados se fossem corvades. Desta maneira muitas vezes ganham vitória; ao menos, se não ganham, não são vencidos; pois, desde que não haja traidor, ninguém os pode sujeitar, a não ser por fome. Em nosso caso não pode haver tal fome que obrigue a

guarnição a render-se; a morrer sim, porém não a ficar vencida.

Mas para que vos digo isto? Para vos dar a entender, Irmãs minhas, qual há de ser o fim das nossas orações. Havemos de pedir a Deus que neste castelozinho, já existente e guarnecido de bons cristãos, nenhum se passe para os contrários; e os capitães deste castelo ou cidade, isto é, os pregadores e teólogos, sejam muito assinalados no caminho do Senhor; e, pois na maior parte pertencem às Ordens religiosas, supplicai que vão muito adiante na perfeição própria de seu estado. E' o que importa extremamente, porquanto, repito, não nos há de valer o braço secular,¹ e sim o eclesiástico; e, já que nada valem — nem perante um, nem perante outro — para defender o nosso Rei, procuremos ser tais que nossas orações tenham poder para ajudar a esses servos de Deus que à custa de tantos trabalhos se têm fortalecido com letras e santa vida e se empregam em combater agora pelo Senhor.

Podereis perguntar-me qual a razão de minha insistência em dizer que havemos de ajudar aos que são melhores do que nós? Eu vo-lo explicarei, pois, creio, ainda não entendeis bem o muito que deveis ao Senhor por vos ter trazido a esta casa onde estais tão livres de negócios, ocasiões e tratos. E' grandíssima esta mercê. O mesmo não se dá com aqueles de quem falo; nem conviria que assim fosse — nestes tempos ainda menos do que em outros, — porque a eles pertence esforçar a gente fraca e infundir ânimo aos pequenos. Que seria dos soldados sem capitães! Vêem-se estes obrigados a viver entre os homens, a tratar com os homens, a estar nos palácios, e ainda algumas vezes a conformar-se com os mundanos no exterior. E julgais, filhas minhas, que é preciso pouca virtude para tratar com o mundo, e viver no mundo, e envolver-se nos negócios do mundo, e adaptar-se, como digo, à conversação do mundo, e ser no in-

1) O poder civil.

terior estranhos ao mundo, e inimigos do mundo, e viver nele como quem está desterrado? Em uma palavra: não ser homens, senão anjos? Com efeito, se assim não forem, nem merecem o nome de capitães, nem permita o Senhor que saiam de suas celas, pois fariam mais dano do que proveito, porque não é tempo agora de se verem imperfeições nos que devem ensinar.

Se no interior não estiverem bem fortalecidos, entendendo quanto lhes importa calcar tudo debaixo dos pés e viver desapegados das coisas que se acabam e abraçados às eternas, por mais que o queiram encobrir o deixarão transparecer. Não tratam eles com o mundo? Pois estejam certos de que nada lhes perderá, nem deixará de perceber imperfeição alguma. De muitas obras virtuosas não farão caso os mundanos, e talvez nem as tenham nesta conta; porém faltas ou imperfeições, não tendes receio de que as deixem passar. Causa-me espanto: quem lhes ensina a perfeição? Não para praticá-la — pois lhes parece que disto nenhuma obrigação têm, e que muito fazem se guardam razoavelmente os mandamentos, — senão para tudo condenar, e até por vezes considerar regalo o que é virtude. Não penseis, portanto, que seja mister pouco favor de Deus para esta grande batalha em que estão metidos; pelo contrário, precisam de grandíssimo socorro.

Para estas duas coisas, vos peço eu, procuremos ser tais, que as mereçamos alcançar de Deus. Uma é: que entre os numerosíssimos letrados e religiosos atuais haja muitos que tenham as qualidades necessárias à luta, como ficou dito, e os menos bem dotados os disponha o Senhor, pois mais fará um perfeito do que muitos que não o sejam. A outra: que, uma vez metidos nesta peleja — que, repito, não é pequena, — os tenha o Senhor da sua mão, para poderem livrar-se de tantos perigos como há no mundo, e tapar os ouvidos ao canto das sereias, neste proceloso mar. E se para isto tivermos algum valimento junto de Deus,

estando encerradas pelejamos por Ele; e darei por muito bem empregados os trabalhos que tenho passado para fazer este cantinho,² onde também pretendi se guardasse com a perfeição dos tempos primitivos a Regra de nossa Imperatriz e Senhora.

Não julgueis inútil perseverar continuamente nesta petição. Sim, porque a certas pessoas parece duro não rezar muito por sua alma; mas haverá oração melhor que esta? Se tendes receio de que não se vos descontem as penas do Purgatório, ficai sabendo: também por este meio vos serão descontadas; e o que ainda faltar, falte. Que importa ficar eu no Purgatório até o dia do juízo, se pela minha oração se salvar uma só alma? Quanto mais tratando-se do proveito de muitas e da honra do Senhor! De penas que depressa se acabam, não façais caso, quando tiverdes em vista o maior serviço daquele que tanto sofreu por nós; informai-vos sempre do que é mais perfeito. Assim é que vos peço por amor de Deus: rogai a Sua Magestade que neste ponto nos atenda. Quanto a mim, ainda que miserável, suplico o mesmo, pois é para glória sua e bem da sua Igreja, e é este o único alvo de meus desejos.

Parece atrevimento pensar eu em contribuir de algum modo para alcançar isto; mas confio, Senhor meu, nestas vossas servas que aqui estão, pois sei que nada querem nem pretendem, senão contentar-vos. Por vós deixaram o pouco que tinham; e desejariam ter muito mais para o sacrificar por vosso amor. Pois, Criador meu, não sois desagradecido, não me posso convencer de que deixareis de atender às suas súplicas; nem aborrecestes, Senhor, as mulheres quando andastes no mundo, antes sempre as favoreciéis com muita piedade. Quando vos pedirmos honras, ou rendimentos, ou dinheiro, ou coisa que saiba a mundo, não nos ouçais; mas para glória de vosso Filho, por que não haveis de ouvir, ó Padre Eterno, a quem por vós perderia mil honras e mil vidas? Não em atenção

2) O Convento de São José, de Avila,

a nós, Senhor, que não o merecemos, mas pelo Sangue de vosso Filho e pelos seus merecimentos!

O' Eterno Padre! vede que não podeis olvidar tantos açoites e injúrias e tão gravíssimos suplícios! Como, pois, Criador meu, podem umas entranhas tão amorosas como as vossas tolerar que o Santíssimo Sacramento, instituído por vosso Filho com amor tão ardente e para mais vos render glória, a Vós que lhe destes preceito de nos amar, seja tão pouco estimado hoje em dia por esses hereges, que lhe tiram suas pousadas, destruindo as igrejas? Ainda se Ele houvesse deixado de fazer alguma coisa para vos agradecer! Mas, pelo contrário: tudo fez inteiramente. Não foi bastante, Padrê Eterno, não ter Ele onde reclinar a cabeça enquanto viveu, e sempre no meio de tantos trabalhos? Ainda lhe querem agora tirar as casas que tem para banquetear seus amigos, por nos ver fracos e saber quão necessário é que deste manjar se sustentem os que hão de trabalhar? Já não havia Ele satisfeito cabalmente pelo pecado de Adão? Todas as vezes que tornamos a delinquir, sempre o há de pagar este amantíssimo Cordeiro? Não o permitais, Imperador meu! Aplaque-se já vossa Majestade! Não olheis para nossos pecados, mas para vosso sacratíssimo Filho que nos remiu, e para seus merecimentos e os de sua gloriosa Mãe, e os de tantos santos e mártires, que por Vós têm dado a vida!

Ai de mim Senhor! é quem se atreveu a fazer esta petição em nome de todas? Que má terceira,³ filhas minhas, para apresentar a vossa súplica e vos alcançar despacho! Não se há de mais indignar este soberano Juiz ao ver-me tão atrevida, — e com toda a razão e justiça? Mas olhai, Senhor, que sois Deus de misericórdia, e usai dela com esta pecadorazinha, com este vermezinho que se atreve a falar-vos! Olhai, Deus meu, para os meus desejos e para as lágrimas com que vos faço esta súplica! Esquecei-vos das mi-

3) Medianeira.

nhas obras, por quem sois! Tende lástima de tantas almas que se perdem, e favorecei a vossa Igreja! Não permitais já semelhantes danos na Cristandade, Senhor; dai luz sem tardança a estas trevas!

Peço-vos, Irmãs minhas, por amor de Deus, que encomendeis a Sua Majestade esta pobrezinha e lhe alcanceis humildade, pois disto tendes obrigação. Não vos recomendo particularmente os reis e os prelados da Igreja, em especial o nosso Bispo,⁴ porque vejo as Religiosas atuais tão cuidadosas neste ponto, que inútil me parece insistir. Quanto às que vierem depois, vejam bem, que tendo santo prelado, também o serão as súditas. Como coisa tão importante, ponde-a sempre diante do Senhor; e quando vossas orações, e desejos, e disciplinas, e jejuns não se empregarem no que deixei dito, ficai certas de que não realizais, nem cumpris o fim para o qual vos ajuntou aqui o Senhor.

CAPÍTULO IV

Em que persuade às Irmãs que guardem a Regra. Três coisas importantes para a vida espiritual. Declara a primeira destas três coisas, que é o amor do próximo, e fala sobre os perigos das amizades particulares.

Já tendes visto, filhas, a grande empresa que pretendemos levar a termo. Que tais deveremos ser aos olhos de Deus e aos do mundo para que nos não tenham por muito atrevidas? Está claro que nos é necessário trabalhar com afinco; e muito ajuda ter altos pensamentos para nos esforçarmos a que o sejam também as obras. Se procurarmos com o máximo cuidado observar perfeitamente as nossas Regras e Constituições, do Senhor espero que admitirá os

4) Dom Alvaro de Mendoza, bispo de Avila.

nossos rogos. Sim, não vos peço novidades, filhas minhas, senão que guardemos o que professamos, pois é nossa vocação e a isto estamos obrigadas; conquanto possa haver grande diferença entre guardar e guardar ¹.

Diz nossa Regra primitiva que oremos sem cessar. Se cumprirmos este ponto, que é o mais importante, com todo o cuidado que estiver em nossas mãos, não deixaremos de observar os jejuns e disciplinas, e silêncio que manda o Ordem; porque já sabeis que a oração para ser verdadeira se há de valer de tudo isto. Oração e vida regalada são dois contrários.

Foi sobre esta matéria da oração que me pedistes alguns conselhos. Em paga do que vos disser, peço-vos que observeis e leiais muitas vezes de boa vontade o que tenho escrito até agora. Antes, porém, de me referir ao interior, isto é, à oração, direi às que pretendem ir por este caminho algumas coisas necessárias, e tão necessárias, que se as possuídes, mesmo não sendo muito contemplativas, podereis adiantar-vos rapidamente no serviço do Senhor; se, pelo contrário, vos descuidardes delas, é impossível serdes grandes contemplativas, e quando vos tiverdes nesta conta, estareis muito enganadas. O Senhor me dê seu favor para isto e me ensine o que devo dizer, a fim de que seja para sua glória. Amém.

Não penseis, amigas e irmãs minhas, que serão muitas as coisas que recomendarei. Praza ao Senhor observemos as que foram ordenadas e cumpridas por nossos Santos Padres, pois por este caminho mereceram tal nome. Seria erro buscar outro ou aprendê-lo de alguém. Estender-me-ei tão somente em declarar-vos três, que são das mesmas Constituições; porque muito importa entendermos o grandíssimo proveito que nos virá da sua observância, para alcançarmos, interior e exteriormente, a paz tão recomendada pelo Senhor. A primeira é o amor de umas para com ou-

1) Quer dizer que pode haver diversos graus de fervor e fidelidade no modo de guardar a Regra.

tras; a segunda, o desapego de todo o criado; a terceira, a verdadeira humildade; e esta, embora mencionada por último, é a principal e abraça todas.

Quanto à primeira, que é amar-vos muito umas às outras, tem suma importância, porque entre os que se amam não há coisa desagradável que não se releve com facilidade; é preciso motivo muito grave para ocasionar discórdia. Se este mandamento fosse cumprido no mundo como é razão, creio que muito contribuiria para se observarem os demais. Acontece, porém, que, ora por excesso, ora por defeito, nunca chegamos a guardá-lo perfeitamente. Parece à primeira vista que entre nós não pode ser prejudicial a demasia; entretanto acarreta tantos males e imperfeições, que só o crerá, penso eu, quem tiver sido testemunha ocular. Daqui toma o demônio ocasião de armar muitos enredos, que para uma consciência superficialmente cuidadosa de contentar a Deus passam despercebidos e chegam a parecer virtude; mas para uma alma que trata de perfeição logo são manifestos, porque aos poucos enfraquecem a vontade e a tornam incapaz de se empregar totalmente em amar a Deus.

Nas mulheres julgo ser isto ainda mais comum do que nos homens, e traz danos muito notórios à Comunidade. Daqui nasce o não se amarem tanto umas às outras, em geral; o sentir o agravo feito à amiga; o desejar ter presentinhos para ela; o buscar tempo para lhe falar — e muitas vezes mais para dizer o quanto lhe quer bem e outras coisas impertinentes, do que o muito que ama a Deus. De fato, essas grandes amizades poucas vezes têm por fim o se ajudarem mutuamente a crescer no amor divino; antes estou persuadida de que o demônio as faz começar para introduzir bandos nas Religiões. Quando visam o serviço de Sua Majestade, logo se conhece, porque a vontade não se deixa levar pela paixão; antes procura auxílio para vencer outras paixões.

Destas amizades santas quisera eu muitas nas Co-

munidades numerosas; mas nesta casa, onde não são nem hão de ser mais de treze,² todas devem ser amigas, todas se hão de amar, todas se hão de querer, todas se hão de ajudar; e, pelo amor de Deus, guardem-se destas particularidades, por santas que lhes pareçam, porque ainda entre irmãos (a) costumam ser peçonha. Nenhum proveitor vejo nisto, e se há parentesco, pior ainda: é verdadeira peste. E crede-me, Irmãs, ainda que esta recomendação vos pareça exagerada, encerra grande perfeição e suma paz, e livra de muitas ocasiões as que não estão muito fortes. Quando sentirdes vossa vontade inclinar-se mais a uma Irmã do que a outra — o que não pode deixar de acontecer, pois é pendor da natureza, que muitas vezes nos leva a amar o pior se tem mais atrativos humanos, — resisti fortemente e não vos deixeis dominar por semelhante afeição. Amemos as virtudes e o bom espírito, e andemos acauteladas, fugindo sempre de fazer caso do exterior.

Não consintamos, ó Irmãs, que a nossa vontade seja escrava senão daquele que a comprou com o seu Sangue. Andai de sobreaviso, pois, sem saber como, vos achareis apegadas e não vos podereis livrar. Oh! valha-me Deus! que ninharias intermináveis daqui se originam! E porque são tão miúdas, que só quem as vê as entenderá e acreditará, não vale a pena mencioná-las aqui. Direi apenas que em qualquer Religiosa será mau, e na Prelada, verdadeira peste (b).

2) Mais tarde ficou determinado que haveria vinte em cada mosteiro.

(a) *Se duvidais, vede o que aconteceu a José do Egito. (Ms. do Escorial).*

(b) *As ninharias que nascem daqui são inumeráveis, a meu ver; para não divulgar tantas fraquezas de mulheres e não ensinar às que o não sabem, não as quero contar por miúdo. Asseguro-vos, porém, que algumas vezes me espantavam. Neste ponto, pela bondade de Deus, nunca me senti muito apegada, talvez por ter apegos a coisas piores. Mas, como digo, tendo visto frequentemente em alguns mosteiros essas fraquezas, receio que existam na maior parte deles. Em qualquer Religiosa, prejudica sumamente a inteira observância religiosa e a perfeição; e na Prelada — torno-vos a dizer — seria verdadeira peste (Ms. do Escorial).*

Em atalhar estas parcialidades é necessário grande cuidado desde o princípio, quando se vai formando a amizade; e isto mais com amor e jeito, do que usando de rigor. Para o conseguir é grande meio não estarem juntas as Irmãs fora das horas determinadas, e não falarem entre si, conforme o costume que agora observamos, e é não estarem reunidas, senão cada uma separada em sua cela, como manda a Regra. Livrem-se, neste convento de São José, de ter casa de labor,³ porque, embora seja uso louvável, com maior facilidade se guarda o silêncio estando cada uma por si só. Habituar-se à soledade é grande coisa para a oração; e, pois sobre esta base devem assentar-se os alicerces deste mosteiro (a), é necessário por todos os meios afeiçoarmô-nos ao que mais a favorece.

Tornemos ao amor que devemos ter umas às outras. Parece escusado recomendá-lo. Com efeito, como imaginar pessoas tão grosseiras que, vivendo sempre juntas em estreita companhia, sem outra convivência, outros tratos, ou recreações fora de casa com estranhos, não se cobrem mútuo amor? Ainda com mais razão entre nós, pois cremos que Deus ama as nossas Irmãs e elas o amam, visto terem deixado tudo por Sua Majestade. A virtude, já por si, convida a ser amada, e esta, com o favor de Deus, espero em Sua Majestade, sempre haverá nas Religiosas desta casa. Não me parece, pois, necessário insistir muito sobre este ponto.

Mas de que modo se hão de amar? Que coisa é o amor virtuoso que eu desejo ver aqui, e como conheceremos se estamos de posse desta virtude, que é bem grande, pois Nosso Senhor tão encarecidamente a recomendou a seus Apóstolos e a todos os homens? Eis o que eu gostaria de explicar um pouquinho agora, conforme a minha rudeza. Se em outros livros o encontrardes com as mesmas minudências, nada tomeis de mim, que porventura não sei o que digo.

3) Oficina para o trabalho manual em comum.
(a) e para isto nos reunimos (Ms. do Escurial).

De duas espécies de amor quero tratar. Um é tão espiritual que parece totalmente isento de qualquer sensualidade ou ternura da natureza que o torne menos puro. O outro é espiritual, porém acompanhado de nossa sensibilidade e fraqueza; contudo é amor bom e lícito, semelhante ao dos parentes e amigos. Deste já ficou dito alguma coisa.

Quero falar agora do que é puramente espiritual sem mistura de paixão alguma, porque em havendo alguma paixão, logo toda a harmonia se muda em discordância; e se discreta e moderadamente tratar-des com pessoas virtuosas, especialmente Confesso-res, tirareis proveito espiritual. Se, porém, no Confes-sor perceberdes tendência a alguma vaidade, tende tudo por suspeito e de nenhum modo alimenteis con-versações com ele, por boas que sejam. Fazei bre-vemente vossa confissão e retirai-vos. E o melhor se-ria dizer à Prelada que não encontrais proveito para a vossa alma e precisais mudar de Confessor. Isto é o mais acertado, quando se pode fazer sem lhe tocar na honra (a).

(a) *Quando nos portamos com prudência e moderação nas afeições que não são inteiramente espirituais, tuão se torna meritório, e o que nos parece vir da natureza se transforma em virtude. Acontece, porém, algumas vezes, misturar-se de tal modo o espiritual e o natural, que não há quem o entenda, especialmente se é em relação ao Confessor. Com efeito, as pessoas que tratam de oração, quando vêem que este é santo e as compreende bem, lhe cobram muita amizade. Imediatamente as assalta o demônio com grande bateria de escrúpulos que não pouco lhes desassossegam a alma; e é isto mesmo que ele quer, sobretudo quando se trata de Confessor que as faça progredir na perfeição. Vêem-se apertadas com tantos temores, que por fim abandonam o Confessor; o mesmo fazem com outro, e ainda com outro, sempre atormentadas por aquela tentação.*

O melhor, neste caso, é não se porem a examinar se querem ou não querem bem. Se quiserem, queiram! Com efeito, se cobramos amor a quem nos faz algum beneficio ao corpo, por que não havemos de querer a quem sempre se esforça e trabalha por fazer benefícios à alma? Tenho até por grande ajuda para progredir consideravelmente no espirito, essa afeição ao Confessor quando ele é santo e espiritual e se interessa deveras pelo adiantamento da alma; porque é tão grande a nossa fraqueza, que isto algumas vezes contribui

Quando não se sabe que resolução tomar, nestes casos difíceis e em outros semelhantes em que o demônio poderia armar enredos, o mais prudente é falar com algum Padre que tenha letras — pois havendo necessidade é permitido, — e confessar-se com ele e seguir a direção que der; porque é preciso lançar mão de algum remédio, e agindo de outro modo se poderia errar muito. E quantos erros se cometem no mundo por falta de tomar conselho nas ocasiões, particularmente quando se trata de prejudicar alguém! Deixar de empregar algum meio, é impossível, porque o demônio quando começa por este lado, vai longe, se não se atalha prontamente. O mais acertado é, pois, como já disse, procurar falar com outro Confessor, se houver possibilidade, e espero no Senhor que haverá sempre.

não pouco para realizarmos obras magníficas no serviço de Deus. Quando, porém, o Confessor não é tal como deve ser, aí está o perigo; e, se ele entender que é estimado, poderá ser causa de grandíssimos inconvenientes, nos mosteiros de estreita clausura muito mais que nos outros. E, como difficilmente se conhece se tem todas as qualidades, é mister andar de sobreaviso e com grande cautela. O melhor é não lhe dar a entender nem lhe descobrir a nossa afeição. Verdade é que o demônio tiraniza as almas e não as deixa calar, porque imaginam que é justamente disso que se devem acusar e portanto estão obrigadas a dizê-lo. Por esta razão quisera eu que se persuadíssem bem de que nenhum mal existe nisso, e não fizessem caso.

Tomai este conselho: se virdes que todas as práticas do Confessor visam o aproveitamento da alma; se não perceberdes nele qualquer vaidade — e logo o entenderéis se não quiserdes fazer-vos de bobas; — enfim, se reconhecerdes que é temente a Deus, não vos deixeis afligir por escrúpulos e temores acerca da vossa muita afeição. O demônio afinal ficará cansado e vos deixará em paz. Se, pelo contrário, perceberdes qualquer tendência à vaidade nas palavras do Confessor, tende tudo por suspeito, e de nenhum modo vos detenhais com ele, nem mesmo para falar de Deus e de assuntos de oração. Confessai-vos com brevidade e despedi-vos. O melhor seria dizer à Madre Priora que vossa alma não se sente bem com ele, e mudar de Confessor. Isto é o mais acertado, se se puder fazer, e, espero em Deus, sempre será possível. Em seguida, fazei o que estiver em vossas mãos para não mais lhe falar, ainda que ele o sinta como a própria morte (Ms. do Escurial).

Vede que este ponto é de suma importância: é coisa perigosa, é um inferno, uma ocasião de ruína para todas. E recomendo-vos que não aguardeis até entender que o mal é muito: logo desde o princípio atalhai-o por todos os modos possíveis e convenientes. Com boa consciência o podeis fazer. Espero, porém, que não há de permitir o Senhor que pessoas sempre ocupadas em oração empreguem seus afetos senão em quem for muito servo de Deus. Isto é fora de dúvida; ou então é certo não terem a oração nem a perfeição a que se aspira nesta casa. Com efeito, se virdes que o Confessor não entende a vossa linguagem nem é afeiçoado a falar de Deus, não o podereis amar, porquanto não será semelhante a vós. Se o for, com as pouquíssimas ocasiões que haverá aqui, ou será muito simplório ou não há de querer inquietar a si mesmo e a estas servas de Deus.

Já que principiei a falar neste ponto, em que o demônio pode fazer grande dano, direi ainda que é preciso largo tempo para descobrir o mal. Deste modo se pode ir estragando a perfeição sem se saber como, nem por onde; porque o Confessor, se quer dar entrada às vaidades de que está cheio, fará considerar tudo como ninharias, mesmo em relação às outras. Deus nos livre, por quem Sua Majestade é, de semelhantes coisas! Seria o bastante para perturbar todas as monjas; porque a consciência lhes diz o contrário do que diz o Confessor; e, quando se vêem obrigadas a ter um só, não sabem o que fazer, nem como se tranquilizar, pois de quem lhes devia proceder paz e remédio, é que provém o dano. Destas aflições haverá bastantes em algumas partes, o que me faz grande lástima; e por isso não vos admireis de que eu insista muito em vos pôr de sobreaviso contra este perigo (a).

(a) *Tenho visto em certos mosteiros grandes aflições nesta matéria, porém não no meu* (Ms. do Escorial).

CAPITULO V

Continua a falar dos confessores. Diz quanto importa que sejam letrados.

A nenhuma Religiosa desta casa dê o Senhor a provar, por quem Sua Majestade é, a angústia de se ver oprimida na alma e no corpo, como ficou dito. Se a Prelada está tão bem com o Confessor, que as Irmãs não ousam dizer coisa alguma dela a ele, nem dele a ela, logo lhes vem a tentação de deixar de confessar pecados muito graves, por receio de algum desassossego. Oh! valha-me Deus! que dano pode fazer aqui o demônio! Quão caro lhes custa a disciplina e a honra! Imaginam que se todas tratarem com um só Confessor, o mosteiro granjeará muita fama de observância e religião; e entretanto é por esse mesmo caminho que o demônio intenta colher as almas, por não achar outra entrada. Se pedem outro Confessor, logo parece que vai por água abaixo a disciplina da casa; e se não é da Ordem, ainda que seja santo, dir-se-ia que é fazer afronta a toda a Comunidade (a).

Esta santa liberdade¹ peço eu, por amor do Senhor, a que estiver por Maior procure manter sempre, alcançando do Bispo ou Provincial licença para ela e suas monjas algumas vezes tratarem e communicarem as coisas da alma com pessoas que tenham letras, fora dos Confessores ordinários, especialmente se estes, embora muito bons, não as tiverem. Grande vantagem é a ciência para dar luz em tudo. Possível será achar virtudes e ao mesmo tempo letras em algumas pessoas; e quanto mais mercês espirituais vos fizer o Senhor, mais necessidade tendes de que vossas obras e vossa oração tenham sólidos fundamentos.

Já sabeis que a primeira pedra deste edificio há de ser a boa consciência; com todas as vossas forças

(a) ainda que fosse um São Jerônimo, dir-se-ia que fazem afronta à Ordem em peso (Ms. do Escorial).

1) De recorrer a Confessores doutos.

vos haveis de livrar dos pecados, mesmo veniais, e seguir o mais perfeito. Parecerá que isto qualquer Confessor sabe, mas que engano! A mim me aconteceu tratar assuntos de consciência com um que havia feito todo o curso de Teologia, e entretanto me fez bastante mal, dizendo-me que certas faltas não tinham importância. E sei que não pretendia enganar-me, nem tinha interesse nisto, porém mais não sabia. E com outros dois ou três aconteceu-me o mesmo.

Esse estar de posse da verdadeira luz para com perfeição guardar a lei de Deus, é o nosso maior bem: é a base sobre a qual assenta devidamente a oração. Tirai este forte alicerce e logo estará em falso todo o edifício; e é o que vos acontecerá se não vos derem liberdade para vos confessardes e tratares as coisas da alma com as pessoas eminentes de que falei. Atrevo-me a dizer mais: ainda que o Confessor tenha todas as qualidades, fazei algumas vezes o que digo; porque pode enganar-se, e não convém enganarem-se todas por causa dele. Procurai sempre não dar passo contra a obediência, que para tudo há meios. Muito valor tem uma alma, e cumpre por todos os modos possíveis buscar o seu adiantamento.

Todos estes avisos dizem respeito à Prelada; e assim lhe torno a pedir que nisto procure consolar as Irmãs, pois aqui não se pretende outra consolação a não ser a do espírito. Os caminhos por onde Deus leva as almas são diversos, e um só Confessor não os há de saber todos, forçosamente. Asseguro-vos que apesar de vossa pobreza não faltarão pessoas santas que vos queiram atender e consolar, se fordes tais como deveis ser; porque o mesmo Senhor que sustenta vossos corpos, saberá suscitar e dispor favoravelmente a quem de boa vontade dê luz às vossas almas. Assim ficará remediado este mal, que me inspira tanto receio; porque ainda quando o demônio tentasse enganar em alguma doutrina ao Confessor, este, sabendo que outros são consultados, andará com mais cautela e pesará melhor tudo o que faz.

Se tirarmos ao inimigo esta entrada, ele nunca a terá neste mosteiro, espero em Deus; e assim peço, pelo amor do Senhor, ao Bispo que for em qualquer tempo nosso Prelado, que deixe e conserve a sobredita liberdade às Irmãs (a), quando se tratar de homens eminentes, dotados de ciência e virtude, o que logo se entende num lugar tão pequeno como o nosso (b).

Tudo isto que acabo de dizer, tenho-o visto, compreendido e também consultado com pessoas doulas e santas, empenhadas em estudar o que mais convém ao progresso e perfeição desta casa. Ora, entre os vários perigos, — que sempre os há enquanto vivemos, — achamos ser este² o menor. Ficou igualmente estabelecido que jamais haverá Vigário com direito para entrar e sair, nem Confessor que tenha tal liberdade. Sirvam para zelar o recolhimento e honestidade da casa e o progresso espiritual e material, avisando ao Prelado quando houver falta; mas nenhum deles seja Superior.

E' o que agora se observa, — e não só pelo meu parecer. De fato, nosso Bispo atual, Dom Alvaro de Mendoza (debaixo de cuja obediência estamos, pois por muitas causas não ficamos sujeitas à Ordem), grande servo de Deus, amigo da observância e santidade, de alta nobreza de linhagem e muito afeiçoado

(a) e esteja seguro de que terá boas súditas, com o favor de Deus (Ms. do Escorial).

(b) Quando forem tais, que possuam letras e santidade — e é fácil de entendê-lo em lugar tão pequeno — nunca tire o Bispo às Irmãs a licença de com elles se confessarem e tratarem da sua oração, embora a Comunidade já tenha Confessores. Sei que assim é conveniente por muitos motivos; o dano que pode haver é insignificante em comparação do mal tão grande, dissimulado e, por assim dizer, quase irremediável, que há no modo de agir contrário. E' que nos mosteiros se observa o seguinte: o bem, se não é guardado com suma exatidão, decai muito depressa; e o mal, uma vez introduzido, é difficilimo de extirpar, porque em muito pouco tempo a natureza se acostuma às imperfeições e cria hábitos inveterados. (Ms. do Escorial).

2) Isto é, o perigo que poderia resultar da liberdade mencionada.

a favorecer de todas as maneiras esta casa, promoveu uma junta de pessoas eminentes em letras, espírito e experiência para deliberarem sobre este ponto; e ficou decidido isto. Razão será que para o futuro os Prelados se rendam ao mesmo parecer, pois foi determinado por pessoas tão dignas, depois de muitas orações, implorando do Senhor luz para escolherem o melhor; e os sucessos têm provado, até agora, que realmente assim é. O Senhor seja servido de o levar sempre adiante para sua maior glória. Amém.

CAPÍTULO VI

Torna à matéria, já começada, do perfeito amor.

Saí bastante do assunto, mas é tão importante o que deixei dito, que não me culpará quem o entender. Tornemos agora ao amor que nos deve unir, aquele a que chamo puramente espiritual. Talvez não saiba eu o que digo; em todo caso, parece-me não ser necessário estender-me, porque raros são os que o possuem. Quem tiver recebido esta dádiva divina, louve muito ao Senhor, pois deve ser de grandíssima perfeição. Não quero, contudo, deixar de dizer sobre ele alguma coisa. Porventura será de algum proveito, pois quem deseja a virtude e pretende alcançá-la, em a vendo diante dos olhos, logo se afeiçoa a ela.

Praza a Deus dar-me graça, não só para explicar, mas até para entender esse amor, pois, creio eu, nem sei qual é o espiritual, nem quando é misturado com o sensível, nem como me atrevo a falar nisto. Imaginaí uma pessoa que ouve falar de longe e não percebe o sentido das palavras: assim sou eu. Algumas vezes não entendo provavelmente o que digo, e entretanto permite o Senhor que me saia bem. Se de outras vezes for disparate, é o mais natural em mim: não acertar em nada.

Pois bem! Parece-me que uma pessoa quando, por mercê de Deus, chega a conhecer claramente o que é este mundo e quanto vale; a existência de outro mundo superior; a diferença entre o primeiro, que é um sonho, e o segundo, que é eterno; quando compreende — e isto, não só por crença e persuasão, mas experimentalmente, por modo muito mais alto — o que é amar a Deus ou ao homem; o que se ganha com um e se perde com o outro; que coisa é Criador, e que coisa é criatura, e outros muitos segredos que o Senhor ensina a quem se presta a ser dele ensinado na oração, ou a quem apraz a Sua Majestade, — essa pessoa sabe amar muito melhor do que nós, que ainda não chegamos a essa perfeição.

Poderá parecer-vos descabido, Irmãs, tratar deste assunto; direis que já estais a par de todas estas coisas que vos explico. Praza ao Senhor que assim seja e que o tenhais impresso nas entranhas como é preciso; pois, se o souberdes, vereis como não minto quando afirmo que este amor é próprio das almas elevadas pelo Senhor a grande altura. São almas generosas, almas régias, essas que Deus faz chegar a este ponto; não se contentam com amar coisa tão ruim como os corpos, por mais formosos e ornados de graças que sejam. Por certo os admiram, e louvam o Criador, mas não se detêm neles; quero dizer, não se detêm de modo a lhes cobrar amor por causa dos atrativos exteriores. Logo lhes pareceria amar coisa sem substância e empregar-se em querer bem a uma sombra; ficariam envergonhadas de si mesmas e não teriam cara para sem grande confusão dizer a Deus que o amam.

Dir-me-eis: Esses tais não saberão amar, nem corresponder ao afeto que se lhes tiver; e, com certeza, pouco se lhes dará de serem queridos. De fato, ainda que algumas vezes, no primeiro momento, levados por uma inclinação natural, folguem de ser amados, logo, caindo em si, vêem que é disparate, a menos que se trate de pessoas capazes de lhes fazer proveito à alma com doutrina ou com oração. Qualquer outra

amizade os cansa; pois entendem que nenhum bem lhes fará, antes lhes poderia fazer mal. Não é que se descuidem de agradecer e retribuir aos amigos com sua intercessão junto de Deus, mas deixam tudo a cargo do Senhor, como coisa que lhe diz respeito é dele procede; pois em si não acham merecimento para serem queridos. Logo lhes parece que se alguém os ama, é porque Deus os ama; e assim deixam a Sua Majestade o cuidado de pagar, e lhe suplicam que o faça; depois ficam livres, como se nada lhes tocasse. E, tudo bem considerado, penso comigo algumas vezes: quão grande cegueira é querer ser amado, a menos que se trate de pessoas que nos possam ajudar a conseguir bens perfeitos, como já disse!

Notai agora: quando queremos o amor de alguém, sempre temos em vista um interesse de proveito ou contentamento nosso. Ora, estas almas perfeitas já trazem tudo debaixo dos pés: bens, regalos e prazeres que o mundo lhes pode dar; chegaram a tal ponto, que, por assim dizer, ainda que queiram não se podem deleitar senão em Deus, ou em tratar de Deus. Sendo assim, que proveito lhes pode resultar de serem amadas?

Convencidas desta verdade, riem-se de si mesmas e do tempo em que se afligiam por não saberem se era correspondido ou não o seu amor. Ainda que nossa amizade seja boa, logo nos é muito natural querer receber a paga; mas, cobrada esta, em que consiste? São apenas palhinhas ocas e sem peso, que o vento carrega; porque, ainda quando muito nos tenham amado, afinal de contas, que nos resta? Assim é que, a não ser para proveito do espírito com as pessoas sobreditas — porque, bem sabem, é tal nossa natureza que logo se cansa quando o amor não alimenta a dedicação, — pouco se lhes dá de serem ou não queridas. Parecer-vos-á que estes tais não amam como nós, nem sabem amar senão a Deus? Pois eu vos digo que amam muito mais, e com mais paixão, e com amor mais verdadeiro e proveitoso; em suma, isto é que é

amor. São sempre muito mais afeiçoados a dar do que a receber; até com o próprio Criador lhes acontece isto. Asseguro-vos que só este amor merece tal nome, e que essas outras afeições baixas o têm usurpado.

Perguntareis também: se estes não amam o que vêem, a que se afeiçoam? Na verdade, amam o que vêem, e afeiçoam-se ao que ouvem; mas só vêem o que é estável. Quando amam a alguém, logo, prescindindo do corpo, põem os olhos na alma, e examinam se há nela coisa digna de amor. Se a não há, mas descobrem alguma boa disposição ou prenúncio de que é mina em que se cavarem acharão ouro, não poupam trabalho, quando querem bem. Não há coisa difícil que de boa vontade não façam para proveito daquela alma, porque desejam continuar a amá-la, e sabem perfeitamente que se não tiver virtudes e não amar muito a Deus, é impossível. Sim, é impossível, por mais que os obrigue com todos os obséquios imagináveis, ainda que morra de amor por eles, e possua todas as graças da natureza reunidas: a amizade não terá força, nem poderá permanecer firme. Sabem já por experiência o que são as coisas da terra; ninguém lhes impingirá dado falso. Quando dois não pensam do mesmo modo, como poderão amar-se por muito tempo? E' amor que há de acabar com a vida, pois, se um não guarda a lei divina, e por conseguinte não ama a Deus, diferentes hão de ser os seus destinos.

Essas almas, nas quais o Senhor já infundiu verdadeira sabedoria, não estimam, além do que realmente vale, um amor que só dura o tempo da vida. Nem mesmo lhe dão o valor que tem; porque enfim para quem deseja gozar as coisas do mundo — como são deleites, honras e riquezas, — algum valor tem um amigo quando é rico, e possui meios de proporcionar recreação e passatempo. Mas quem tudo isto aborrece, pouco ou nenhum caso faz de tal amizade. Quando elas amam, toda a sua paixão é fazer que o amigo tenha amor a Deus, para que também seja amado por ele; pois sabem, repito, que de outro mo-

do, não poderão continuar a amá-lo. Muito cara lhes custa a amizade: não há diligência a seu alcance que não façam para aproveitamento da pessoa amada; mil vidas perderiam para lhe granjear um pequeno benefício. O' precioso amor, que tão fielmente imita ao capitão do amor, Jesus, nosso Bem!

CAPÍTULO VII

Em que trata da mesma matéria do amor espiritual e dá alguns conselhos para o alcançar.

E' coisa estranha! Que apaixonado amor, o de uma alma santa! Que de lágrimas custa! Que de penitências! Que cuidado de encomendar o amigo às orações de todos aqueles que parecem ter valimento junto de Deus! Que desejo contínuo de o ver progredir, e que mágoa inconsolável quando assim não acontece! Se, julgando-o melhorado, o vê tornar um pouco atrás, dir-se-ia que não pode mais ter prazer na vida. Não come, nem dorme, é só aquele cuidado; sempre o temor de que se perca alma tão querida, de modo que se venham a apartar eternamente. Da morte corporal nenhum caso faz, pois não se quer apegar a coisa que por um sopro lhe foge das mãos sem que a possa reter. E', como tenho dito, amor sem mácula nem sombra de interesse próprio: tudo o que deseja e quer é ver rico dos bens do Céu o ente amado. Isto é amor, e não esses afetos desastrados que há no mundo.

Já não falo dos maus, que destes Deus nos livre! E' coisa do inferno; não há para que nos cansarmos em condenar tal amor, pois o menor de seus males está acima de toda exageração. Dele, Irmãs, nem deveis falar, nem pensar que existe no mundo; nem de brincadeira nem de verdade ouvir nem consentir que na vossa presença se trate de semelhantes afeições.

Não presta para coisa alguma, e só de ouvir poderíeis ficar prejudicadas. Refiro-me a essas outras amizades lícitas, que, torno a dizer, costumamos ter umas às outras, ou aos nossos parentes e amigos. Aqui todo nosso empenho é que não nos morra a pessoa amada. Se lhe dói a cabeça, parece-nos que nos dói a alma; se a vemos em trabalhos, lá se nos vai a paciência, como se costuma dizer; tudo por este teor.

Quem ama espiritualmente não faz assim. Ainda que, pela fraqueza natural, tenha de passagem algum sentimento, logo com a razão examina se aquela alma lucra com o padecer, cresce em virtudes e o suporta bem. Feito isto, põe-se a rogar a Deus que a faça merecer e lhe dê paciência; e, quando vê que a tem, nenhuma pena sente, antes se alegra e consola. De preferência quisera tomar para si os sofrimentos, a ver o amigo padecer, se lhe pudesse dar todo o lucro e mérito que se ganha nas tribulações; mas não é de modo a se inquietar ou desassossegar.

Torno outra vez a dizer: este amor reproduz e imita o que nos teve Jesus, nosso bom amigo. Os que assim amam ajudam muito a progredir, porque tomam para si todos os trabalhos e desejariam que os outros, sem trabalhar, ficassem com o proveito. Deste modo fazem ganhar muitíssimo aos que são objeto da sua amizade, e, crede-me, ou deixarão de tratar com eles, — ao menos de modo íntimo, — ou acabarão por alcançar de Nosso Senhor que trilhem o seu caminho e vão para a mesma terra. Foi o que fez S. Mônica com S. Agostinho. Não lhes sofre o coração usar de refulhos com o amigo: se percebem que toma alguma vereda torcida ou comete qualquer falta, logo o avisam; não está em suas mãos agir de outro modo. Se não vêem emenda, não recorrem às lisonjas, nem dissimulam coisa alguma; e assim, ou ele se há de emendar, ou acabará com a amizade, porque não o poderá sofrer, nem é coisa que se sofra, pois de ambos os lados é contínua guerra. Essas almas — que andam descuidadas de todo o mundo, sem querer sa-

ber se os outros servem ou não a Deus, porque só olham para sua própria perfeição, — em se tratando dos amigos não conseguem despreocupar-se, nem deixam passar coisa alguma: enxergam até os mínimos argueiros. Asseguro-vos que carregam cruz bem pesada (a).

Esta maneira de amar, quisera eu tivéssemos umas às outras. Ainda que a princípio não seja tão perfeita, o Senhor a irá aperfeiçoando. Começemos por um grau médio, que, embora mesclado de alguma ternura, não poderá fazer-nos mal desde que abrace a todas juntamente. E' bom, e algumas vezes necessário, mostrar e mesmo sentir ternura e afeição e compadecer-se de alguns trabalhos e enfermidades das Irmãs, ainda que sejam pequenos, pois não é raro uma coisa muito leve dar tão grande pena a uma, como daria a outra uma grande tribulação. Há pessoas que por natureza se afligem com os mínimos contratemplos (b); se convosco acontece o contrário, não deixeis de ter compaixão. E' que Nosso Senhor talvez nos tenha querido preservar dessas penas, mas teremos outras, e as que para nós são graves, embora realmente o sejam, para outra serão leves. Portanto nestas ma-

(a) *Oh! ditosas as almas que são amadas por tais amigos! Ditoso o dia em que os conheceram! O' Senhor meu! não me fareis mercê de que muitos me amem assim? Por certo, Senhor, de melhor vontade procuraria ser amada por eles do que por todos os reis e senhores da terra; e com razão, porque nos ajudam, por todos os meios ao seu alcance, a tornar-nos tais que tenhamos domínio sobre o mundo inteiro e sujeitemos a nós todas as criaturas. Quando, Irmãs, conhecerdes alguma pessoa semelhante, procure a Madre Piora, com toda a diligência, fazer que trate convosco. A esses amai quanto quiserdes. Devem ser raros, mas não permite Deus que fiquem ignorados: Quando uma alma chega à perfeição, logo lhe dizem que não têm necessidade de ninguém, que lhe basta Deus. Mas eu sei por experiência que para chegar a Deus, bom meio é tratar com seus amigos. Se hoje não estou no inferno, devo-o, abaixo do Senhor, às pessoas desse gênero, pois sempre dei grande valor às suas orações e procurei que me encomendassem a Deus. (Ms. do Escorial).*

(b) *E não vos espanteis. Quem sabe se o demônio empregou todo o seu poder e os assaltou com mais força do que a vós nos vossos grandes sofrimentos e trabalhos? (Ms. do Escorial).*

térias não julgemos por nós, nem nos consideremos no tempo em que, porventura sem trabalho da nossa parte, o Senhor nos fez mais fortes; lembremo-nos de preferência do tempo em que fomos mais fracas.

Olhai que importa muito este conselho para nos sabermos condoer dos males do próximo, por pequenos que sejam. E' especialmente útil às almas de que tenho falado até agora, porque estas, como vivem a desejar trabalhos, já tudo lhes parece pouco, e é muito necessário que andem de sobreaviso e se lembrem de como eram fracas, e vejam que, se agora o não são, não lhes vem de si a fortaleza. De outro modo poderia o demônio ir esfriando nelas a caridade com os próximos, dando-lhes a entender que é perfeição o que na realidade é falta. Em tudo é mister andar com cuidado e vigilância, pois o maligno não dorme; e as que são mais perfeitas, ainda mais se hão de acautelar, porque ele as tenta com muito maior dissimulação, não se atrevendo a outra coisa, e se não estiverem alerta, como digo, só entenderão o dano quando já estiver feito. Enfim, importa sempre vigiar e orar porquanto para descobrir as manobras ocultas do demônio e obrigá-lo a dar sinal de si, não há melhor remédio que a oração.

Procurai também alegrar-vos com as Irmãs quando elas têm necessidade de recreação e no tempo que é de costume, ainda que não seja de vosso gosto; pois se usardes de prudência, tudo é perfeito amor. Muito bom é compadecerem-se umas das necessidades das outras; mas olhem que não seja com falta de discriminação em pontos que vão contra a obediência. Ainda que interiormente vos pareça áspero o que manda a Prelada, abstevedes de qualquer demonstração e não o deis a entender a pessoa alguma, a não ser à mesma Priora, com humildade. De outro modo faríeis muito mal. Aprendei a conhecer quais as coisas que deveis sentir e lamentar nas Irmãs; e sempre que em alguma virdes qualquer falta notória, tende muito sentimento. Eis a ocasião de mostrar e exercitar bem

o amor em sabê-la sofrer sem se scandalizar. O mesmo farão as outras com as vossas faltas, que serão talvez muito mais numerosas, embora não as conheçais inteiramente. Encomendai muito a Deus vossa Irmã e procurai exercitar com grande perfeição a virtude contrária ao defeito que julgais ver nela. Esforçando-vos deste modó, ensinar-lhe-eis por obra o que ela talvez não entendesse por palavras e nem ainda emendasse à força de castigos.

Este hábito de cada uma imitar a virtude que vê resplandecer na outra, é muito fácil de contrair. E' útil este aviso; não o esqueçais. Oh! que bom e verdadeiro amor o da Irmã capaz de fazer bem a todas, porque estima o proveito das outras mais que o seu próprio, vai muito adiante em todas as virtudes e observa a Regra com grande perfeição! Melhor amizade será esta do que dizer toda sorte de expressões de ternura, que não se usam nem se hão de usar nesta casa. Tais são, por exemplo: "minha vida", "minha alma", "meu bem", e outras semelhantes com que chamam ora a umas pessoas, ora a outras. Estas palavras de carinho, guardai-as para o vosso Esposo, pois Sua Majestade se digna sofrê-las, e, como estais tanto tempo com Ele e tão a sós, de tudo vos haveis de aproveitar. Muito usadas com as criaturas não enternecem tanto com o Senhor; e aliás não têm razão de ser. São muito de mulheres, e eu quisera, filhas minhas, que em nada o fôsseis, nem ainda o parecêsseis, senão varões fortes. Se fizerdes o que está em vossas mãos, o Senhor vos tornará tão varonis, que espantareis os homens. E quão fácil é isto a Sua Majestade, pois nos fez do nada!

E' ainda muito boa mostra de amor a diligência em tirar às Irmãs o trabalho, tomando-o para si nos officios da casa; e também o alegrar-se e louvar sumamente ao Senhor pelo progresso que fizerem nas virtudes. Todas estas coisas — sem falar no grande bem que trazem consigo — contribuem muito para a paz e conformidade de umas com as outras, como,

pela bondade de Deus, o experimentamos e vemos agora. Praza a Sua Majestade levá-lo sempre adiante, porque o contrário seria coisa terrível e muito dura de sofrer. Poucas e desavindas... não o permita Deus!

Se por acaso vos escapar alguma palavrinha descabida, tratai logo de dar remédio, e fazer grande oração; e ainda mais se for coisa que se repita, ou se houver pequenos bandos, ou desejos de preeminência, ou pontinhos de honra. Enquanto isto escrevo, parece que se me gela o sangue, só de pensar que assim pode acontecer em algum tempo, porque vejo que é este o maior mal dos mosteiros. Se isto suceder um dia, dêem-se por perdidas; pensem e creiam que expulsaram do convento a seu Esposo e o constroem a ir buscar outra pousada, pois o lançam fora de sua própria casa. Clamem a Sua Majestade, procurem remédio, e, se com tantas confissões e comunhões não se emendarem, temam não haja algum Judas.

Cuide muito a Piora, por amor de Deus, em não dar lugar a tais coisas, e atalhe fortemente os princípios; todo o dano ou remédio depende disto. Se conhecer que alguma altera a paz, procure transferi-la a outro mosteiro, que Deus lhe dará meios para a dotar. Apartem de si esta peste; cortem como puderem os ramos; e se não bastar, arranquem a raiz. E, quando assim não puder ser, metam num cárcere de onde nunca mais saia, quem destas coisas tratar: mais vale isto, do que pegarem todas tão incurável pestilência. Oh! que grande mal é este! Deus nos livre de mosteiro onde ele tenha entrada! Antes quisera eu que este fosse invadido por um fogo que nos abrasasse a todas. Como em outra parte pretendo dizer mais alguma coisa a este respeito tão importante para nós, não me alargo mais aqui.

CAPÍTULO VIII

Trata do grande bem que é desapegar-se interior e exteriormente de todas as coisas.

Venhamos agora ao desapego que devemos ter, pois de sua perfeição depende todo o resto. Sim, torno a dizer, dele depende tudo, porque, se nos abraçarmos somente com o Criador e nenhum caso fizermos de todo o criado, Sua Majestade nos irá infundindo as virtudes, de tal maneira que pouco a pouco — se de nosso lado trabalharmos e fizermos o que está em nossas mãos — não mais teremos grandes pelepas. O Senhor se levantará contra os demônios e contra o mundo todo em nossa defesa. Pensais, Irmãs, que seja de pouca importância esse desapego, que nos proporciona a felicidade de nos darmos totalmente e sem partilhas Aquele que é nosso Tudo? E, pois em Deus estão todos os bens, como digo, louvemo-lo muito, Irmãs, por nos ter juntado nesta casa, onde se não trata de outra coisa senão disto. Nem sei para que assim falo; todas vós que aqui estais me podeis ensinar a mim, que, nesta matéria tão importante, confesso não ter a perfeição como desejo e entendo ser necessária. O mesmo digo de todas as virtudes e de quanto tenho tratado até hoje, pois mais fácil é escrever do que praticar. Ainda nisto posso não acertar bem, porque algumas vezes é necessária a experiência para saber dizer uma coisa; e portanto quando acerto, deve ser por ter praticado o contrário destas virtudes. Quanto ao exterior, já se vê quão apartadas de tudo estamos aqui.

O' Irmãs! compreendei, por amor de Deus, a grande mercê que fez o Senhor às que trouxe a este mosteiro, e cada uma o pondere profundamente consigo mesma, pois, sendo apenas doze, quis Sua Majestade que fôsseis uma delas. Quantas melhores que eu, sei que de boa vontade tomariam este lugar; e entretanto deu-mo o Senhor a mim, que tão mal o mereço! Bendito sejais Vós, meu Deus, e louvem-vos todas as cria-

turas, já que não vos posso agradecer dignamente esta mercê, nem tão pouco as outras muitas que me tendes feito. Esta de me terdes escolhido para o estado de monja, foi grandíssima. Como, porém, respondi tão mal à minha vocação, não vos fiastes, Senhor, de mim, porque onde estavam reunidas muitas Religiosas boas,¹ não seria notória minha ruindade até que se me acabasse a vida; trouxestes-me a este mosteiro onde, por serem tão poucas, parece impossível não entenderem minhas faltas, para que eu ande com mais cuidado. Apartastes todas as ocasiões; já não há desculpa para mim, Senhor, eu o confesso, e portanto necessito mais de vossa misericórdia, para que me perdoeis o mal que ainda fizer.

Uma coisa peço encarecidamente: se alguma reconhecer que não tem capacidade para o que está estabelecido aqui, diga-o; outros mosteiros há, onde também se serve ao Senhor. Não perturbe estas pouquinhas almas que Sua Majestade aqui reuniu. Em outras partes terá liberdade para se consolar com seus parentes; aqui, se alguns são recebidos, é para consolo deles. E se houver monja que desejar para a sua própria satisfação ver parentes, não sendo eles espirituais, tenha-se por imperfeita; creia que não está desapegada, não está sã, não terá liberdade de espírito, nem gozará de inteira paz; tem necessidade de médico que a cure, e, declaro, se não sarar deste mal e ficar boa, não é para esta casa.

O melhor remédio, a meu ver, é não lhes falar até se sentir livre, alcançando do Senhor esta graça mediante muita oração. Quando chegar a tal estado que as visitas lhe sirvam de cruz, veja-os muito embora, que então fará proveito a eles e não retirará dano para si (a).

1) Refere-se ao mosteiro da Encarnação, onde passou os primeiros vinte e sete anos de vida religiosa.

(a) *Mas se lhes tem amor, se fica muito inquieto com seus padecimentos e gosta de ouvir os seus sucessos no mundo, creia que prejudicará a si e não lhes fará bem algum.* (Ms. do Escorial).

CAPÍTULO IX

Trata de como, para aqueles que deixaram o mundo, é grande bem o fugir dos parentes. Quão mais verdadeiros amigos encontram.

Oh! se entendêssemos, nós Religiosas, o dano que nos resulta de tratar muito com os parentes, como fugiríamos deles! Não posso compreender que consolo é esse que dão, já não digo no tocante ao serviço de Deus; refiro-me ao próprio descanso e tranquilidade. Com efeito, de suas recreações não podemos, nem nos seria lícito gozar; e, pelo contrário, sentimos e choramos todos os seus trabalhos, e, algumas vezes, mais do que eles próprios. Em verdade, se nos dão algum presente para o corpo, o espírito o paga bem caro. Deste perigo aqui estais livres, pois, como tudo é possuído em comum e não são permitidos regalos particulares, qualquer esmola é para todas em geral. Deste modo, nenhuma Religiosa se vê forçada a contentá-los por motivos de interesse, certa como está de que o Senhor as há de prover por junto.

Fico pasma de ver o prejuízo que nos causa o trato com eles; penso que o não crerá senão quem o tiver experimentado. E quão esquecida, parece, está no dia de hoje esta perfeição nas Ordens religiosas! Não sei o que deixamos no mundo, nós que nos gabamos de tudo haver deixado por Deus, se não nos apartamos do principal, que são os parentes. Chegam as coisas a tal estado, que já se tem por falta de virtude nos Religiosos o não querer muito aos seus, nem tratar frequentemente com eles. E assim dizem à boca cheia, alegando várias razões!

Nesta casa, filhas, muito cuidado de encomendá-los a Deus! E' bem justo. No mais, apartai-os da memória quanto puderdes, porque é natural apegar-se a eles o nosso coração mais do que às outras pessoas. Fui muito querida dos meus, ao que se dizia, e de meu lado lhes queria a ponto de não consentir que se esquecessem de mim. Entretanto, por experiência

minha e de outras Religiosas, posso dizer que, nos trabalhos em que andei metida, meus parentes foram os que menos me ajudaram. Com os servos de Deus me tenho achado. Não me refiro aos pais, que estes raramente deixam de socorrer os filhos, e é razão que não lhes sejamos indiferentes, quando tiverem necessidade de consolo e virmos que não nos prejudicam no essencial, pois isto se pode fazer com desapego. O mesmo digo em relação aos irmãos.

Crede-me, Irmãs, servindo vós ao Senhor como estais obrigadas, não achareis melhores parentes que os auxiliares que Sua Majestade vos enviar. Sei que assim é, e se permanecerdes firmes na observância do que usamos agora, compreendendo que agir diversamente seria faltar a vosso verdadeiro Amigo e Esposo, crede que muito em breve ganhareis esta liberdade de coração. Mais do que em todos os vossos parentes podeis confiar naqueles que vos amarem só por Deus; estes não vos faltarão, e encontrareis pais e irmãos onde menos pensardes. Como de Deus esperam a paga, tudo fazem por nós; pelo contrário, os que de nós a esperam, vendo que somos pobres e em nada os podemos servir, logo se cansam. E ainda que haja exceções, é isto o mais usado agora no mundo; porque, enfim, sempre é mundo. Se alguém vos aconselhar outra coisa, dizendo-vos que é virtude o praticá-la, não lhe deis crédito. Asseguro-vos que se eu fosse dizer todos os danos que traz consigo o apego aos parentes, muito me alargaria, mas como outros que melhor sabem o que dizem têm escrito sobre este assunto, basta o que fica dito. Parece-me que, se apesar de imperfeita tenho entendido tão bem este ponto, que farão os que são perfeitos?

Toda a insistência dos Santos em nos aconselhar que fuçamos do mundo, claro está que é boa. Pois bem! crede-me: o que mais nos cativa nele é o apego aos parentes, e é também o mais difícil de desarraigar. Por esta causa, acertados andam os que saem de suas terras, se isto lhes vale, bem entendido; pois

não creio que esteja o essencial em fugir com o corpo, e sim em abraçar-se resolutamente com o bom Jesus, Senhor nosso. Como nele a alma tudo acha, esquece tudo. Não obstante, até que nos convençamos desta verdade, é de grandíssimo auxílio a separação. Depois poderá ser que o Senhor, para nos dar cruz naquilo mesmo em que costumávamos ter gosto, queira que tratemos com eles.

CAPÍTULO X

Trata de como não basta nos desapegarmos dos parentes se não tivermos o desapego de nós mesmas. Esta virtude anda sempre junta com a humildade.

Desprendidas do mundo e dos parentes e encerradas aqui nas condições acima ditas, já parece que tudo está feito e não há mais com quem pelejar. O' Irmãs minhas, não vos deis por seguras, nem vos deiteis a dormir, que vos sucederá como àquele que se deita bem sossegado, havendo antes trancado do melhor modo suas portas por medo dos ladrões, e entretanto os deixa dentro de casa. Bem sabeis que não há ladrão pior, pois ficamos nós mesmas, e se cada uma não andar com grande cuidado, contradizendo a própria vontade, como sendo este o mais importante de todos os negócios, muitas coisas haverá que nos tirarão essa santa liberdade de espírito que torna a alma capaz de voar a seu Criador sem ir carregada de terra e de chumbo.

E' grande remédio para isto o trazer sempre vivo o pensamento da vaidade de todas as coisas e de sua pouca duração, a fim de perder o amor ao que é tão vil e empregá-lo no que jamais há de acabar. Por este meio, ainda que pareça fraco, vem a fortalecer-se a alma. Nas mínimas circunstâncias cumpre andar

com o máximo cuidado, e em nos sentindo afeiçoadas a alguma criatura, procurar apartar dela o pensamento e voltá-lo para Deus, que sua Majestade ajuda. Grande mercê nos fez cle trazendo-nos a esta casa onde o principal está feito; [mas resta desapegarmonos de nós mesmas],¹ e é bem duro este combate, porquanto estamos muito agarradas ao nosso eu e nos amamos excessivamente.

Aqui pode entrar em cena a verdadeira humildade, porque esta virtude, a meu ver, anda sempre junta com o desapego. São duas irmãs que não há motivo de separar. Não é destas parentas que vos aconselho a fugir, antes digo que as abraceis e ameis e nunca vos queirais ver sem elas. O' soberanas virtudes, senhoras de todo o criado, imperatrizes do mundo, libertadoras de todos os laços e enredos do demônio, tão amadas de Cristo nosso Mestre, que nunca um instante viveu sem elas! Aquele que as tiver, bem pode sair a pelejar contra o inferno todo junto e o mundo inteiro com suas ocasiões. De ninguém tenha medo: o reino dos Céus lhe pertence. Não tem a quem recear, porque nada se lhe dá de perder tudo, e nem ainda o considera perda. Só teme descontentar a Deus, e vive a suplicar-lhe que o sustente na prática destas virtudes e não permita que as perca por sua culpa.

Verdade é que têm elas a propriedade de se esconderem de quem as possui, de maneira que nunca as vê, nem acaba de se persuadir de que tem alguma, embora lho digam; mas tanto as estima, que sempre anda procurando alcançá-las, e assim as vai aperfeiçoando em si cada vez mais. E todavia são bem fáceis de conhecer os humildes e desapegados: sem mesmo o advertir, logo se fazem notar das pessoas que os cercam. Mas que desatino pôr-me eu a louvar humildade e mortificação, estando elas tão louvadas pelo Rei da glória e tão confirmadas por imensos trabalhos seus! Eia, pois, filhas minhas, mãos à obra para sair da terra do Egito. Achando estas virtudes,

1) Ms. do Escorial.

achareis o maná; todas as coisas vos serão saborosas, e, por amargas que sejam ao paladar dos mundanos, para vós se tornarão doces.

Vamos à prática. Antes de tudo hão de tender nossos esforços a tirar de nós mesmas o amor a este corpo. De fato, somos por natureza, ao menos algumas, tão regaladas e amigas de nossa saúde, que não há pouco a fazer aqui. E' para louvar a Deus! Que guerra têm neste ponto as monjas em particular, e ainda os que o não são! Algumas de nós, dir-se-ia que não viemos fazer outra coisa no mosteiro senão tratar de não morrer; cada uma emprega os meios que pode. Aqui, na verdade, não há muita ocasião para isso, ao menos por obras; mas quisera eu que nem houvesse tal desejo. Determinai-vos, Irmãs! vindes a morrer por Cristo, e não a viver regaladamente por Cristo. Persuade o demônio ser necessário tratar bem de si à fim de poder guardar e cumprir as leis da Ordem; e, a par do desejo da observância, é tão grande o cuidado pela saúde a fim de poder guardar e manter a Regra, que a Religiosa morre sem a ter cumprido inteiramente um mês, e porventura nem um dia. Não sei mesmo o que viemos fazer aqui.

Não tenham medo de que nos falte a discrição neste caso. Seria milagre, pois logo temem os Confessores e pensam que nos vamos matar a força de penitências. E é tão aborrecida de nós outras essa falta de moderação, que prouvera a Deus assim cumpríssemos tudo o mais! As que fizerem o contrário, estou certa, não se ofenderão de que eu diga isto; nem me ofenderei eu se alguém disser que por mim o julgo, pois é a pura verdade. Tenho para mim que por este motivo quer o Senhor que sejamos mais enfermas. Ao menos comigo usou de grande misericórdia em me dar enfermidades, porque, vendo que eu de qualquer modo me havia de regalar, permitiu que, ao menos fosse com causa. E' engraçado ver monjas que andam com este tormento, buscado por suas próprias mãos! Algumas vezes dá-lhes um desejo de

se penitenciarem sem regra nem critério: dura-lhes, por assim dizer, dois dias. Em seguida põe-lhes o demônio na imaginação que lhes fez mal: incute-lhes pavor à penitência, e, amedrontadas, não ousam depois cumprir nem a de obrigação na Ordem, alegando que já experimentaram. Não guardamos umas coisas muito baixas da Regra, como é o silêncio, que não nos pode fazer mal; e, assim que nos começa a doer a cabeça, logo deixamos de ir ao coro, que tão pouco nos mata. Por outro lado queremos inventar penitências a nosso arbítrio, para nos tornarmos incapazes destas e das de obrigação (a). As vezes é bem pequeno o mal, e contudo nos julgamos dispensadas de qualquer esforço, achando que, uma vez pedida a licença, cumprido está nosso dever.

Dir-me-eis: Para que a dá a Priora? Se visse o interior, talvez não a desse; mas como lhe representais a vossa necessidade, e não falta um médico que ajude em consequência das informações que lhe fornecestes, e uma amiga ou parenta que chore ao lado, que pode ela fazer? Tem escrúpulos acerca da caridade, e antes quer que falteis vós do que ela.

Semelhantes coisas podem acontecer uma vez por outra, e para que vos acauteleis, aqui as assinalo; porque se o demônio se põe a amedrontar-nos com temores de perder a saúde, nunca faremos coisa alguma. O Senhor nos dê luz para acertar em tudo. Amém.

(a) *Não guardam uns pontos muitos elementares da Regra, como o silêncio, que não nos há de fazer mal; e ainda bem não nos veio à imaginação que nos dói a cabeça, deixamos de ir ao coro, que tão pouco nos mata: hoje porque está doendo; amanhã porque doeu, e mais três dias para que não torne a doer (Ms. do Escorial).*

CAPÍTULO XI

Continua a tratar da mortificação e diz como é preciso adquiri-la nas enfermidades.

Parece-me coisa imperfeita, Irmãs minhas, esse queixar-nos sempre de males sem importância. Se os puderdes sofrer, não façais assim. Quando é grave a doença, queixa-se por si mesma; logo transparece, e são outros os seus queixumes. Ponderai que sois poucas, e, se estiverdes unidas pelo amor e caridade, basta que uma tenha este costume, para a todas trazer aflitas. A que sofrer verdadeiro mal, diga-o e tome o necessário remédio. Asseguro-vos que se perderdes o amor próprio, sentireis tanto qualquer regalo, que não tendais receio de o tomar sem necessidade, nem de vos queixar sem causa. Quando há motivo justo, muito pior é encobri-lo do que sem ele tomar alívio, e muito erradas andariam as Irmãs se não se compadecessem de vós.

Mas podeis estar certas de que onde a caridade reina e são tão poucas as Religiosas, jamais vos faltarão cuidados nas vossas enfermidades. Quanto a certas fraquezas e malezinhos de mulheres, deixai-os no esquecimento e não vos queixeis. Algumas vezes é o demônio que nos põe na imaginação tantas dores; ora aparecem, ora desaparecem, e se não perderdes o costume de vos queixar e de contar tudo o que tendes, a não ser unicamente a Deus, nunca mais acabareis (a). E' que nosso corpo tem esta manha: quanto mais o regalamos, mais necessidades inventa. E' coisa pasmosa! Quanto gosta de ser regalado! Como nesta matéria acha bom pretexto, engana a pobre da alma, por pequena que seja a necessidade, e não a deixa medrar. Lembrai-vos de quantos pobres enfermos haverá que não terão a quem se queixar. Pois bem! pobres e regaladas não podeis ser. Lembrai-vos também

(a) *Insisto tanto porque tenho para mim que este ponto é de suma importância, e origem de muita relaxação nos mosteiros (Ms. do Escorial).*

de quantas mulheres casadas — e eu sei que há muitas, e pessoas de alta condição — que, padecendo graves males e trabalhos, só por não darem enfado a seus maridos, não ousam queixar-se. Ai de mim, pecadora! Por certo que não viemos aqui para ser mais regaladas do que elas. Oh! pois estais livres dos grandes trabalhos do mundo, sabeis padecer um pouquinho por amor de Deus, sem apregoar por todos os lados. Se uma mulher muito mal casada sofre sua desventura sem desabafar com ninguém, para que seu marido não saiba que ela conta e se queixa, não sofreremos, só entre Deus e nós, um pouco dos males que Ele nos dá por nossos pecados? Tanto mais que é nada quase o que se alivia o sofrimento por meio dos desabafos.

Em tudo isto que tenho dito, não me refiro a doenças graves, acompanhadas de febre, — conquanto aconselhe sempre moderação e paciência; falo de uns achaquezinhos que se podem aguentar de pé. Mas que seria se isto que escrevo fosse lido fora desta casa? Que diriam de mim todas as monjas? E de quão boa vontade sofreria eu tudo, se alguma se emendasse! Sim, porque, se há uma que se queixe a toda hora, chega a coisa a tais termos que pela maior parte a nenhuma se dá crédito, por graves males que tenha. Recordemo-nos de nossos santos Padres, daqueles eremitas de outrora cuja vida pretendemos imitar. Que dores não sofreriam, e tão a sós! Quanto frio, e fome, e sol, e calor, sem terem a quem se queixar senão a Deus! Pensais que eram de ferro? Não! eram tão delicados como nós. Crede-me, filhas: em começando a vencer estes corpozinhos, eles não nos afligem tanto. Há muito quem olhe para as vossas necessidades: descaidai-vos, a menos que seja notável o caso. Se não nos determinamos uma vez por todas a tragar a morte e a falta de saúde, nunca faremos coisa alguma.

Procurai arrostá-las sem temor e entregar-vos inteiramente a Deus, venha o que vier. Que mal faz morrermos? Quantas vezes tem o corpo zombadô de nós; e não zombaremos dele alguma vez? Crede que

esta determinação importa mais do que podemos entender; porque se pouco a pouco o formos vencendo, no fim de muitas vitórias, com o favor de Deus, nos tornaremos senhoras dele; e vencer tal inimigo é grande passo para triunfar na batalha desta vida. Faça-o o Senhor na medida de seu poder. Estou bem certa de que não entende o lucro senão quem já goza da vitória. Esta é tão grande, que, segundo penso, ninguém sentiria passar trabalhos a troco de conseguir tal paz e senhorio.

CAPÍTULO XII

Trata de como há de ter em pouco a vida e a honra aquele que verdadeiramente ama a Deus.

Passemos a outros pontos que também importam bastante, embora pareçam miúdos. A princípio tudo se nos afigura muito custoso, e com razão, porque é guerra contra nós mesmos; mas, se começamos a trabalhar, Deus atua tanto na alma e lhe faz tais mercês, que tudo quanto se pode fazer nesta vida é como se nada fosse. Nós, monjas, realizamos o mais penoso, que é sacrificar a liberdade por amor de Deus, sujeitando-a a outrem; passamos tantos trabalhos, como são jejuns, silêncio, encerramento, assistência ao coro. Por muito que nos queiramos regalar, rara vez o conseguimos; e talvez, de muitos mosteiros que tenho visto, seja só eu a regalada. Pois assim é, dizime: por que razão nos havemos de deter em mortificar o interior, se é o que torna mais meritórias e feitas as outras obras e no-las faz praticar com mais suavidade e descanso? Aos pouquinhos, contrariando nosso apetite e vontade ainda em coisas miúdas, como já disse, iremos adquirindo o hábito da virtude até sujeitar inteiramente o corpo ao espírito.

Torno a dizer: tudo, ou ao menos grande parte, está em perdermos o cuidado de nós mesmas e do nos-

so regalo; pois quem deveras começa a servir ao Senhor, o menos que lhe pode oferecer é a vida. Se já lhe deu a vontade, que teme? Claro está que o verdadeiro Religioso e verdadeiro homem de oração que pretende gozar dos regalos de Deus, não há de voltar as costas aos desejos de morrer por Ele e de sofrer o martírio. E acaso já não sabeis, Irmãs, que a vida do bom Religioso que aspira a ser dos mais íntimos amigos de Deus é um longo martírio? Longo, porque assim pode ser chamado em comparação ao daqueles que eram degolados num instante; mas toda vida é curta, e algumas curtíssimas. E que sabemos a respeito da nossa? Não será tão curta que se acabe, uma hora ou mesmo um momento depois de nos determinarmos a servir a Deus de todo coração? Não seria impossível, — porque, afinal de contas, ninguém pode confiar naquilo que tem fim; e quem deixará de trabalhar pensando que cada hora é a última?

Crede-me que pensar isto é o mais seguro; portanto aprendamos a contradizer em tudo a nossa vontade. Se o fizerdes com cuidado, segundo vos tenho dito, sem saber de que modo, pouco a pouco vos achareis no cume. Mas que grande rigor parece o dizer que não nos façamos prazer em nada! E' porque não se diz ao mesmo tempo quantos gostos e deleites traz consigo esta contradição, e o que se ganha por meio dela, ainda nesta vida! Que segurança! Aqui, como todas o praticais, o principal está feito: umas às outras se estimulam e ajudam, e neste ponto deve cada uma procurar passar adiante das suas Irmãs.

Acerca dos movimentos interiores haja muita vigilância, especialmente no que toca às preeminências. Deus nos livre, por sua Paixão, de dizer ou pensar, de modo a nos determos nisto: “Sou mais antiga!”, “tenho mais anos”, “tenho trabalhado mais”, “tratam melhor a outra”. Se surgirem tais pensamentos, é mister atalhá-los com presteza. Demorar neles ou manifestá-los por palavras, é peste e origem de grandes males. Se tiverdes Priora que consinta em semelhan-

tes coisas, por pequenas que sejam, crede que por vossos pecados permitiu Deus que a tenhais para começo de vossa ruína, e fazei instante oração, pedindo remédio ao Senhor, porque estais no maior perigo.

Poderá ser que pergunteis para que recomendo isto com tanto empenho e exijo este rigor, se Deus faz regalos a quem não está em tão alto grau de desapego? Ele os faz, bem o creio, mas é por ver, em sua infinita sabedoria, que convém atrair essas almas até deixarem tudo por seu amor. Quando digo deixar tudo, não me refiro a abraçar a vida religiosa, porque muitas vezes há impedimentos, e em qualquer situação pode a alma perfeita ser desapegada e humilde, embora com maior trabalho, pois grande ajuda é estar num meio favorável. Mas crede uma coisa: se houver ponto de honra ou apego à fazenda — o que também pode existir nos mosteiros como fora, e, sendo menores as ocasiões, maior é a culpa, — nunca medrareis muito. Não chegareis a gozar o verdadeiro fruto da oração, ainda que vos tenhais exercitado nela muitos anos, — ou, para melhor dizer, na consideração, — porque oração perfeita, afinal de contas, tira estes ressaibos.

Vede, Irmãs, quanto vos interessa isto, pois não estais aqui para outra coisa. Com essas pendências não ficareis mais honradas e perdereis o proveito que poderíeis ganhar. Assim, pois, desonra e prejuízo andam aqui juntos. Veja cada uma em si o que tem de humildade, e verá os progressos que fez. Parece-me que ao verdadeiro humilde ainda por primeiro movimento não ousará o demônio tentar em matéria de preeminência, porque, sagaz como é, teme a derrota. E' impossível o humilde não sair com mais fortaleza e aproveitamento nesta virtude quando é tentado contra ela, porque — está claro — há de volver o olhar para sua vida, e ver seus poucos méritos e os benefícios recebidos de Deus; seus próprios pecados e o lugar onde merecia estar por eles, e também as grandezas que o Senhor obrou abatendo-se a Si mesmo pa-

ra nos deixar exemplo de humildade. Com isto, fica a alma tão aproveitada, que o maligno não ousa tornar à carga, para não sair com a cabeça quebrada.

Tomai de mim este conselho e não o esqueçais: se quereis vingar-vos do inimigo e livrar-vos da tentação mais depressa, não vos contenteis de sair com proveito só no interior — pois grande mal seria que assim não fosse, — mas, ainda no exterior, procurai que vossas Irmãs tirem proveito de vossa tentação. Assim, quando esta vos assaltar, pedi à Prelada que vos mande fazer algum ofício baixo, ou fazei-o como puderdes, e nesta matéria vivei sempre estudando o modo de dobrar vossa vontade nas coisas que vos contrariam. O Senhor vos fará descobrir as ocasiões, e com isto durará pouco a tentação.

Deus nos livre de pessoas que o querem servir e ainda se lembram da própria honra! Olhai que é caminho por onde não se lucra; e, como tenho dito, o mesmo desejo das honras as faz desmerecer, especialmente nas disputas acerca da preeminência. No mundo não há tóxico que tão prontamente mate, como destroem estas coisas a perfeição. Dizeis que são ninharias muito naturais; não há para que fazer caso. Não brinqueis com elas; crescem como espuma, e aliás nada é pequeno quando se trata dos gravíssimos perigos que há nos pontos de honra e na suscetibilidade acerca dos agravos. Quereis saber uma das razões, sem falar em muitas outras? Começa uma de vós com um pequeno melindre, quase nada; mas logo outra, movida pelo demônio, acha grave o caso e pensa que faz um ato de caridade dizendo-vos que não sabe como sofreis tal agravo... que Deus vos dê paciência... que lhe ofereçais a humilhação... um santo não sofreria mais... Põe-lhe o tentador tanto mel na língua, que, ainda quando vos resolveis a sofrer, ficais tentada de vanglória, não tendo entretanto sofrido com a devida perfeição.

Esta nossa natureza é muito fraca. Se ainda reconhecendo que o caso não teve importância, não dei-

xamos de sentir e julgamos ter feito alguma coisa, que será se virmos que outras tomam as nossas dores! E assim vai perdendo a alma as ocasiões em que poderia merecer; fica mais fraca e abre a porta ao demônio para de outra vez acometê-la com outra coisa pior. Poderá mesmo acontecer que estejais disposta a suportar com paciência, e venham a vós e vos digam que sois boba, que é muito justo sentir as afrontas. Oh! por amor de Deus, Irmãs minhas, nenhuma se deixe levar por essa caridade indiscreta a ponto de mostrar compaixão a outra por esses agravos imaginários. Seria semelhante à que os amigos do santo Job e sua mulher tiveram para com ele.

CAPÍTULO XIII

Continua na mesma matéria da mortificação e diz quanto importa fugir dos melindres e racionais do mundo para chegar à razão verdadeira.

Muitas vezes vos repito, Irmãs, e agora quero deixar escrito, para que o não esqueçais, o seguinte aviso. Toda Religiosa desta casa, e aliás qualquer pessoa que quiser ser perfeita, fuja mil léguas de expressões como estas: “Tive razão” — “Procederam mal comigo” — “Não teve razão quem me fez isto”.. — De más razões livre-nos Deus! Julgais que havia razão para que nosso bom Jesus sofresse tantas injúrias e tantas sem-razões como lhe fizeram? A Irmã que não quiser levar cruz senão muito razoável, não sei para que está no convento. Volte ao mundo, mas ainda aí não respeitarão suas razões. Porventura podeis ter sofrimentos tão grandes que os não mereçais ainda maiores? Que razão é essa? Por certo, não a entendo.

Quando nos distinguirem com alguma honra, ou atenção, ou bom tratamento, então apresentemos nos-

sas razões, porque, sem dúvida alguma, é contra a razão que assim nos tratem nesta vida; mas quando nos fizerem agravos — que assim os chamam, mas em realidade ninguém nos ofende, — não sei o que podemos alegar. Ou somos esposas de tão grande Rei, ou não. Se o somos, — que mulher honrada haverá que não queira participar das afrontas feitas a seu esposo, ainda que intimamente não goste delas? Em suma, a honra e a desonra é comum entre os esposos. Pois bem! participar e gozar do reino de Cristo, e querer ficar sem nenhuma parte nas suas desonras e trabalhos, é disparate.

Não permita Deus que tenhamos tal desejo! Pelo contrário: aquela que se julga a menos estimada entre todas, se tenha pela mais bem-aventurada; e assim é, se o sofrer como deve sofrer, pois não lhe faltará honra nesta vida nem na outra. Crede isto que vos digo. Mas que disparate dizer eu que me creiam, quando a verdadeira Sabedoria assim o afirma! Imitemos de algum modo, filhas minhas, a grande humildade da Virgem Santíssima, cujo hábito trazemos. Confusas devemos ficar de nos chamarmos monjas suas, pois por muito que, a nosso ver, nos humilhemos, estamos bem longe de ser filhas de tal Mãe e esposas de tal Esposo. Assim, pois, se as questões de que falei não forem atalhadas com diligência, o que hoje parece nada, amanhã será talvez pecado venial; e são tão perigosas, que, se as deixardes passar, irão sempre crescendo. É' coisa péssima numa congregação.

Nós que vivemos em comunidade deveríamos ter suma vigilância para não prejudicar às que trabalham por nos fazer bem e nos dar bons exemplos. Se compreendêssemos que grande dano é introduzir um mau costume, preferiríamos morrer a ser causa de tal desgraça. Com efeito, a morte é apenas mal do corpo, e a perda das almas é prejuízo imenso e parece perpetuar-se. Sim, pois, morrendo umas, vêm outras, e talvez todas participem mais de um mau cos-

tume que introduzimos, do que de muitas virtudes. O mal, o demônio não deixará decair; quanto às virtudes, a mesma fraqueza natural as faz perder.

Oh! que imensa caridade faria, e que grande serviço prestaria a Deus a noviça que não achando em si capacidade para observar as Regras estabelecidas nesta casa, o reconhecesse e se retirasse! E, veja bem! é a melhor coisa que pode fazer, se não quiser ter um inferno nesta vida; e praza a Deus não tenha outro na eternidade! Isto é muito de temer, por várias causas, que talvez nem ela nem as demais entenderão tão bem como eu (a).

Crede-me neste ponto, e se não me quiserdes dar crédito, o tempo se encarregará de vo-lo mostrar. O estilo que pretendemos levar é de ser não só monjas, mas ermitãs, e, portanto, de nos desapegarmos de todo o criado. A quem o Senhor escolheu particularmente para aqui, vejo que lhe faz esta mercê. Embora não seja logo com toda perfeição, é visível que já vai caminhando para ela, quer pelo grande contentamento e alegria de se ver livre de tornar a tratar com as coisas da vida, quer pelo sabor que encontra em todos os exercícios da Religião. Torno a dizer: se a

(a) *Oh! que grandíssima caridade faria e que valioso serviço prestaria a Deus a noviça, que, reconhecendo-se incapaz de abraçar a perfeição e os costumes estabelecidos nesta casa, se retirasse e deixasse as outras em paz! Mesmo nos outros mosteiros — ao menos se me quiserem dar crédito — não a recebem nem admittam à Profissão até que a experiência de muitos anos tenha provado sua emenda. Não me refiro a faltas acerca da penitência e dos jejuns, porque, embora reais, não causam tanto dano; refiro-me à condição de certas pessoas que de seu natural são amigas de ser estimadas e tidas em muita conta, vêem as faltas alheias e nunca reconhecem os próprias e têm outros defeitos semelhantes que verdadeiramente nascem de pouca humildade. Se o Senhor não as favorecer com grande espirito de fervor, e se elas em muitos anos de prova não derem a ver' que se emendaram, Deus vos livre de as ter em vossa companhia! Ficaí certas: não terão sossego, e a todas trarão desassossegadas.*

Como não recebeis dotes, tendes, pela misericórdia de Deus, mais liberdade neste ponto do que outros mosteiros que me causam muita pena, porque, frequentemente, para não ter de restituir o dinheiro recebido, ou em consiliação aos

noviça é inclinada às coisas do mundo e não dá mostras de ir melhorando, ela que se vá embora; e se persistir em querer ser monja, busque outro mosteiro. Se o não fizer, verá o que lhe sucede. Não se queixe de mim, que dei princípio a este, nem diga que a não avisei.

Esta casa é um céu, se o pode haver na terra. Para quem deseja unicamente contentar a Deus e não faz caso de seu contentamento próprio, leva-se muito boa vida. Em buscando mais alguma coisa, perde-se tudo, porque não é possível alcançá-la. E alma descontente é como quem tem grande fastio e sente asco de qualquer manjar, por gostoso que seja; e aquilo mesmo que os são saboreiam com delícias, lhe causa náuseas ao estômago. Em outra parte mais facilmente se poderá salvar, e talvez aos pouquinhos atinja a perfeição que não pôde aguentar aqui por ser abraçada toda de uma vez. Sim, porque, embora no interior se dê algum tempo para chegar ao total despreendimento e mortificação, no exterior a prática há de ser logo perfeita; e quem não aproveita em um ano, vendo que todas o praticam e andando sempre em

parentes, deixam ficar o ladrão que lhes rouba o verdadeiro tesouro. Nesta casa já aventurastes e perdestes a honra do mundo, porquanto os pobres não são honrados nem estimados: não queirais tão à vossa custa sustentar a honra alheia. A nossa, Irmãs, há de consistir em servir a Deus; quem vos quiser estorvar no divino serviço, fique-se com sua honra em sua casa. Com este fim ordenaram nossos antigos Padres um ano de provação. Nesta nossa Ordem há liberdade para prolongar o noviciado por quatro anos; e eu quisera que durasse dez. A monja humilde não faz muita questão de não ser professa: sabe que se for boa não a despedirão; e se não tiver as qualidades requeridas, por que há de querer fazer mal a estas esposas de Cristo? Quando falo em não ser boa, não me refiro a vaidades que, espero, com o favor de Deus, estarão sempre longe desta casa; chamo não ser boa o não estar mortificada e ter apego às coisas do mundo ou a si mesma nos pontos já mencionados. A que não vir muito em si as disposições necessárias, creia-me, não professe, se não quiser ter um inferno nesta vida. E praza a Deus não tenha outro depois da morte, como é bem de temer, embora nem ela nem mesmo as Religiosas da casa o entendam como eu o tenho entendido (Ms. do Escorial).

tão boa companhia, tenho muito receio de que não aproveitará em muitos anos, antes irá de mal a pior. Não digo que iguale em perfeição as outras; mas que dê mostras cabais de ir cobrando saúde, pois logo se percebe quando é mortal a enfermidade.

CAPÍTULO XIV

Em que trata do muito que importa não admitir à profissão noviça alguma cujo espírito seja contrário ao que ficou dito nos capítulos anteriores.

Estou bem persuadida de que o Senhor favorecê muito a quem se determina valorosamente; por isso é preciso examinar com que intento vem à Religião a candidata. Não seja unicamente para buscar meio de vida, como acontece a muitas, conquanto possa o Senhor aperfeiçoar a intenção, se é pessoa de bom entendimento. Se o não for, de nenhum modo seja admitida, porque nem entenderá o fim com que entra, nem mais tarde aceitará os avisos das que a quiserem elevar a vistas mais altas. E' que, geralmente, os que têm esta falta, sempre lhes parece que acertam melhor no que lhes convém do que as pessoas mais autorizadas; e é mal que tenho por incurável porque raramente deixa de ser acompanhado de malícia. Em mosteiros onde houver muitas Religiosas poderá passar, mas onde há tão poucas, é intolerável.

Um bom entendimento, se começa a afeiçoar-se ao bem, apega-se a ele com fortaleza porque vê ser o mais acertado; e se não se elevar muito nas vias do espírito, servirá para aconselhar com sensatez e para muitas outras coisas, e a ninguém será pesada. Quando, porém, falta o bom entendimento, não sei que vantagem possa ter para a Comunidade uma noviça, e poderia causar muito dano. Esta falta é custosa de descobrir, porque muitas falam bem e entendem mal;

e outras falam pouco e sem grande eloquência, e têm capacidade para muita perfeição. Com efeito, há umas simplicidades santas, pouco entendidas em negócios e cumprimentos do mundo, e muito aptas para tratar com Deus. Por isso é mister amplas informações para receber as candidatas, e larga provação antes de as fazer professas. Entenda o mundo, uma vez por todas, que tendes liberdade para as despedir, e que muitos motivos pode haver para isso em mosteiro onde se professa vida de tanta aspereza. Se virem que é este o vosso costume, ninguém se dará por agravado.

Digo isto porque são tão desventurados estes tempos e tanta a nossa fraqueza, que, não obstante ser ordenação recebida de nossos antepassados, não deixamos de ter contemplações com a pretendida honra dos contemporâneos, e receio de ofender aos parentes. Praza a Deus não paguemos na outra vida por termos admitido certas candidatas, pois nunca falta pretexto para nos persuadirmos de que é licito fazê-lo (a).

E' este um negócio que deve cada uma considerar pessoalmente e encomendar a Deus, animando ao mesmo tempo a Prelada, pois é de máxima importância. Suplico a Deus que vos dê luz. Muito felizes somos por não receber dotes; onde os recebem, poderia acontecer que, para não ter de restituir o dinheiro já gasto, deixem em casa o ladrão que lhes roube o verdadeiro tesouro. E' grande lástima! Neste particular, não tendes pena de ninguém, porque seria fazer mal àquela a quem pretendes favorecer.

(a) *Em caso de tanta importância não há pretexto admissível. Quando a Prelada, sem se deixar influir por simpatia ou por paixão, tem em vista somente o bem da casa, estou certa de que Deus jamais a deixará errar. E tenho para mim que em dar ouvidos a essas piedades e tolos pontos de honra, não deixa de haver erro (Ms. do Escorial).*

CAPÍTULO XV

Em que trata do grande bem que há em não nos desculparmos, mesmo quando nos vemos condenar sem culpa.

Causa-me grande confusão o que vou recomendar-vos, porque se trata de uma virtude da qual eu deveria ter praticado ao menos parte do que vos digo, e entretanto confesso ter feito nela muito poucos progressos. Nunca — penso eu — me falta pretexto para achar que é mais perfeito desculpar-me. Como algumas vezes é lícito e seria mau o agir de outro modo, não tenho discernimento — ou, para dizer melhor, humildade — para só o fazer nas ocasiões convenientes. Verdadeiramente é obra de grande humildade ver-se condenar sem culpa, e calar; é imitação perfeita do Senhor que tomou sobre Si todos os nossos pecados. E assim, rogo-vos encarecidamente que tenhais neste ponto o máximo esmero, porque traz consigo imenso lucro. Pelo contrário, não há vantagem absolutamente nenhuma em procurarmos defender-nos por nós mesmas, a não ser, como digo, em certos casos em que poderíamos provocar irritação ou escândalo não declarando a verdade. Quem tiver mais discrição que eu, logo o entenderá.

E' muito importante, a meu ver, que vos acostumeis a praticar esta virtude; ou melhor: que procureis alcançar do Senhor a verdadeira humildade. Desta nasce o não nos desculparmos, porque o verdadeiro humilde há de desejar sinceramente ser tido em pouco e ver-se perseguido e condenado sem culpa, mesmo em coisas graves. Com efeito, se quer imitar ao Senhor, que melhor ocasião do que esta? Aqui não há necessidade de forças corporais, nem de ajuda de alguém, a não ser de Deus. Nestas virtudes magnas, Irmãs minhas, quisera eu que vos esmerásseis muito e as praticásseis em espírito de penitência; quanto às austeridades excessivas, já sabeis que vos vou à mão, porque podem prejudicar a saúde quando

feitas sem a discrição devida. Nas primeiras não há que temer: por maiores que sejam as virtudes interiores, não tiram ao corpo as forças necessárias para servir à Religião, antes robustecem a alma, e, se vos exercitardes em coisas muito pequeninas, como de outras vezes tenho dito, podeis cobrar costume e sair vitoriosas nas grandes. Quanto a mim, não pude fazer experiência desta verdade, porque jamais ouvi falar mal a meu respeito, que não achasse muito pouco; mesmo quando as acusações não eram exatas, lembrava-me de quantas outras ofensas tinha feito a Deus, e parecia-me que tinham usado comigo de bastante benignidade, deixando de mas lançar em rosto. Prefiro sempre, aliás, que digam de mim falsidades, do que verdadeiras culpas.

E' de muito proveito considerar quanto se ganha, sob todos os pontos de vista, e como — tudo bem pensado — nunca nos culpam sem faltas de nossa parte. Sempre andamos cheias delas, pois o justo cai sete vezes por dia,¹ e seria mentira dizer que não temos pecado. Por conseguinte, ainda que não seja no ponto em que nos acusam, jamais estamos totalmente isentas de culpa, como estava o bom Jesus.

O' Senhor meu, quando penso em quantos tormentos padeceste e como de nenhum modo os mereciés, não sei o que dizer de mim, nem onde tinha a cabeça quando não desejava padecer, nem onde a tenho agora quando me desculpo. Sabeis perfeitamente, meu Sumo Bem, que se possuo alguma coisa boa, não a recebi de outras mãos senão das vossas. Pois, Senhor, será mais difícil para Vós dar muito, do que dar pouco? Se é porque o não mereço, também não mereci as mercês que me tendes feito. Será possível que nutra eu a pretensão de que alguém tenha bom conceito de criatura tão vil, quando disseram tantos males de Vós, que sois o Bem superior a todos os bens? E' intolerável, Deus meu, intolerável, e quisera eu não permitísseis em vossa serva coisa desagradável a vossos olhos. Ve-

1) Prov 24, 16.

de, Senhor, que os meus estão cegos e de muito pouco se contentam. Dai-me Vós luz e fazei-me desejar com verdade que todos me aborreçam, pois tantas vezes vos deixei a Vós, que me amais com tanta fidelidade.

Que é isto, meu Deus? Que lucro pretendemos tirar quando contentamos as criaturas? Por que nos importamos de ser muito culpadas por todas elas, se diante do Senhor estamos sem culpa? O' Irmãs minhas, jamais acabamos de entender esta verdade; e por isso jamais acabaremos de ser perfeitas, se não vivermos a considerá-la profundamente, pensando quais são as coisas que têm valor e quais as que o não têm. Ainda que não houvesse outro lucro senão a confusão da pessoa que vos acusou injustamente, ao ver como sem culpa vos deixais condenar, já seria grandíssimo bem: mais eleva, por vezes, uma coisa destas à alma, que dez sermões. E todas nós devemos procurar ser pregadoras por obras, já que o Apóstolo² e nossa própria incapacidade não nos permitem que o sejamos por palavras.

Nunca penseis que há de ficar secreto o bem ou o mal que fizermos, por estreita que seja a vossa clausura. E julgais, filhas, que, embora não vos desculpeis, há de faltar quem tome a vossa defesa? Olhai como respondeu o Senhor pela Madalena quando foi acusada, quer na casa do Fariseu, quer por sua própria irmã. Não vos tratará com tanto rigor como a Si, que já estava pendente da cruz na hora em que um ladrão falou por Ele. Sim, Sua Majestade moverá a alguém que vos defenda, e quando o não fizer é porque não vos será necessário. Disto tenho experiência, e é a pura verdade; entretanto prefiro que não vos lembreis de vossa honra; antes folgueis de ficar culpadas. O próprio tempo vos servirá de testemunha do proveito que daí resultará para vossa alma. Por este modo começareis a ganhar liberdade, a ponto de vos ser indiferente que digam mal ou bem de vós: parecer-vos-á negócio que não vos diz respeito. Quando ou-

2) 1 Cor 16, 34.

vimos falar entre si duas pessoas, como não falam conosco, não pensamos em dar resposta; assim acontece aqui: graças ao costume adquirido de nunca nos justificarmos, nem parece que se trata de nós. Isto talvez se nos afigure impossível, porque somos muito suscetíveis e pouco mortificadas. A princípio, realmente é dificultoso, mas sei que se pode alcançar esta liberdade, abnegação e desprendimento de nós mesmas, com a ajuda do Senhor.

CAPÍTULO XVI

Da diferença que há de haver na perfeição de vida dos contemplativos e dos que se contentam com oração mental. Como é possível algumas vezes elevar Deus à perfeita contemplação uma alma distraída, e qual o motivo disto. Este capítulo e o seguinte são muito dignos de ponderação.

“Não vos pareçam prolixos todos estes preliminares! Estou entabulando o jogo, como se costuma dizer. Pedistes alguns conselhos sobre o modo de começar a oração; e eu, filhas, embora não me tenha Deus levado por este caminho — pois, creio, ainda nem comencei a ter as virtudes de que vos falo, — contudo não sei outro. Crede no que vos digo: quem não sabe arrumar no tabuleiro as peças do xadrez, ainda pior saberá jogar; e quem não sabe dar xeque, como saberá dar mate? Haveis de repreender-me por falar em coisa de jogo, quando nesta casa nenhum é permitido e jamais o há de ser. Por aí vereis a mãe que Deus vos deu, que até esta vaidade sabia; mas dizem que é lícito algumas vezes. E quão lícita será para nós esta maneira de jogar, e — se nos exercitarmos bem — quão depressa daremos mate a esse Rei Divino, que não poderá nem quererá escapar-nos das mãos?

“A rainha é a pedra que mais guerra pode fazer ao rei neste jogo, e todas as outras a ajudam. Não há rainha que force o Rei do Céu a render-se como a humildade: esta o trouxe do Céu às entranhas da Virgem; e é também por ela que o traremos às nossas almas, preso como por um fio de cabelo ¹. E crede: quem mais humildade tiver, mais o possuirá; e quem tiver menos humildade, também o possuirá menos. Sim, porque, a meu ver, não há nem pode haver humildade sem amor, nem amor sem humildade; nem é possível subsistirem estas duas virtudes sem grande desapego de todo o criado.

“Perguntareis, minhas filhas, para que vos falo em virtudes, se tendes tantos livros que vo-las ensinam? Não quereis saber senão de contemplação. E eu vos digo: se se tratasse de meditação, ainda me seria possível discorrer sobre ela e aconselhar que todos a tivessem, mesmo estando, destituídos de virtudes; porque é princípio para as alcançar todas, e o começá-la, para nós cristãos, é caso de vida ou morte. Ninguém, por perdido que seja, deve deixar de exercitar-se nela, quando Deus o convida a gozar de tão grande bem. Isto já escrevi em outro lugar; e o mesmo escrevem muitas outras pessoas que sabem o que dizem, que eu por certo não sou deste número. Deus bem o sabe.

“Tratando-se, porém, de contemplação, filhas, é outro o caso. Eis um engano muito generalizado: se alguém toma cada dia algum tempinho para pensar em seus pecados — e está obrigado a fazê-lo sob pena de ser cristão só de nome, — logo dizem que é muito contemplativo; e, sem mais nada, exigem dele tão sólidas virtudes como deve haver no que está em muito alto grau de contemplação. Até ele pretende o mesmo, mas está errado. Nos princípios não soube entabular o jogo: pensou que bastava conhecer as peças para

1) Alusão às palavras dos Cantares de Salomão: Vulnerasti cor meum... in uno crine colli tui (Cânt 4, 9).

dar mate; mas é impossível, porque este Rei não se entrega senão a quem de todo se entrega a ele”².

Por conseguinte, filhas, se quereis que vos ensine o caminho para chegar à contemplação, sofri que me estenda um pouco sobre certas coisas, que, embora à primeira vista não tenhais por muito importantes, não o deixam de ser, segundo me parece. Se as não quiserdes ouvir nem praticar, ficai-vos com vossa oração mental toda a vida, que eu vos asseguro — a vós e a todas as pessoas que pretenderem este bem — que não chegareis à verdadeira contemplação. Pode ser que eu me engane, porque julgo por mim, mas o fato é que de balde a procurei durante vinte anos.

Como algumas o não entendem, quero agora declarar o que é oração mental. Praza a Deus que a tenhamos como convém; mais receio bastante que nos custe muito trabalho, se não procurarmos praticar as virtudes, ainda que não em tão alto grau como se requer para a contemplação. Asseguro-vos que não virá o Rei da glória à nossa alma — quero dizer: a permanecer em íntima união com ela — se não nos esforçamos por adquirir grandes virtudes. Vou explicar-me, porque, se me apanhardes em alguma inexatidão, não me dareis mais crédito; e teríeis razão se houvesse advertência da minha parte, mas Deus tal não permita! Se eu errar, será por falta de saber ou de compreender bem as coisas. Quero, pois, dizer que algumas vezes se dignará Deus fazer tão grande favor a pessoas que estejam em mau estado, com o fim de as arrancar por este meio às mãos do demônio!

O’ Senhor meu, quão frequentemente vos fazemos andar às voltas com o infernal inimigo! Não foi bastante vos terdes deixado tomar em seus braços quando, para nos ensinardes a triunfar de suas insídias, fostes levado ao pináculo do templo?³. Mas que se-

2) Os parágrafos assinalados com aspas são tomados do Ms. do Escorial e enxertados no texto de Valladolid por todos os editores.

3) Mt 4, 5.

ria, filhas, ver junto aquele Sol com aquelas trevas? Que terror sentiria o desventurado, sem mesmo saber-lhe a causa! Sim, porque não permitiu Deus que a entendesse. Bendita tanta piedade e misericórdia! Que vergonha deveríamos ter, repito, nós que somos cristãos, de o fazer andar cada dia às voltas com tão imunda criatura! Bem necessário foi, Senhor, que fossem tão fortes os vossos braços! Mas como não vos ficaram debilitados por tantos tormentos como padecestes na cruz! Oh! é bem verdade: tudo o que se sofre por amor, por amor se cura; e assim, creio, se vos ficasse a vida, o mesmo amor que me tendes tornaria a curar vossas chagas, sem necessidade de outra medicina. O' Deus meu! e quem me dera tal remédio, em todas as circunstâncias que me causassem pena e trabalho! Quão de boa vontade as desejava, se tivesse certeza de ser curada por tão salutar unguento!

Torno ao que ia dizendo. Há certas almas que Deus conhece poder granjear para Si por este meio. Vendo-as' totalmente perdidas, quer Sua Majestade que de seu lado, não fique por fazer coisa alguma, e, conquanto estejam em mau estado e desprovidas de virtudes, dá-lhes gostos, regalos e ternuras que comecem a despertar nelas bons desejos. Chega mesmo a elevá-las à contemplação algumas vezes, embora raramente e por pouco tempo; e assim faz para experimentar se com tão grande favor quererão dispor-se a gozá-lo com frequência. Se, porém, resistirem, perdoem-me elas — ou antes, perdoai-nos vós, Senhor, e deixai-me dizer: — muito mau é que uma alma a quem vos chegais tão intimamente, se chegue depois às coisas da terra de modo a apagar-se.

Tenho para mim que Deus Nosso Senhor experimenta deste modo a muitas pessoas, mas poucos são os que se dispõem para gozar de tão grande mercê. Quando o Senhor a concede e acha correspondência, estou certa de que jamais cessará de favorecer a alma, até fazê-la chegar a grande altura. Quando não nos damos a Sua Majestade com a determinação com

que se dá a nós, já muito faz o Senhor deixando-nos na oração mental e visitando-nos uma vez por outra, como a criados que trabalham na sua vinha. Quanto aos outros, são filhos mimosos, que Ele não quisera tirar de junto de Si; nem os tira, porque já eles também o não querem deixar; fá-los assentar à sua mesa, dá-lhes do que está comendo, até a ponto de tirar o bocado da boca para lhes dar.

O' ditosos esforços, filhas minhas! O' bem-aventurada renúncia a coisas tão pequenas e baixas, que nos faz chegar a tão alto estado! Pensai bem: se estiverdes nos braços de Deus, que se vos dará de que vos culpem todas as criaturas? Poderoso é o Senhor para vos livrar de todos os enredos, pois com uma só palavra mandou que o mundo fosse feito, e o mundo se fez: para Ele, o querer é obrar. Não tenhais medo, portanto! Não permitirá que falem mal de vós, a não ser para maior bem de vossa alma, que o ama tanto. Não corresponde tão escassamente a quem lhe quer bem; e, se assim é, porque, minhas Irmãs, não lhe mostraremos nosso amor por todos os meios ao nosso alcance? Vede que é linda troca: darmos nosso amor pelo seu! Lembrai-vos que tudo pode, e nós, aqui na terra, nada podemos, a não ser aquilo que Ele nos faz poder. Em suma, que fazemos, Senhor, por Vós, que sois o nosso Criador? Nada, a bem dizer: uma resoluçãozinha. Mas se com este nada quer Sua Majestade que mereçamos o Tudo, não sejamos desatinadas.

O' Senhor! todo o mal nos vem de não mantermos sempre os olhos fitos em Vós. Se não olhássemos outra coisa senão somente o caminho, depressa chegaríamos; mas damos mil quedas e tropeços, e perdemos o rumo, porque, repito, não pomos os olhos na-quele que é o Caminho verdadeiro. Dir-se-ia que nunca andamos por ele, de tal modo o estranhamos. Por certo é coisa digna de lástima o que algumas vezes acontece. Se nos querem diminuir no mínimo ponti-

nho, não o sofremos, nem julgamos possível suportar semelhante afronta. Logo dizemos: Não somos santos.

Deus nos livre, Irmãs, de dizer, quando cairmos em alguma imperfeição: "Não somos anjos! Não somos santas!" Olhai que, embora o não sejamos, grande bem é pensar que se nos esforçarmos o poderemos ser, dando-nos Deus a mão; e não haja receio de que Ele nos falte, se não lhe faltarmos nós. E pois não viemos aqui a outra coisa, mãos à obra, como dizem. Não haja empresa de maior serviço do Senhor, a nosso ver, que não presumamos levar a termo, com seu favor. Esta presunção quisera eu ver reinar nesta casa, porque faz sempre crescer a humildade: ter uma santa ousadia, pois Deus ajuda aos fortes e não faz acepção de pessoas ⁴.

Muito me tenho apartado do assunto. Quero tornar ao que ia dizendo e declarar o que é oração mental e contemplação. Parece impertinência, mas para vós tudo serve; e pode ser que entendais melhor meu grosseiro estilo do que outros elegantes. Dê-me o Senhor para isto seu favor. Amém.

CAPÍTULO XVII

Como nem todas as almas são aptas para a contemplação, e como algumas chegam a ela tardiamente. O verdadeiro humilde há de ir contente pelo caminho por onde o levar o Senhor.

Parece que afinal vou entrando no assunto, mas ainda me resta falar de um pontinho muito importante, porque diz respeito à humildade, e é bem necessário nesta casa, ¹ onde o principal exercício é a oração. Com efeito, como já vos tenho dito, deveis aplicar-vos fervorosamente à prática da humildade; e o que vou

4) Ef 6, 9.

1) São José de Avila.

dizer pertence a esta virtude, e para todas as pessoas que se exercitam na oração é de grande alcance. Como poderá o verdadeiro humilde julgar-se tão bom como os que chegam a ser contemplativos? Deus o pode elevar, sim, a tão alto estado, por suma bondade e misericórdia; mas, tome o meu conselho, e sempre escolha para si o último lugar, como o Senhor nos recomendou quê fizéssemos e nos ensinou com as obras. Disponha-se cada uma de vós de modo que Deus a possa levar, se assim lhe aprouver, pelo caminho da contemplação; mas quando Ele o não fizer, lance mão da humildade, e tenha-se por ditosa de servir às servas do Senhor, e louve a Sua Majestade, porque a trouxe para o meio delas, quando merecia ser escrava do demônio no inferno.

Não digo isto sem grande fundamento, pois, repito, muito importa entender que nem a todos leva Deus pelo mesmo caminho; e pode acontecer que esteja mais alto aos olhos de Deus aquele que a seu próprio parecer está mais baixo. Assim, embora nesta casa todas tratem de oração, nem por isso todas hão de ser contemplativas. E' impossível; e por falta de entender esta verdade, sentirá grande desalento aquela que o não é. A contemplação é dom de Deus, e, pois não é necessária à salvação, nem exigida de nós, ninguém pense que lhe pedirão conta se a não tiver. Por falta deste dom, não deixará uma Religiosa de ser muito perfeita se fizer o que ficou dito; antes poderá ser que tenha muito mais mérito, pois trabalha mais à sua custa, e é levada pelo Senhor como alma forte, a quem está guardado, para o receber de uma vez, tudo o que não goza na terra. Nem pôr isso desanime, nem deixe a oração e os exercícios comuns a todas; que às vezes o Senhor vem muito tarde, e paga tão bem e tão por junto como em muitos anos tem dado a outras almas.

Passei mais de catorze anos sem conseguir ter nem ainda meditação, a não ser lendo alguma coisa. Haverá muitas pessoas no mesmo caso; e outras que, ainda ajudando-se com leituras, não poderão meditar,

senão rezar vocalmente, detendo-se mais em certas palavras. Há pensamentos tão vagabundos que não podem fixar-se num objeto; andam sempre irrequietos, em tanto extremo que se tentam pensar em Deus detidamente, logo caem em mil disparates, escrúpulos e dúvidas. Conheço uma pessoa bem idosa, de vida muito edificante, penitente e grande serva de Deus (a), a qual há bastantes anos gasta largas horas em oração vocal, mas é incapaz de orar mentalmente. O mais que pode é deter-se aos pouquinhos nas orações vocais. Há muitas pessoas assim; mas se tiverem humildade creio que, no fim das contas, não ficarão menos favorecidas, antes serão bem igualadas aos que gozam muitas delícias; e, em parte, com mais segurança, porque não sabemos se os gostos vêm de Deus ou do demônio. Se não tiverem origem divina, haverá perigo, porque o fito do inimigo é inculcar soberba; mas se forem de Deus, não há que temer: consigo trazem humildade, como escrevi assaz largamente no outro livro².

A alma que carece de consolação anda humilde, receosa de que seja por sua culpa, sempre solícita e empenhada em progredir na virtude. Não vê alguém chorar uma lágrima que, se ela não as tem, não se julgue logo muito atrasada no serviço de Deus; e entretanto, quem sabe? está muito mais adiantada. De facto, as lágrimas, embora dignas de apreço, nem todas são perfeitas; e na humildade, mortificação, desapego e outras virtudes, há sempre mais segurança. Não há que temer; e portanto não tenhais medo de que deixeis de chegar à perfeição como os grandes contemplativos.

Santa era Marta,³ embora não conste que fosse contemplativa. E quereis mais do que chegar a ser como esta bem-aventurada, que mereceu hospedar a Cristo Nosso Senhor tantas vezes em sua casa, prepa-

(a) e grande monja, sob todos os pontos de vista (Ms. do Escorial).

2) Livro da vida, c. XVII, XIX e XXVIII.

3) Lc 10.

rar-lhe o alimento, servi-lo e comer com Ele à mesa? Se se quedasse embebida como a Madalena, não haveria quem desse de comer ao Divino Hóspede. Pois bem! imaginai que esta Congregação é a casa de S. Marta, e que nela há de haver de tudo. As que forem levadas pela vida ativa não murmurem das que muito se embeberem na contemplação, pois sabem que o Senhor há de tomar-lhes a defesa, embora se calen, porque geralmente os contemplativos se descuidam de si e de tudo.

Recordem-se de que é mister ocupar-se alguém em guisar ao Senhor a comida, e tenham-se por ditosas de o andar servindo como Marta. Olhem que em grande parte a verdadeira humildade consiste em estarmos muito prontas para nos contentarmos com o que o Senhor quiser fazer de nós, achando-nos sempre indignas de ser chamadas suas servas. Por conseguinte: se contemplar, e ter oração mental e vocal, e tratar dos enfermos, e ocupar-se nos ofícios da casa, e fazer os trabalhos, mesmo os mais baixos, tudo é servir ao Hóspede que vem hospedar-se, comer e recrear-se conosco, — que nos importa servi-lo antes de um modo que de outro?

Não digo que não vos esforceis por chegar à contemplação, e sim que vos exerciteis em tudo, porque nesta matéria não está em nossas mãos a escolha, senão nas do Senhor. Se Ele, porém, depois de muitos anos, quiser determinar a cada uma seu ofício, bonita humildade seria quererdes vós escolher... Deixai agir o Senhor da casa: sábio é Ele e poderoso, e entende o que vos convém e ao mesmo tempo convém à sua glória. Fazei o que está em vosso poder, dispondo-vos para a contemplação pela perfeição acima dita, e ficai seguras: se Ele não vo-la conceder — e, creio, o não deixará de fazer se tiverdes verdadeiro desapego e humildade, — guardará seus regalos para vo-los dar por junto no Céu. Quer levar-vos como alma forte, segundo vos afirmei de outra vez, dando-vos cruz, como sempre Sua Majestade teve na terra.

E que maior prova de amizade do que escolher para vós o que elegeu para Si? Talvez não merecêsseis tão subido prêmio por meio da contemplação! Juízos são de Deus, não vos deveis meter a investigá-los. Realmente bom é que a escolha não esteja em nossas mãos, pois logo, imaginando achar mais descanso, seríamos todos grandes contemplativos! Oh! que verdadeiro lucro é não querer lucrar a nosso arbítrio! Assim não há perda a temer, pois nunca permite Deus que padeça algum prejuízo a alma bem mortificada, a não ser para a fazer ganhar mais.

CAPÍTULO XVIII

Continua a falar na mesma matéria e diz quanto os trabalhos dos contemplativos são maiores que os dos ativos. Estes últimos encontrarão muito alento no que se vai dizer.

A vós, filhas, que Deus não conduz por este caminho da contemplação, asseguro uma coisa: segundo tenho visto e entendido, os que vão por ele não levam cruz mais leve, antes vos espantarieis se soubésseis as veredas e dificuldades por onde os guia o Senhor. Conheço os trabalhos de uns e de outros, e sei claramente: são intoleráveis os que Deus dá aos contemplativos; a tal ponto que os não poderiam sofrer se não fossem robustecidos com o manjar das consolações. E é muito claro. Se Deus leva por caminho de trabalhos aos seus muito queridos, como é certo, — e quanto mais os ama, maiores cruces lhes dá, — não há motivo para crer que aborreça os contemplativos, pois com sua própria boca os louva e tem por amigos.

Ora, crer que Deus admita à sua estreita amizade gente regalada e sem trabalhos, é disparate. Tenho por certíssimo: Deus dá muito maiores cruces aos contemplativos: e por isso mesmo que os leva por caminho áspero e cheio de barrancos, onde por vezes se jul-

gam perdidos e em risco de ter de andar de novo tudo quanto já andaram, vê Sua Majestade ser preciso dar-lhes mantimento. E não água, senão vinho, para que, embriagados, não caiam na conta do que padecem, e deste modo o consigam sofrer. E assim, poucas almas vejo verdadeiramente contemplativas que não sejam animosas e determinadas a padecer; que a primeira maravilha que opera o Senhor, quando são fracas, é infundir-lhes ânimo e fazer que não temam os trabalhos.

Os de vida ativa, segundo creio, se observam nelas algum regalozinho, logo imaginam que é sempre assim; pois eu vos digo: talvez nem um dia pudésseis suportar o que padecem. E' por isso que o Senhor, como conhece todos os homens e sabe para o que servem, dá a cada um seu ofício, o qual é sempre o mais conveniente para a alma, a glória do mesmo Senhor e o bem dos próximos. Contanto que de vossa parte não haja falta por não vos haverdes disposto, ficai certas de que não perdereis vosso trabalho. Prestai atenção: digo que todas nos devemos dispor e esforçar, pois não estamos aqui para outra coisa; e isto não só durante um ou dois anos, nem mesmo dez. Não pareça que por covardia desertamos! E' bem que o Senhor entenda como dá nossa parte não poupamos diligência — à semelhança de soldados, que, mesmo depois de largos anos de serviços, hão de estar sempre de prontidão para ocupar o posto em que os queira colocar o chefe, pois dele hão de receber o soldo. E quão melhor paga dá o Rei do Céu, que os da terra!

Vendo-nos ele em sua presença e com ânsias de o servir, reparte os ofícios de acordo com as forças, já ciente da capacidade e aptidões de cada um. Se não nos achasse firmes no posto, não nos confiaria missão alguma, nem expedições em que o servissemos. Por conseguinte, Irmãs, oração mental! e quem não conseguir tanto, faça-a vocal, e lição, e colóquios com Deus, como direi adiante. Nenhuma deixe as horas de oração em comunidade, pois não sabe quando a cha-

mará o Esposo. Não lhe aconteça como às virgens loucas ¹. Talvez queira Ele mesclar de consolações vossos maiores trabalhos; se o não fizer, convencei-vos de que não sois chamada à contemplação e de que vos convém mais a vida ativa. Aqui é ocasião de merecer por meio da humildade, persuadindo-vos intimamente de que não tendes préstimos nem para o que fazeis.

• Vivei alegre, fazendo os serviços de que sois incumbida, como já disse; e, ser for verdadeira essa humildade, bem-aventurada tal serva de vida ativa, que não murmurará senão de si! (a). Deixe as outras com sua guerra, que não é pequena. Na batalha o alferes não peleja, mas nem por isso deixa de correr grande perigo, e no interior deve lutar mais que todos, porque, levando a bandeira, não pode defender-se, e ainda que o despedacem não há de largá-la das mãos. Assim o contemplativo há de levar bem erguida a bandeira da humildade e receber todos os golpes que lhe derem, sem retribuir nenhum; porque seu officio é padecer como Cristo, arvorar bem alto a cruz, não a soltar das mãos, ainda nos maiores riscos, nem denotar fraqueza no padecer. Para isto lhe foi dado tão honroso cargo. Veja o que faz: se largar a bandeira, perder-se-á a batalha. Com efeito, resulta enorme dano, creio eu, para as almas pouco adiantadas na virtude, quando vêem que as obras dos que já são tidos em conta de capitães e amigos de Deus não correspondem ao seu alto cargo.

Os soldados rasos de qualquer modo se arranjam, e por vezes se apartam dos postos mais perigosos, sem causar reparo, nem perder honra; mas os capitães são alvo de todos os olhares: não podem fraquear. Reconheçamos pois: honroso é o cargo; eminente dignidade e grande mercê outorga o Rei a quem o dá; mas quem o aceita não se obriga a pouco. Por conseguinte, Irmãs, não sabemos o que pedimos; ² deixemos o Senhor fa-

1) Mt 25.

(a) *Mais quisera eu imitá-la do que a algumas contemplativas.* (Ms. do Escorial).

zer o que lhe aprouver. Pessoas há que parecem pedir a Deus regalos como por rigor de justiça. Engraçada humildade! Bem faz o conhecedor de todos, que poucas vezes, creio, os dá a semelhantes almas: logo vê que não são capazes de beber o cálice ³.

Vossa norma para entender se estais adiantadas, filhas, será ver cada uma se se considera a pior de todas; e isto de modo a mostrar pelas obras que assim reconhece, para aproveitamento e bem das outras; e não, se tem mais gostos na oração, e arroubamentos, ou visões, ou mercês sobrenaturais que o Senhor por vezes concede. Para lhes conhecer o valor aguardemos o outro mundo; as virtudes, pelo contrário, são moeda corrente, são renda segura, juro perpétuo, e não censos que nos podem ser tirados, como acontece com essas mercês, que ora nos vêm, ora se vão. Refiro-me a uma sólida virtude de humildade e mortificação, a uma obediência tão perfeita que não se aparte uma linha da vontade do Prelado, pois sabeis verdadeiramente que está em lugar de Deus, e são ordenações divinas as suas. Sobre esta matéria da obediência é que eu deveria mais insistir; como, porém, me parece que não ser obediente é não ser monja, e falo a monjas boas ou, pelo menos, desejosas de o ser, acho escusado falar. Em coisa tão clara e importante, direi apenas uma palavra, para que o não esqueçais.

E' o seguinte: quem estiver por voto debaixo da obediência e faltar a ela, não se esmerando sumamente em cumprir com a máxima perfeição o voto que fez, não sei para que está no convento. Ao menos, asseguro-lhe: enquanto faltar neste ponto, nunca chegará a ser contemplativa, nem mesmo boa na vida ativa. Tenho isto por verdade indubitável. E até qualquer pessoa não ligada pelo voto de obediência, se quer ou pretende atingir à contemplação, deve, a fim de caminhar com acerto e segurança, submeter inteiramente a própria vontade a um Confessor digno deste nome, pois é

2) Mt 20, 22.

3) Mt *ibid.*

muito sabido que deste modo se aproveita mais em um ano, do que em muitos não havendo sujeição. Como, porém, não é este o vosso caso, não vejo necessidade de me estender mais.

Concluo dizendo que estas virtudes são as que desejo ver em vós, filhas minhas. Procurai-as, invejai-as santamente; quanto a essas outras devoções, não fiquéis pesarosas se as não tiverdes: são muito incertas. Poderá acontecer que em outras pessoas procedam de Deus os favores; e em vós, por permissão de Sua Majestade, serão ilusões do demônio, o qual vos enganará como tem feito a outras almas. Para que haveis de querer servir ao Senhor em coisa duvidosa, tendo tantas outras seguras em que o podeis servir? Para que vos meterdes nesses perigos? Alarguei-me tanto neste ponto porque sei que é preciso. Com efeito, esta nossa natureza é fraca, mas quando Deus quer dar contemplação a uma alma, Sua Majestade a torna forte. Aos que não forem favorecidos com este dom, alegrei-me de dar estes conselhos, com os quais também os contemplativos se humilharão (a). O Senhor, por quem é, nos dê luz para seguirmos em tudo sua vontade, e nada teremos a temer.

CAPÍTULO XIX

Começa a tratar da oração. Dirige-se às almas que não podem discorrer com o entendimento.

Há tantos dias escrevi as páginas precedentes sem depois achar um instante para prosseguir, que se o não tornasse a ler, não saberia o que estava dizendo. A fim de não perder tempo, direi o que me ocorrer, sem método. Para entendimentos bem ordenados e al-

(a) *Se me alegardes, filhas, que não tendes necessidade destes conselhos, dir-vos-ei que para o futuro talvez alguma se delecte com eles* (Ms. do Escorial).

mas exercitadas e capazes de se concentrarem, há tantas obras excelentes e de pessoas de valor, que seria erro fazerdes caso do que escrevo em matéria de oração. Tendes desses livros que trazem, repartidos pelos dias da semana, os mistérios da Vida do Senhor e de sua Paixão, além de meditações sobre o juízo, o inferno, o nosso nada e os imensos benefícios de Deus; tudo acompanhado de excelente doutrina e avisos sobre o modo de entrar na oração e de a concluir. A quem puder orar deste modo e já estiver acostumado a ele, nada tenho a dizer: por caminho tão seguro será levada pelo Senhor a porto de luz, e com tão bons princípios chegará a feliz termo. Todos aqueles que assim lograrem fazer, encontrarão repouso e segurança, porque, uma vez atado o entendimento, poderão caminhar com descanso. Mas de outro ponto quisera eu tratar, sugerindo algum remédio, se o Senhor me permitir que acerte. Se o não conseguir, ficareis entendendo, ao menos, que há muitas almas sujeitas a este trabalho de que vou falar, e não vos afligireis quando o tiverdes.

E' o seguinte. Há certas pessoas que têm o entendimento tão desbaratado como cavalos sem freio (a). Seja por sua mesma natureza ou por permissão de Deus, não há quem lhes detenha a imaginação: ora enveredam por um lado, ora por outro; andam sempre inquietas. Tenho grande pena dessas almas, porque me dão a impressão de pessoas que, estando a morrer de sede, avistam a água muito ao longe e, querendo ir buscá-la, acham quem lhes embargue o passo ao começo, no meio e no fim. Acontece que, tendo já vencido os primeiros inimigos a custa de grandes trabalhos e esforços, chegando aos segundos se deixam vencer, e preferem morrer de sede a beber água que tanto lhes há de custar. Esmorecem, perdem o ânimo.

(a) *O cavaleiro que monta semelhantes corcéis, se é destre, nem sempre corre perigo, mas se vê em apuros algumas vezes; e, embora esteja seguro acerca da vida, a custo os sujeita ao freio e não está livre de fazer alguma figura triste (Ms. do Escorial).*

Outros se alentam a vencer ainda os segundos inimigos: mas aos terceiros, desfalecem; e no entanto estavam porventura a dois passos da fonte de água viva da qual disse o Senhor à samaritana: Quem dela beber não terá mais sede ¹. E como são reais e verdadeiras estas palavras, pois saíram da boca da mesma Verdade! Sim, não terá sede de coisa alguma desta vida, mas das coisas do Céu, ficará muito mais sequioso. E' um tormento de que mal se pode fazer idéia pela sede natural, aqui em baixo. Mas quão ávida de tal sede vive a alma! E' que entende seu alto valor e sabe que, embora penosíssima e dolorosíssima, traz consigo a mesma saciedade com que se farta. E' sede que não faz morrer senão às coisas terrenas; antes, dá fartura, e assim, quando Deus a satisfaz, uma das maiores mercês que pode fazer à alma é deixá-la com a mesma necessidade e sempre com maior sede de tornar a beber dessa água.

Vêm-me agora à lembrança três propriedades que tem a água. Haverá muitas outras, mas estas me vêm ao caso. A primeira é refrescar: por maior calor que tenhamos, em chegando à água logo sentimos refrigério; e também extingue o fogo, ainda o mais violento, exceto o de alcatrão, que ateia mais. Oh! valhame Deus! quantas maravilhas encerradas neste recrudescer do fogo com a água, quando é fogo vivaz, possante, não sujeito aos elementos, — já que a mesma água, apesar de lhe ser contrária, não o empece, antes o faz crescer! Ser-me-ia muito proveitoso neste ponto consultar alguém que soubesse filosofia ² e me explicasse as propriedades das coisas, para que eu me soubesse declarar; pois com estes pensamentos me vou deleitando, mas não me sei exprimir e talvez nem mesmo o entenda bem.

Quando Deus, Irmãs, vos trazer a beber desta água — e algumas de entre vós já dela bebem, — acha-

1) Jo 4.

2) A palavra filosofia é empregada de modo geral, como um conjunto de todas as ciências.

reis gosto nesta comparação e entenderéis como o verdadeiro amor de Deus, se está em toda a sua força, inteiramente livre das coisas da terra, já pairando acima de todas elas, é senhor de todos os elementos e do próprio mundo. E como a água procede da terra, não tendes medo que apague este fogo de amor de Deus: não tem jurisdição sobre ele. Conquanto sejam contrários, ele é já senhor absoluto e não lhe está sujeito. E assim, não vos espanteis, Irmãs, do empenho com que neste livro vos estímulo a procurar esta liberdade. Não é lindo que uma pobre monja de S. José possa chegar a ter domínio sobre a terra toda e os elementos? E será de espantar que os Santos, com o favor de Deus, fizessem deles o que queriam? A S. Martinho o fogo e a água prestavam obediência; até as aves e os peixes a São Francisco; e assim a muitos outros Santos, nos quais se via claramente que eram a tal ponto senhores de todas as coisas do mundo porque tinham bem trabalhado para as menosprezar, e se haviam sujeitado deveras, com todas as suas forças, Aquele que é Senhor do universo. Repito, pois: contra este fogo não tem poder a água que brota da terra; suas chamas são muito altas e não tiram origem de coisa tão baixa. Outros fogos há de pequeno amor de Deus que qualquer successo pode matar, mas este não! Ainda que venha sobre ele um mar de tentações, não deixará de arder e triunfará de todas elas.

Se é água que chove do céu, ainda muito menos o matará: não são contrários; ambos têm a mesma origem. Não tendes receio de que estes dois elementos se prejudiquem mutuamente, antes um ajuda o efeito do outro; porque a água das lágrimas verdadeiras que brotam da verdadeira oração, realmente dadas pelo Rei do Céu, contribui para que este fogo mais se inflame e dure mais tempo; e ele, de seu lado, torna esta água mais refrigerante. Oh! valha-me Deus! que coisa tão linda e maravilhosa é que o fogo dê refrigério! Pois é assim; e até chega a gelar todas as afeições do mundo quando se junta com a água viva do Céu, que

é o manancial de onde procedem as lágrimas de que falei acima, — lágrimas dadas por Deus, e não adquiridas por nossa indústria. Quão certo é que a alma não sente calor em relação a coisa alguma do mundo, de modo a se deter nela; a menos que se trate de incendiar outras almas, porque é próprio deste fogo não se contentar com pouco, antes, se estivesse a seu alcance, abrasaria todo o mundo.

A outra propriedade é purificar o que não está limpo. Que seria do mundo se não houvesse água para lavar? Quereis saber até que ponto purifica esta água viva, esta água celestial, esta água cristalina, quando não está lodosa, irem turva; quando cai do Céu? Mesmo bebida uma só vez — tenho por certo, — deixa a alma clara e limpa de todas as culpas. Com efeito, segundo escrevi em outro lugar,³ esta água Deus não dá a beber — pois é coisa inteiramente sobrenatural esta divina união e não depende de nós, — a não ser com o fim de purificar a alma, deixando-a limpa e livre do lodo e miséria em que por suas culpas estava metida. Nos outros gostos espirituais que nos chegam por intermédio do entendimento, a água apenas vem correndo pela terra; não é bebida junto à nascente; não deixa de encontrar pelo caminho algum lodo em que se detenha: não é totalmente pura e limpida. A esta oração que vai discorrendo, como digo, com o entendimento, não dou o nome de água viva, nem o merece, a meu ver. É que, por muito que pretendamos fazer, sempre a nossa alma, em consequência da união com o nosso corpo e a nossa baixa natural, sente que se lhe apegas, mau grado seu, alguma das impurezas do caminho.

Quero explicar melhor. Estamos considerando o que é o mundo e como tudo nele acaba, com o fim de o desprezar; e eis que, sem quase o percebermos, nos achamos metidos nas coisas mundanas a que temos amor. Desejando fugir delas, encontramos pelo menos algum tropeço quando nos pomos a pensar: como

3) Vida, cap. XIX.

foi que sucedeu? e que virá a acontecer? como fiz isto e como farei aquilo? Assim, para examinar o modo conveniente de nos livrarmos, às vezes nos metemos de novo no perigo. Não é que por isso se deva deixar a meditação, mas é preciso estar de sobreaviso e não se aventurar descuidadamente. Na oração sobrenatural chama o Senhor a Si este cuidado, não o querendo fiar de nós. Estima tanto a nossa alma, que não a deixa meter-se em coisas que a possam prejudicar naquele tempo em que se digna cumulá-la de seus favores. Chega-a súbitamente para junto de Si, e ensina-lhe num relance mais verdades e dá-lhe mais claro conhecimento sobre o valor real de todas as coisas, do que poderíamos adquirir em longos anos com os nossos recursos naturais. E' porque não temos a vista desimpedida: cega-nos o pó que encontramos no caminho. Quando, ao revés, é o Senhor que nos leva, achamos-nos no termo da jornada, sem entender como.

A outra propriedade da água é faltar e tirar a sede. Segundo me parece, sede quer dizer desejo de uma coisa que nos faz grande falta, e tanta que se nos virmos totalmente sem ela, perderemos a vida. Coisa estranha! Se falta, nos faz morrer; e se vem em demasia, nos acaba a vida, como acontece a muitos, que morrem afogados. O' Senhor meu, feliz aquele que se visse tão engolfado nessa água viva, que se lhe acabasse a existência! Mas como pode ser isto? Sim, é possível crescer tanto o amor e desejo de Deus, que o não possa aguentar a fraqueza humana; e algumas pessoas têm sucumbido deste modo. Sei de uma ⁴ que não teria resistido se Deus não a socorresse prontamente com esta água viva em tão grande abundância que a tirava quase de si com arroubamentos, porque nela era a sede tão imensa e tão progressivos os desejos, que entendia claramente ser muito possível morrer de sede se a não remediassem. Com esses arroubamentos que a tiram quase inteiramente de si, descansa a alma. Dir-se-ia que, afogada e incapaz de suportar o mundo, ressuscita em Deus, e

4) Vida, cap. XX. S. Teresa fala de si mesma.

Sua Majestade a habilita para poder gozar o que, estando em si, jamais aguentaria sem se lhe acabar a vida.

Por aqui se veja como em nosso Bem supremo não há coisa que não seja muito cabal. Tudo o que Ele dá é para nosso benefício, e, por mais que nos inunde desta água, não pode haver demasia nos seus dons, porque, se muito dá, habilita, como deixei dito, a alma para que seja capaz de beber muito. Assim um oleiro faz a vasilha de tamanho proporcionado ao liquido que nela quer deitar. Onde nunca deixa de haver imperfeição é nos nossos desejos, por isso mesmo que vêm de nós. Só têm eles de bom o que procede da graça do Senhor; mas somos tão indiscretos, e é pena tão suave e gostosa, que nunca nos fartamos de a saborear; comemos sem medida, excitamos quanto nos é possível estas ânsias, e deste modo chegam, por vezes, a matar. Que morte ditosa! Mas quem sabe se com a vida poderia essa alma ajudar a outros a morrerem pelo desejo de tal morte? Isto, creio eu, procede do demônio, porque, entendendo o prejuízo que lhe há de sobrevir de tais pessoas enquanto viverem, tenta-as neste ponto e também com indiscretas penitências a fim de lhes acabar com a saúde. E não ganha pouco nisto...

Repito, pois: quem chegar a ter esta sede tão impetuosa, acautele-se, porque, lhe asseguro, terá esta tentação; e, se não morrer de sede, perderá a saúde e, mau grado seu, dará demonstrações exteriores, o que absolutamente é preciso evitar. Algumas vezes, de pouco servirá nossa diligência, e não poderemos dissimular tudo, como quiséramos; mas acautelemo-nos quando nos sobrevierem esses ímpetos tão veementes de desejos cada vez mais subidos, e não os façamos crescer. O melhor é atalhar com suavidade por meio de outra consideração, pois, não raramente, terá neles nossa natureza tanta parte como o amor. Com efeito, há certas pessoas que não sabem desejar sem grande veemência qualquer coisa, ainda mesmo que seja má. Estas, não creio que sejam muito mortificadas.

Quanto é certo que para tudo é de proveito a mortificação! Parece desatino atalhar coisa tão santa; mas longe disto! pois não aconselho a suprimir o desejo, e sim a moderá-lo e substituí-lo por outro talvez de igual merecimento para a alma.

Quero explicar-me para me fazer melhor compreender. Dá a alguém um imenso desejo, como tinha São Paulo, de se ver já com Deus, desatado do cárcere deste corpo. Pena causada por tal motivo deve ser deliciosa; não lhe será mister pouca mortificação para a atalhar, e nem o conseguirá inteiramente. Poderá tornar-se tão intenso o penar, que lhe faça quase perder o juízo. Assim vi, não há muito, uma pessoa⁵ — naturalmente impetuosa mas tão educada em quebrar a própria vontade, que parece tê-la já perdido, como se vê, em outras circunstâncias, — a qual durante algum tempo ficou desatinada pela intensidade da dor e pela violência que tinha de fazer para dissimular. Digo, pois: em caso tão excessivo, ainda quando provenha do espírito de Deus, é próprio da humildade o temer; porque não havemos de pensar que chegue a tanto nossa caridade que nos ponha em tais extremos.

Digo ainda que não terei por mau que mude o desejo; se o conseguir — bem entendido, — pois talvez nem sempre esteja em suas mãos fazê-lo. Pense que, vivendo, servirá mais a Deus; poderá dar luz a alguma alma que de outro modo porventura se viria a perder; acumulando serviços, acrescentará méritos pelos quais poderá gozar mais de Deus; e, finalmente, lembre-se que trabalhou muito pouco, e tema. Mediante estes pensamentos achará consolação e lenitivo para sua grande aflição; aplacará sua pena e ganhará muito, pois só pela esperança de servir ao mesmo Senhor consente em permanecer no exílio e viver com sua mágoa. E' como se a alguém que estivesse sofrendo suma angústia ou grave dor, disséssemos que se console; tenha paciência; fique abandonado nas

5) A própria Santa.

mãos de Deus, a fim de que a seu respeito se cumpra a vontade do Senhor, pois não há coisa mais acertada do que nos entregarmos à Providência Divina.

Deste modo, se o demônio tiver contribuído de qualquer maneira para tornar tão grandes esses desejos, sairá confuso. E bem pode ser ele, como fez, segundo narra Cassiano⁶ creio eu, com certo ermitão de vida aspérrima, ao qual sugeriu que se lançasse num poço para ver a Deus mais depressa. Estou bem convencida de que provávelmente este não tinha servido a Deus com humildade e perfeição, porque fiel é o Senhor, e jamais consentiria Sua Majestade tal cegueira em coisa tão manifesta num servo seu. Mas está claro: se as ânsias foram de Deus, não ocasionariam aquele mal, porque trariam consigo luz, discrição e comedimento. Isto é fora de dúvida. Acontece, porém, que nosso irreconciliável inimigo, por todos os modos ao seu alcance, procura perder-nos; e, portanto, já que ele não anda descuidado, não o andemos também nós. Este aviso é importante para muitos casos, como, por exemplo, para encurtar o tempo da oração, por saborosa que seja, quando vemos que se nos vão acabando as forças corporais ou se nos enfraquece a cabeça. Em tudo a discrição é sumamente necessária.

Sabeis com que intento, filhas, vos quis declarar o termo da viagem e mostrar o prêmio antes da batalha, dizendo-vos o bem encerrado nesse chegar a beber desta água viva da fonte celestial? E' para que não acheis demasiado o trabalho e contradição que se encontra pelo caminho, e prossigais com ânimo, sem vos deixardes vencer pelo cansaço; pois, como já disse, poderá acontecer que, depois de chegadas à fonte e de só vos faltava abaixar-vos para beber, abandonais a empresa e percais tão grande bem, pela falsa persuasão de que não tendes forças para o conquistar nem capacidade para tanto.

6) Conferência II, cap. V.

Vede que o Senhor convida a todos ⁷ e, sendo Ele a mesma Verdade, não há que duvidar. Se não fora geral este convite, o Senhor não faria tão universal chamado, ou pelo menos não diria: *Eu vos darei de beber* ⁸. Poderia dizer: Vinde todos, que, afinal de contas, nada perdereis, e darei de beber àqueles que eu quiser. Mas já que a todos chama, incondicionalmente, tenho por certo que não faltará esta água viva a quem se não deixar ficar no caminho. O Senhor, que a promete, nos dê graça — por quem Sua Majestade é — para a buscarmos como deve ser buscada.

CAPÍTULO XX

Diz como, por diferentes vias, nunca deixa o Senhor de consolar neste caminho da oração. Aconselha às Irmãs que falem sempre disto em suas conversações.

Parece haver contradição entre o que escrevi no capítulo passado e o que tinha dito antes, quando, para consolar as que não chegam à contemplação, afirmei que há diversos caminhos por onde o Senhor leva a Si as almas, assim como há muitas moradas ¹. Entretanto não me desdigo. Com efeito, conhecendo Sua Majestade nossa fraqueza, atendeu a tudo segundo sua grande sabedoria; mas não disse: “Venham uns por este caminho, e outros por aquele”; antes foi tão sem limites a sua misericórdia, que a ninguém tirou a liberdade de procurar atingir esta fonte de vida e beber dela. Bendita seja Ele para sempre! E a mim com que justiça o poderia vedar!

Se Ele me não mandou deixar este caminho quando o comecei, nem fez que me lançassem no profundo do inferno, é fora de dúvida que a ninguém rejei-

7) Mt 11, 28.

8) Jo 7, 37.

1) Jo 14, 2.

tará. Pelo contrário! públicamente convida e clama a todos; ² mas, como é tão bom, não nos força, e por diversas maneiras dá de beber aos que o querem seguir, para que nenhum se retire desconsolado nem morra de sede. Assim é que desta fonte caudalosa nascem arroios, uns grandes e outros pequenos; e até pequenas poças para os meninos — isto é, os príncipiantes, — que se contentam com isto e ficariam amedrontados se vissem muita água. Por conseguinte, Irmãs, não tenhais medo de morrer de sede neste caminho. Jamais falta a água da consolação a ponto de não se poder aguentar; e, pois é assim, tomaí meu conselho e não pareis no meio da viagem; pelejai como fortes até morrer na demanda, pois não estais aqui para outra coisa senão para pelejar. E se fordes sempre avante com esta determinação de antes morrer do que desistir de chegar ao termo da jornada, o Senhor, mesmo dado o caso de vos levar com alguma sede nesta vida, na outra, que durará sempre, vos dará de beber com toda a abundância e sem perigo de que vos venha a faltar a água. Praza ao Senhor não lhe faltemos nós. Amém.

Agora, para enveredar por este caminho a que me refiro, de maneira a não errar desde os primeiros passos, tratemos um pouco de como se há de principiar esta jornada, pois é o que mais importa, ou antes, é de uma importância capital e absoluta. Não digo que desista da empresa quem não tiver a determinação em tão alto grau como vou explicar; pois o Senhor o irá aperfeiçoando. Ainda quando não desse mais que um passo, este encerra tal virtude, que indubitavelmente não ficará perdido nem deixará de ser muito bem pago. E', digamos assim, como acontece a quem tem um rosário indulgenciado: ³ ganhará as indulgências uma ou muitas vezes conforme rezar um ou muitos rosários. Se, porém, o meter na arca e nunca o tomar nas mãos, melhor lhe fora não o possuir. Da mesma forma, quem

2) Estava ali Jesus, posto em pé, e clamava, dizendo: "Se alguém tem sede, venha a mim e beba" (Jo 7, 37).

3) Una cuenta de perdones.

começa a trilhar o caminho da oração, ainda que depois o deixe, pelo pouco que nele tiver andado cobrará luz para prosseguir bem por outros caminhos; e quanto mais longe tiver ido, mais luz terá. Em suma, tenho por fora de dúvida que, embora tome depois outro rumo, nenhum prejuízo lhe causará o ter começado, porque o bem nunca faz mal. Por isso, filhas, procurai que todas as pessoas com quem tratardes, — se estiverem bem dispostas e vos tiverem alguma amizade, — percam o receio de buscar tão grande bem; e, por amor de Deus vos peço: nas vossas conversações tende sempre em vista o proveito dos que vos falam. Vossa oração há de ter por fim o bem das almas; e, já que o haveis de pedir sempre ao Senhor, pareceria mal, Irmãs, se o não procurásseis por todos os modos.

Se quereis ser boa parenta, esta é a verdadeira amizade; se boa amiga, convencei-vos de que o não podeis ser senão por este caminho. Ande a verdade em vossos corações, como deve andar pelo exercício da meditação, e vereis claramente o amor que somos obrigadas a ter ao próximo. Já não é tempo, Irmãs, de brincadeiras de crianças; que não me parecem outra coisa essas amizades do mundo, ainda quando são boas. Não haja entre vós expressões como esta: “Se me queres bem”, “não me queres bem”; nem com parentes, nem com qualquer outra pessoa, a menos que tenhais em vista um grande fruto e proveito para alguma alma. Pode acontecer, com efeito, que seja necessário dispor o ânimo de vosso parente, ou irmão, ou pessoa conhecida, mediante essas frases e demonstrações de amor, sempre agradáveis à natureza, para que vos dê ouvidos e aceite uma verdade: e não raramente uma boa palavra — como dizem — dará mais resultado que muitas de Deus e abrirá caminho a estas. Quando for assim, visando o benefício espiritual de alguém, não vo-las proíbo; mas a não ser neste caso, nenhum proveito podem trazer, e, pelo contrário, são capazes de vos fazer mal sem o perceberdes. Já todos sabem que sois Religiosas, e tendes vida de oração. Não vos pas-

se pela cabeça dizer: “Não quero que me tenham em boa conta”. Em honra ou descrédito para a Comunidade, redundará aquilo que virem em vós. Grande mal é que pessoas tão obrigadas a não falar senão em Deus, como são as monjas, tenham por lícito usar de dissimulação nesta matéria, a não ser alguma vez com intento de conseguir maior bem. Este é o vosso trato e modo de falar; quem quiser ter relações convosco, aprenda-o, e se não, guardai-vos de aprender vós o seu: seria um inferno.

Se vos tiverem por grosseiras, pouco perdereis! Se por hipócritas, ainda menos. Tirareis lucro, porque não virá ver-vos senão quem souber a vossa língua, pois é impossível uma pessoa que não sabe árabe gostar de entreter-se longamente com quem não fala outro idioma. Deste modo nem vos cansarão nem vos furão dano; e, do contrário, ficaríeis não pouco prejudicadas começando a aprender nova língua. Nisto perderíeis todo o vosso tempo, e não podeis calcular como eu, que o sei por experiência, o quanto prejudica a alma; porque para aprender uma, esquece a outra, e vive num perpétuo desassossego. Por todas as maneiras haveis de fugir disto, pois o que muito convém para este caminho do qual começamos a tratar, é paz e tranquilidade na alma.

Se os que falarem convosco quiserem aprender vossa língua, já que não tendes missão de ensinar, podereis dizer-lhes as riquezas que se ganham em aprendê-la. Disto não vos canseis; insisti com piedade e amor, fazendo ao mesmo tempo oração, para que lhes sejam proveitosas vossas palavras, até que eles, com esperança de tão grande lucro, vão buscar mestre que os instrua. Não seria pequena mercê se o Senhor vos desse graça para despertar em alguma alma o desejo deste bem. Mas que de coisas se nos oferecem ao espírito quando começamos a discorrer por este caminho, ainda mesmo a quem o tem andado tão mal como eu! Praza ao Senhor, minhas Irmãs, que eu vo-lo saiba dizer melhor do que o tenho praticado. Amém.

CAPÍTULO XXI

Diz o muito que importa começar com resolução inquebrantável o caminho da oração, sem fazer caso dos obstáculos suscitados pelo demônio.

Não vos espanteis, filhas, das muitas coisas que é necessário considerar antes de dar início a esta viagem divina, que é caminho real para o Céu. Indo por ele, ganha-se inestimável tesouro: não é muito que, a nosso parecer, nos custe caro. Tempo virá em que se entenda como tudo é nada em comparação de tão grande prêmio.

Tornando agora aos que o querem seguir sem parar até o termo — que é chegar a beber desta água de vida, — direi como há de fazer quem principia. Importa muito, e acima de tudo, uma forte e inquebrantável determinação de não parar até chegar à fonte, — venha o que vier, suceda o que suceder, custe o que custar, murmure quem murmurar; quer chegue ao fim, quer morra no caminho ou não tenha coragem para os trabalhos que nele se encontram; e ainda que o mundo venha abaixo, como acontece muitas vezes. Refiro-me a certos ditos: “Há perigos; — fulana por aqui se perdeu; — este se enganou; — aquele, que rezava muito, caiu; — isto desmoraliza a virtude; — não é exercício para mulheres, sujeitas a ilusões; — o melhor será que peguem do fuso; — deixem-se dessas delicadezas; — basta o Padre-Nosso e a Ave-Maria”... .

Por certo que basta! Isto também o digo eu, Irmãs. Sempre é grande bem ir fundada vossa oração em preces saídas de tais lábios como os do Senhor. Neste ponto os mundanos têm razão: se nossa frágil natureza não estivesse já tão fraca e nossa devoção tão tibia, não haveria necessidade de outros livros nem de outros modos de orar. E, assim, pareceu-me conveniente tomar por base o Padre-Nosso para explicar uns princípios e meios e fins que poderão servir para

a oração, sem me deter, todavia, em coisas altas. Dirijo-me particularmente às almas que não se podem recolher na meditação dos mistérios, porque julgam necessário usar de artifício, e há certos espíritos tão engenhosos que nada os contenta. Deste modo não andareis receosas de que vos possam tirar os livros, pois, se fordes aplicadas e humildes, de nenhuma outra coisa sentireis falta.

Durante toda a minha vida, tenho sido afeiçoada às palavras do Evangelho, e estas me recolhem mais do que os melhores livros. Especialmente quando os autores não são muito aprovados, nem tenho vontade de os ler. Chego-me, pois, a este Mestre da Sabedoria, a ver se me ensina alguma consideração que vos satisfaça. Não pretendo escrever comentário sobre estas orações divinas, nem me atreveria a tanto. Há vários publicados, e, ainda que os não houvesse, seria disparate meter-me eu nisto: irei simplesmente considerando as palavras do Padre-Nosso. Assim faço porque algumas vezes, à força de ler tantos livros, dir-se-ia perdemos a devoção àquilo que, por nosso próprio interesse, mais deveríamos amar. Sim, porque está claro: todo mestre, quando ensina uma coisa, cobra amor ao discípulo, e, gostando de ver que a estuda com prazer, muito o ajuda a aprendê-la. Assim fará conosco este Mestre celestial.

Por isso nenhum caso façais dos temores que vos quiserem incutir, nem dos perigos que vos pintarem. Seria engraçado que pretendesse eu ir em busca de um grande tesouro, por caminho infestado de salteadores, sem correr algum perigo! Tão bons não são os mundanos para que vo-lo deixem conquistar pacificamente! Muito pelo contrário, por um ceitel¹ de interesse são capazes de não dormir muitas noites e de vos desassossegar o corpo e a alma. Agora pergunto: se vos fallam em tantos riscos e vos inspiram tais temores, a vós que, por estrada real e caminho seguro, trilhado por nosso Rei e por todos os seus escolhidos e santos, ides

1) Un maravedí.

conquistar este tesouro — ou antes roubá-lo, pois os esforçados o arrebatam,² como diz o Senhor, — dizei-me: que perigos correrão aqueles que presumem sem orientação alguma ir em demanda desse mesmo bem?

O' filhas minhas, correm muito maiores, sem comparação; mas é que os não entendem até se despenharem como cegos no verdadeiro perigo, quando não há quem lhes dê a mão; e perdem de todo a água, sem beber pouco nem muito, nem de poça, nem de arroio. Imaginai agora: sem uma gota desta água, como percorrer caminho onde é forçoso pelejar com tantos inimigos? Está claro, quando menos pensarem, morrerão de sede, pois — queiramos ou não queiramos, filhas minhas, — todos nós nos dirigimos para a mesma fonte, ainda que por diferentes maneiras. Crede-me, portanto; e não vos deixeis iludir se alguém vos indicar outra vereda que não seja a da oração.

Não é meu intento discutir agora se para todos deve esta ser mental ou vocal. Para vós, digo: ambas são necessárias e constituem o ofício dos Religiosos. Se alguém vos disser que é exercício perigoso, considerai a esse tal como sendo o próprio perigo, e fugi dele; e não esqueçais esta minha recomendação, que talvez vos seja útil. Perigo será não ter humildade e as demais virtudes; mas que seja perigoso o caminho da oração?... Deus tal não permita! E' o demônio quem inventa e espalha esse temores, penso eu; e, como tão manhoso, conseguiu fazer cair algumas pessoas que davam mostras de ter vida interior.

E que cegueira vai pelo mundo! Não olham os muitos milhares de almas que têm caído em heresias e males funestos sem ter oração, e vivendo bem dissipadas; e, se, de envolta com todos esses, o demônio, para lograr melhor seus planos, consegue derribar algumas pessoas dadas ao trato com Deus, logo começam a incutir terrores acerca do exercício da virtude. Quem lhes der ouvidos e se apartar por temor, tenha cuidado! pois foge do bem para se livrar do mal. Nun-

2) Mt 11, 12.

ca vi tão maligna invenção; bem mostra tem origem diabólica. O' Senhor meu! levantai-vos em vossa defesa! Vede que interpretam erradamente vossas palavras. Não permitais semelhante fraquezas em vossos servos.

A par disto há um grande triunfo; é que sempre achareis alguém que vos ajude, porque o verdadeiro servo de Deus, iluminado por Sua Majestade acerca do caminho a seguir, tem esta propriedade: no meio de todos os temores experimenta mais intensos desejos de não parar. Entendendo claramente de que lado o acomete o demônio, consegue furtar o corpo, e quebra-lhe a cabeça, deixando-o com esta derrota mais despeitado, do que alegre com todas as vitórias que alcança sobre outras almas. Quando este inimigo, em tempos de alvoroço, semeia a cizânia e parece levar a todos em seu seguimento, cegando-os quase completamente com pretexto de bom zelo, de repente suscita Deus a um só que lhes abra os olhos e brade: "Tomai cuidado! alguém espalhou uma névoa para vos desorientar". Que grandeza de Deus! Um homem só que diga a verdade — ou dois — muitas vezes pode mais do que uma multidão, e, animado de uma coragem divina, pouco a pouco faz tornarem os transviados ao caminho reto. Se os profanos apregoam que há perigo na oração, o servo de Deus procura dar a entender, mais pelas obras do que pelas palavras, quanto ela é excelente; se alegam que não é bom amiudar as Comunhões, ele as faz mais frequentes. Assim é que, em havendo um ou dois que sem temor sigam o mais perfeito, logo torna o Senhor a recuperar aos poucos o terreno perdido.

Por conseguinte, Irmãs, deixai-vos desses medos; em coisas semelhantes nunca façais caso da opinião do vulgo. Olhai que não estamos em tempo de se dar crédito a todos, senão só aos que tiverdes certeza se conformam à vida de Cristo. Procurai ter limpeza de consciência e humildade, desprezo de todas as coisas do mundo e fé inabalável no que ensina a Santa Ma-

dre Igreja; e, assim fazendo, ficai seguras de estar no bom caminho. Deixai-vos de temores, repito, onde não há que temer. Se alguém procurar assustar-vos, declarai-lhe humildemente vossa norma de vida; diizei-lhe que a vossa Regra vos manda orar de dia e de noite; e, pois assim vo-lo ordena, haveis de obedecer. Se vos replicarem que se trata de orar vocalmente, apurai se convém aplicar o entendimento e o coração ao que rezardes. Se vos responderem que sim — e não poderão dizer outra coisa, — vereis como com sua própria boca estão confessando que forçosamente haveis de unir à oração vocal a mental, e até a contemplação se Deus vo-la conceder.

CAPÍTULO XXII

Em que declara o que é oração mental.

Ficai sabendo, filhas, não é o fato de ter cerrada ou aberta a boca, que faz a oração ser ou não mental. Se, enquanto digo uma prece, estou inteiramente convencida e compenetrada de que falo com Deus, mais possuída por este sentimento do que pela fórmula que pronuncio, juntas estão a oração mental e a vocal; a menos que vos aconselhem falar com Deus e juntamente pensar no mundo enquanto estais rezando o Padre-Nosso, porque então me calo. Se, porém, haveis de tratar a tão grande Senhor como pede a razão, é justo que considereis quem é Aquele a quem falais, e quem sois vós, ao menos para usar de cortesia. Com efeito, como podeis dar ao rei o título de “Vossa Alteza”, ou acertar com as cerimônias em uso para falar a um grande, se não entendeis bem qual a sua posição social e qual a vossa? Sim, pois de acordo com a dignidade se prestam as honras, e também conforme o uso em voga; que até disto vos haveis de informar se não quizerdes ser despedidas como simplórias,

sem conseguir êxito em negócio -algun (a). Mas que é isto, Senhor meu?... Que é isto, meu Imperador? Como se pode sofrer tal coisa? Sois Rei, Deus meu, por toda a eternidade; não é emprestado o reino que tendes.

Quando se diz no Credo: "*Vosso reino não terá fim*", experimento, quase sempre, particular regalo. Dou-vos mil louvores, Senhor, e bendigo-vos para sempre; enfim, vosso reino durará eternamente. Nunca permitais, Senhor, que se tenha por lícito que alguém vá entreter-se convosco e vos fale só com a boca. Que é isto, cristãos? Então não é mister a oração mental? Os que assim falais não sabeis o que estais dizendo, e quereis desatinar a todos. Não sabeis o que é oração mental, nem como se há de rezar a vocal, nem o que é contemplação; se o soubésseis, não condenaríeis por um lado o que louvais pelo outro.

Quanto a mim, sempre que me lembrar, hei de unir a oração mental à vocal no que escrevo, para que ninguém vos venha assustar, filhas. Sei aonde vão parar esses temores — como quem já padeceu alguns trabalhos nesta matéria — e por isso desejaria evitar-vos desassossegos; que neste caminho é extremamente prejudicial andar com medo. Muito importa a segurança de que ides bem, porque em se dizendo a um caminhante que vai errado e perdeu o rumo, logo se põe a andar de um lado para outro, e, enquanto busca por onde há de ir, cansa-se, perde tempo e vem a chegar mais tarde.

Quem poderá reprovar que, antes de dar começo à reza das Horas ou do Rosário, primeiramente pensem quem é Aquele a quem nos vamos dirigir, e

(a) *E se o não souberdes bem, tereis de aprender e até soletrar os cumprimentos. Vou contar-vos o que me aconteceu uma vez. Não tinha costume de tratar com os grandes e, obrigada por certa necessidade, fui falar a uma dama que tinha direito ao tratamento de Vossa Senhoria. Haviam-me ensinado e, por assim dizer, soletrado o título, mas por falta de memória e lambem de costume, em chegando lá, não acertei bem. Por fim resolvi confessar-lhe meus apuros e rir deles, pedindo-lhe que me permitisse dar-lhe o tratamento de Vossa Mercê, e assim fiz (Ms. do Escurial).*

quem somos nós que lhe falamos, a fim de ver de que modo o havemos de tratar? Pois eu vos digo, Irmãs, se fizerdes bem o muito que é mister para entender estes dois pontos, tereis ocupado bastante tempo em oração mental antes de vos pordes a rezar localmente. Sim, pois a um príncipe não se há de falar com a mesma sem-cerimônia que a um lavrador ou a uma pobre como nós, que se pode tratar de qualquer maneira.

A própria razão me faz compreender isto, conquanto este Rci, por sua humildade, não me deixe de atender e chamar para junto de Si, — a mim que por tão grosseira não lhe sei falar convenientemente. Seus guardas, que são os Anjos ali presentes, não me põem para fora, conhecendo bem os gostos de seu Rei, a quem mais agrada — pois tudo vê — a grosseria de um pastorzinho humilde que se mais soubera mais dissera, do que todos os elegantes raciocínios dos grandes sábios e letrados, quando não vão acompanhados de humildade. Assim que, por ser Ele tão bom, não nos havemos de mostrar descomedidas. Ao menos para o desagrarar pelo mau odor que sofre quando admite junto de Si uma pecadora como eu, justo é que procuremos conhecer quem Ele é e qual a sua pureza. Na verdade, logo se dá a conhecer, mal nos chegamos a Ele. Em relação aos senhores da terra, pelo contrário, é preciso indagar quem foi seu pai, quantos contos tem de renda, quais os seus títulos; e é o suficiente para saber quem é, porquanto aqui não se medem as honras pelos merecimentos das pessoas, e sim pela fazenda das mesmas.

O' miserável mundo! Dai muitos louvores a Deus, filhas, por terdes deixado coisa tão ruim, onde não se faz caso das qualidades intrínsecas, e sim do número dos vassallos e das propriedades arrendadas a lavradores; e se estas coisas faltam, logo lhes faltam também as honras. E' engraçado este costume, e bem próprio para vos divertir quando em comum tomardes

alguma recreação. Bom passatempo é considerar quão cegamente passam seus dias os mundanos.

O' Imperador nosso! sumo Poder, suma Bondade! Sois a mesma Sabedoria, sem princípio e sem fim! Vossas obras não têm limites: são infinitas, incompreensíveis, pélogo sem fundo de maravilhas! O' Formosura que encerrais todas as formosuras e sois a mesma Fortaleza! ●h! valha-me Deus! ●xalá possuíra eu toda a eloquência e sabedoria dos mortais, para bem saber — como é possível aqui na terra, onde toda a ciência é ignorância — e apregoar, neste momento, alguma das múltiplas grandezas que podemos considerar para ter algum vislumbre de quem é este Senhor e Sumo Bem nosso.

Sim, quando chegardes a Ele, refleti e procurai compreender com quem ides falar, ou com quem estais falando. Mil vidas das nossas não bastariam para acabarmos de entender como merece ser tratado este Senhor, em cuja presença tremem os mesmos Anjos. Tudo governa, tudo pode; seu querer é obrar. Pois assim é, filhas, razão será que procuremos deleitar-nos nessas grandezas de nosso Esposo, vendo com quem estamos desposadas e que vida devemos levar com Ele. Oh! valha-me Deus! Aqui na terra, quando alguém se casa, antes de tudo trata de indagar quem é o noivo, quais suas qualidades e seus haveres; e nós, já desposadas, não pensaremos em nosso Esposo, antes do dia das bodas, em que nos há de levar à sua casa? Se no mundo não se proibem estes pensamentos àquelas que estão prometidas em matrimônio aos homens, por que nos hão de proibir que façamos todas as diligências para entender quem é este Homem-Deus, e quem é seu Pai, e qual é a terra para onde me há de levar, e que bens são os que promete dar-me, que condição tem, como poderei melhor contentá-lo, em que lhe darei prazer, e como hei de aplicar-me por conformar meu gênio com o seu? Pois a uma mulher para ser bem casada, não lhe aconselham outra coisa senão que pro-

cure fazer assim, ainda mesmo que o marido seja de classe muito baixa.

Pois será possível, Esposo meu, que em tudo façam menos caso de Vós que dos homens? Se acharem que não tenho razão, deixem-vos ao menos vossas esposas, que estas hão de viver convosco! E, na verdade, é feliz vida! Se um esposo fosse tão ciumento que não permitisse à esposa tratar com mais ninguém, seria bonito, por acaso, se ela não cuidasse em lhe dar este prazer? Não deveria achar razoável tal imposição e sujeitar-se a não falar com outro, pois tem nele tudo o que pode almejar? Entender estas verdades, filhas minhas, eis o que é oração mental. Se quereis rezar vocalmente enquanto vos nutris desses pensamentos, está muito bem: mas não me estejais falando com Deûs e pensando em outras coisas, que isto vem de não compreender o que é oração mental. Penso que o deixo explicado: praça ao Senhor que o saibamos pôr em prática. Amém.

CAPÍTULO XXIII

Trata de quanto importa não voltar atrás a quem encetou o caminho da oração. Insiste sobre a sua necessidade de enveredar por ele resolutamente.

E' importantíssimo, repito, começar com grande determinação, e isto por tantas causas, que me alargaria muito se as quisesse referir. Só duas ou três quero indicar-vos, minhas Irmãs. Primeiramente não é justo que a este Senhor, que nos tem feito e continuamente nos faz tantos benefícios, não demos com toda determinação o que resolvemos dar-lhe. Refiro-me a esse pequeno ato de fidelidade, que, por certo, não é sem interesse para nós, antes nos acarreta inúmeras vantagens. Não lho demos à maneira de empréstimo, com intenção de lho tornar a pedir: isto

não me parece que seja dar. Pelo contrário: quem tomou emprestado um objeto, sempre experimenta algum desgosto quando lho tomam, especialmente se tem necessidade do mesmo e já o considerava seu; e, se isto lhe acontecer com um amigo a quem encheu de benefícios sem nenhum interesse, com razão terá por mesquinaria e sinal de pouco amor o não querer deixar-lhe coisa tão pequena, sequer em prova de amizade.

Que esposa haverá que, tendo recebido do esposo muitas jóias de preço, não lhe ofereça ao menos um anel, não pelo valor material, pois ele é dono de tudo, mas como penhor de que será sua até a morte! Porventura menos merece este Senhor, para que zombemos dele, dando-lhe e logo tomando-lhe esse nada que lhe reservamos? Não! ao menos esse tempinho que determinamos dar-lhe do muito que gastamos conosco e com quem não nô-lo saberá agradecer, — já que lho queremos dar, — apresentemos-lhe o pensamento livre e desocupado de tudo; com a maior determinação de não lho tornar a pedir, por maiores trabalhos, contradições e securas que, em consequência desse nosso ato, nos sobrevenham. Esse tempo, já o devo olhar como coisa não minha, e convencer-me de que me pode ser exigido por justiça quando eu de todo não lho quizer dar.

Digo: de todo; porque faltar uma vez ou mesmo alguns dias, por ocupações justas ou qualquer indisposição, não é voltar atrás. O essencial é manter firme a intenção, pois não é nada meticoloso o meu Deus, nem faz caso dessas miudezas, antes vos será agradecido. Isto é dar; o demais é próprio de quem não é franco, senão tão apertado que não tem coração para fazer uma dádiva: quando muito, empresta. Em todo caso, faça alguma coisa, que tudo leva em consideração este Senhor; e sempre corresponde a todos os nossos desejos. Absolutamente não é esmiuçador para nos tomar contas, antes é generosíssimo; por grande que seja a dívida, perdoa como se nada

fosse. Para nos pagar, pelo contrário, é tão minucioso, que não tendes medo de deixar sem prêmio um só olhar acompanhado da lembrança de sua presença.

A segunda causa é que o demônio tem menos poder para tentar. Fica amedrontado quando vê almas resolutas, porque — tem experiência — estas lhe occasionam prejuízos consideráveis e, de tudo que inventa para as arruinar, tiram proveito para si e para os outros, saindo ele com perda. Contudo não havemos de andar descuidadas, confiando nisto, pois estamos em guerra com inimigos traidores. Aos apercebidos não ousa o malvado acometer com tanta audácia, porque é muito covarde; mas se visse descuido, faria grandíssimo dano. Quando percebe que uma alma é inconstante e não está firme no bem nem fortemente determinada a perseverar, não a deixa em paz, nem de dia nem de noite; inventa mil temores e inconvenientes: é um não acabar. Estou muito bem informada neste ponto, por experiência própria, e por isto o soube dizer. Ninguém imagina quanto é importante a fortaleza.

Outro motivo, que vem muito ao caso, é que a alma pelega com mais ânimo; já sabe que, venha o que vier, não há de tornar atrás. E' como um soldado em batalha: entendendo que, se for vencido, não será poupado, e, se não morrer no combate, terá de morrer depois, pelega com mais denodo; quer vender caro a vida, como se costuma dizer, e quase não teme os golpes, porque tem diante dos olhos quanto lhe importa a vitória, pois dela depende sua existência. E' também necessário começar com a segurança de que, se não nos deixarmos vencer, lograremos a palma; isto sem nenhuma dúvida, pois, por menor que seja o lucro, sairemos muito ricos. Não tendes receio de que vos deixe morrer de sede o Senhor que nos chama a beber desta fonte. Isto já ficou dito, e quisera eu repeti-lo muitas vezes, porque o temor acovarda muito as almas que ainda não conhecem de todo a bondade do Senhor por experiência, ainda que a conheçam

pela fé. Grande coisa é haver experimentado o regalo e amizade com que trata aos que andam por este caminho da oração, e como faz por eles quase todos os gastos.

Quanto aos que ainda o não experimentaram, não me maravilho de que exijam alguma segurança do lucro a esperar. Este, já o sabeis, é cento por um, desde esta vida. Diz o Senhor: *Pedi e dar-se-vos-á*¹. Se não credes a Sua Majestade, que vo-lo assegura em tantas partes de seu Evangelho, de pouco valerá, Irmãs, que eu quebre a cabeça para vos convencer. Em todo caso, quem tiver alguma dúvida, nada perde em experimentar; pois isto tem de bom esta viagem: nela recebemos mais do que pedimos e até do que poderíamos desejar. Isto é infalível, tenho certeza; e por testemunhas posso apresentar aquelas de vós que o sabeis por experiência.

CAPÍTULO XXIV

Trata de como se há de rezar com perfeição vocalmente, e como sempre anda junta a oração mental com a vocal.

Agora, pois, tornemos a falar com as almas a que me referi, as quais não conseguem recolher-se, nem atar o entendimento na oração mental, nem fazer considerações. Nestas coisas nem toquemos, pois não sois para elas. De fato, há muitas pessoas que só de ouvir o nome de oração mental ou contemplação parecem ficar atemorizadas.

Pode acontecer alguma vir parar a esta casa, onde, conforme já disse, nem todas vão pelo mesmo caminho; por isso quero aconselhar-vos e, até posso dizer, ensinar-vos — pois assim me é lícito na qualidade de mãe que me é conferida pelo ofício de Priora — o modo de rezar vocalmente, porque é justo enten-

1) Lc 11, 9.

daís o que dizeis. E como quem é incapaz de pensar em Deus, talvez se canse também com largas orações, não me quero ocupar destas, senão das que forçosamente, pois somos cristãos, havemos de rezar, que são o *Padre-Nosso* e *Ave-Maria*. Não se possa dizer de nós, que falamos sem atentar no que dizemos: salvo se vos parecer suficiente rezar por costume, pronunciando só de boca as palavras. Se basta ou não, nisto não me intrometo: aos letrados compete decidir o caso. Quanto a nós, filhas minhas, quisera eu que não nos contentássemos com tão pouco. Por certo! Quando digo: "*Credo*", é inteiramente conforme à razão que entenda e saiba o que creio; e se digo: "*Padre Nosso*", pede o amor que compreenda quem é esse nosso Pai, e qual o Mestre que nos ensinou esta oração!

Podeis replicar que já sabeis todas estas coisas e é inútil vo-las trazer à memória, mas não tendes razão. Entre mestre e mestre pode haver muita diferença. Ainda aqui na terra, grande desgraça é não nos lembrarmos daqueles que nos ensinam; especialmente em se tratando de santos e mestres da alma, é impossível esquecê-los se somos bons discípulos. Pois de tal mestre como o que nos ensinou esta oração com tanto amor e desejo de nos fazer bem, Deus nos livre de não nos lembrarmos frequentemente enquanto a repetimos, embora por nossa fraqueza nos descuidemos alguma vez.

A primeira coisa que nos ensina Sua Majestade é — já sabeis — que a alma se recolha a sós. Assim fazia Ele sempre que orava, e não por sua necessidade, mas para nosso ensinamento. Já ficou dito: é intolerável falar ao mesmo tempo a Deus e ao mundo; pois não fazemos outra coisa quando estamos a rezar e a escutar, por outro lado, o que se fala, ou a pensar no que nos vem à cabeça, sem nos irmos à mão. Excetuo certos tempos em que pelos maus-humores — especialmente nas pessoas melancólicas — ou pela fraqueza de cabeça, nada se alcança, por mais que se faça. Há também dias de grandes tempestades que Deus

permite para maior bem de seus servos. Então, embora se aflijam e procurem aquietar-se, não o conseguem; apesar de todos os seus esforços, não prestam atenção ao que dizem, não logram fixar o espírito. Este parece vítima de um frenesi, de tal modo anda desbaratado.

Pela aflição que experimenta quem se acha neste estado, verá que não é culpa sua. Não se aflija, que é pior; nem se canse em querer dar juízo a quem por então não o tem, isto é, ao seu próprio entendimento. Reze como puder, e até não reze; veja que está com a alma enferma e procure dar-lhe alívio e ocupar-se em outra obra virtuosa. Este aviso é para pessoas que têm cuidado com sua perfeição e já se venceram de que não devem falar a Deus e ao mundo ao mesmo tempo. O que podemos fazer de nossa parte é buscar solidão; e praza a Deus que isto baste, como já disse, para entendermos com quem estamos e como nos responde o Senhor às nossas petições. Pensais que, embora o não ouçamos, esteja silencioso? Bem fala Ele ao coração, quando de coração lhe pedimos. Considere cada uma de nós que a ela ensinou o Senhor o Padre-Nosso, e ainda lho está repetindo: pois nunca o mestre fica tão longe do discípulo, que lhe seja necessário dar gritos, antes fica muito perto. Quero que vos compenetreis desta verdade: para rezar bem o Padre-Nosso, é conveniente não vos apartardes de junto do mestre que vo-lo ensinou.

Direis, que já isto é consideração; que não podeis, nem mesmo quereis rezar senão orações vocais. Sim, mas também há pessoas insofridas e amigas de seus cômodos que, pela falta de costume, tendo de lutar no princípio para recolher o pensamento, dizem logo que não podem com maiores coisas, nem sabem rezar senão vocalmente; só porque não se querem constranger um pouquinho. Tendes razão de dizer que já é oração mental; mas eu vos declaro abertamente: não sei como é possível apartá-la da vocal, se pretendemos rezar bem e entender com quem* falamos. Ora, é obrigação procurarmos rezar com advertência; e praza a Deus que,

mesmo empregando estes meios, saia bem rezado o Padre-Nosso e não acabe em outra coisa diferente. Da minha parte, tenho experimentado vários remédios, e o melhor que encontrei é procurar manter o pensamento unido Àquele a quem se dirigem as palavras. Portanto, tende paciência e tratai de tomar por costume esta prática tão necessária.

CAPÍTULO XXV.

Em que diz quanto ganha a alma que reza com perfeição vocalmente, e como acontece ser elevada por Deus a coisas sobrenaturais.

Para que não penseis que se tire pouco lucro de rezar vocalmente com perfeição, dir-vos-ei agora o seguinte: é muito possível pôr-vos o Senhor em contemplação perfeita enquanto rezais o Padre-Nosso ou outra oração vocal. Por estas vias mostra Sua Majestade que ouve a quem lhe fala; e a este revela sua grandeza, suspendendo-lhe o entendimento, atalhando-lhe os pensamentos e — como se costuma dizer — tirando-lhe a palavra da boca, de modo a não poder falar, ainda que queira, a não ser com muito esforço.

Entende a alma que, sem ruído de palavras, a está ensinando este Mestre Divino, suspendendo-lhe as potências, que então mais dano do que proveito lhe causariam com suas operações. Gozam elas sem penetrar como gozam; abrasa-se em amor a alma, e não entende como ama; conhece que goza do que ama, e não sabe como o goza. Bem vê: não é gozo que o entendimento logre conceber ou desejar; sente abrasar-se-lhe a vontade, sem compreender como. Se alguma coisa lhe é dado penetrar, é ver que semelhante bem não pode ser merecido neste mundo, ainda mesmo a troco de todos os sofrimentos reunidos. E' dom do Senhor do Céu e

da terra, que, em suma, dá como quem é. Eis, filhas, o que é contemplação perfeita.

Agora entenderéis a diferença que há entre ela e a oração mental, que consiste, segundo ficou dito, em ponderar e entender o que falamos, e com quem falamos, e quem somos nós que ousamos falar a tão grande Senhor. Pensar nisto, e no pouco que temos feito em seu serviço, e no muito que somos obrigados a fazer, e em outros assuntos semelhantes, é oração mental. Não imagineis que seja coisa de outro mundo, nem vos espanteis de ouvir tal nome. Rezar o Padre-Nosso e a Ave-Maria, ou o que quizerdes, é oração vocal. Considerai agora: que música desafinada, produzirá se não for acompanhada da oração mental! Até mesmo as palavras nem sempre sairão certas.

Nestes dois modos de orar, podemos alguma coisa, com o favor de Deus. Na contemplação, de que falei acima, nada absolutamente está em nossas mãos: Sua Majestade é quem tudo faz, é obra sua; transcendendo nossa natureza.

Como esta matéria de contemplação está explicada bem extensamente e do melhor modo que a pude declarar, na Relação da minha vida, que escrevi, como já vos disse, para meus Confessores e por sua ordem, não me detenho nela; falo apenas de passagem. Aquelas de vós que tiverem tido a ventura de as elevar o Senhor ao estado de contemplação, se a pudessem ler, achariam certos pontos e avisos nos quais permitiu-me o Senhor acertar, que lhes causariam muita consolação e proveito, penso eu. Esta é também a opinião de algumas pessoas que a têm lido e apreciado. Asseguro-vos que me envergonho de vos dizer que façais caso de coisa minha, e sabe o Senhor a confusão com que escrevo a maior parte das vezes! Bendito seja Ele, que assim me sofre! As que tiverem oração sobrenatural, como digo, procurem ler este livro depois da minha morte. As que não a têm, podem passar sem ele: esforcem-se por praticar o que digo neste, e entreguem o

resto ao Senhor. A Ele pertence dar tudo; e não vo-lo negará se não vos deixardes ficar no meio do caminho, antes vos esforçardes até chegar ao fim.

CAPÍTULO XXVI

Em que vai declarando o modo de recolher o pensamento. Dá meios para isto. E' capítulo muito proveitoso para os que começam a fazer oração.

Tornemos agora à nossa oração vocal, a fim de aprendermos a rezar convenientemente; de tal maneira que, sem o entendermos, nos dê o Senhor tudo por junto. A primeira coisa, já se sabe, é examinar a consciência, dizer a confissão¹ e fazer o sinal da cruz. Procurai logo em seguida, filhas, achar companhia, pois estais sós. E que melhor haverá que a do próprio Mestre que ensinou a oração que ides rezar? Fazei de conta que tendes o mesmo Senhor junto de vós, e olhai com que amor e humildade vos está ensinando. Crede-me, quanto puderdes, não estejais sem tão bom amigo. Se vos acostumardes a trazê-lo assim presente, e Ele vir que lhe tendes amor e andais buscando meios de o contentar, não podereis, como dizem, tirá-lo de vosso lado. Nunca vos faltará; será vosso auxílio por toda parte. E pensais que é pouco ter sempre tal amigo a vosso lado?

O' Irmãs, vós que não podeis discorrer muito com o entendimento, nem recolher o pensamento sem distrações, acostumai-vos, acostumai-vos! Vede bem! sei que o podeis fazer, porque passei longos anos por este trabalho de não conseguir prender numa coisa o pensamento, e, na verdade, é muito grande; mas também sei que nunca nos deixa o Senhor tão abandonados que não nos venha fazer companhia se nos chegármos a Ele e lho pedirmos com humildade. Se em

1) Rezar o *Confiteor*, ou Eu pecador, etc.

um ano não lograrmos vitória, seja em mais anos! Não lamentemos tempo tão bem empregado! Quem nos está acoçando? Torno a afirmar: é possível adquirir este costume, e, mediante algum esforço, viver na companhia deste verdadeiro Mestre.

Não exijo agora que penseis nele, nem que formeis muitos conceitos, nem que façais com o entendimento altas e delicadas considerações: só vos peço que o olheis. Pois quem vos impede de volver os olhos da alma a este Senhor, ainda que seja de relance, se o não conseguis fazer demoradamente? Podeis olhar coisas muito feias, e não sereis capazes de fitar o objeto mais formoso que imaginar se pode? (a). Pois, filhas, nunca o vosso Esposo tira os olhos de cima de vós e tem sofrido da vossa parte mil ações feias e abomináveis contra sua honra, sem que tudo isso baste para que vos deixe de olhar, será muito que aparteis destas coisas exteriores a vista e a ponhais nele algumas vezes? Reparai, que não está aguardando outra coisa — conforme diz à Esposa¹ — senão que o olhemos. Sob o aspecto em que quizerdes ver, achá-lo-eis; estima tanto um olhar nosso, que não poupará diligência para o conseguir.

Dizem que a mulher, para ser bem casada, o que há de fazer é mostrar-se triste quando seu marido está triste, e alegre quando o vê alegre, ainda que no interior nunca sinta alegria. Ponderai, Irmãs, de que sujeição vos livrastes. Isto com verdade, sem fingimento, faz conosco o Senhor: sujeita-se Ele e quer que sejais vós a senhora e lhe imponhais vossa vontade. Se estais alegre, contemplai-o ressuscitado; que só o imaginar como surgiu do sepulcro, vos alegrará. Mas com que esplendor e formosura! com que majestade! quão vitorioso! quão alegre! como quem tão bem se saiu da batalha onde conquistou tão grande reino, que vos quer dar todo inteiro, juntamente consigo mesmo!

(a) *Se não lhe achardes bom parecer, dou-vos licença de o não olhardes mais* (Ms. do Escorial).

1) Cânt 2, 14.

Pois se Ele tanto vos dá, será muito que ponhais nele os olhos a contemplá-lo uma vez por outra?

Se estais com trabalhos e tristezas, considerai-o a caminho do Horto. Que aflição tão grande leva na alma, pois, apesar de ser a mesma paciência, chega a declarar seu tormento e queixar-se dele! De outras vezes, olhai-o atado á Coluna: cheio de dores, todo o corpo despedaçado, pelo muito que vos ama. Quanto padecer! Perseguido de uns, cuspidos de outros, negado de seus amigos, desamparado de todos, sem ter quem o defenda, transido de frio, reduzido a tal solidade, que vos podeis consolar um com o outro. Outras vezes ainda, contemplai-o carregando a cruz, sem mesmo poder respirar à vontade. Porá Ele em vós seus olhos tão formosos e compassivos, cheios de lágrimas, e olvidará suas dores para consolar as vossas. Só quer, em paga, que o busqueis e vos consoleis com Ele, e que volvais a cabeça para o contemplar.

Se vos enternecer o coração vê-lo em tal estado, a tal ponto que não só queirais pôr nele os olhos, mas até vos folgueis de lhe falar, não repetindo orações compostas, mas desabafando as penas de vosso coração — o que Ele muito estima, — podereis dizer-lhe: “O’ Senhor do mundo e verdadeiro Esposo meu! tão necessitado estais, Senhor meu e Bem meu, que vos dignais admitir tão pobre companhia, como é a minha, — e vejo em vosso semblante que vos consolais comigo? Mas como é possível, Senhor, que os Anjos vos deixem tão sozinho, e até vosso Pai não vos console? Se realmente, Senhor, tudo quereis sofrer por mim, que vale isto que por Vós estou sofrendo? De que me queixo? Já me envergonho, depois que vos vi em tal estado; quero padecer, Senhor, todos os trabalhos que me sobrevierem, e tê-los por grande bem, a fim de vos imitar de algum modo. Juntos caminhemos, Senhor; por onde fordes, tenho eu de ir; por onde passardes, hei de passar”.

Pegai, filhas, daquela cruz, para que Ele não vá tão carregado; não vos importeis se vos atropelarem

os Judeus; não façais caso do que vos disserem; tornai-vos surdas às murmurações; tropeçando, caindo com vosso Esposo, não vos aparteis da cruz nem a abandoneis. Olhai detidamente o cansaço com que vai caminhando, e quanto seus trabalhos levam vantagem aos que padeceis. Por grandes que pinteis vossos sofrimentos e por muito que os queirais sentir, saireis consoladas, porque vereis que são brincadeira em comparação aos do Senhor.

Perguntareis, Irmãs, como poderá ser isto, e alegrareis que se o vísseis com os olhos do corpo no tempo em que Sua Majestade andava no mundo, então o faríeis de boa vontade e olhariéis sempre para Ele. Desenganai-vos. Quem agora não se quer constranger um pouquinho para, ao menos, recolher a vista e contemplar a este Senhor dentro de si — podendo-o fazer a salvo de todos os perigos, apenas a custa de algum cuidadinho, — como se poria ao pé da cruz com a Madalena, que via a morte diante dos olhos? Ah! quanto devem ter passado a gloriosa Virgem e esta bendita santa! Que de ameaças! que de más palavras! que de encontrões! quantos desacatos! Pois que cortesia hão de ter achado naquela gente? Sim, eram cortesãos mas do inferno, e ministros do demônio. Por certo devem elas ter passado momentos terríveis, mas perante outra maior dor, esqueciam a sua. •

Por conseguinte, Irmãs, não vos julgueis capazes de tão cruéis trabalhos se não tiverdes ânimo para coisas tão pequenas; mas se vos exercitardes nestas, podereis atingir outras maiores. Sabeis o que vos pode ajudar? Procurai trazer convosco uma imagem ou retrato deste Senhor, que vos cause devoção; não para a meterdes no seio sem a olhar, mas para lhe falardes muitas vezes. Ele mesmo vos dará o que lhe haveis de dizer. Se sabeis conversar com outras pessoas, por que vos hão de faltar palavras para vos entreterdes com Deus? Não creais tal coisa; ao menos não crerei, ainda que mo digais. O ponto está em co-

brar costume; porque, se o não houver, a falta de trato com uma pessoa faz sentir estranheza e não saber como falar com ela. Mesmo sendo aparentada conosco, parece que a não conhecemos, porque o parentesco e a amizade se perdem com a falta de comunicação.

Também é grande remédio lançar mão de um bom livro, escrito em língua vernácula, a fim de recolher as idéias e conseguir rezar bem vocalmente. Deste modo se vai acostumando aos pouquinhos a alma, com afagos e indústrias, para não a amedrontar. Imaginai uma esposa que há muitos anos abandonou seu esposo. Como será preciso saber negociar para que ela se resolva a tornar à sua casa! E' o que nos acontece, a nós pecadores. Acostumamos de tal modo a alma e o pensamento a andarem a seu prazer, ou, para melhor dizer, a seu pesar, que a triste alma não entende a si mesma. Para que torne a cobrar amor a estar em sua casa, é mister muito artifício; e se não for assim, e pouco a pouco, nunca faremos nada. E torno-vos a certificar: se com cuidado vos habituardes a isto que digo, tirareis tão grande proveito que não sou capaz de vo-lo exprimir, embora queira. Chegai-vos, pois, para junto deste bom Mestre, sinceramente determinadas a aprender o que vos ensina; Sua Majestade fará que não deixeis de sair boas discípulas e não vos abandonará se o não abandonardes. Reparai nas palavras que diz aquela boca divina, e, logo à primeira, entenderéis o amor que vos tem. E ver que seu mestre o ama, não é pequeno bem e regalo para o discípulo.

•

CAPÍTULO XXVII

Em que trata do grande amor que nos testemunhou o Senhor nas primeiras palavras do "Pater Noster". Muito importa que nenhum caso façam da nobreza de linhagem aquelas que deveras querem ser filhas de Deus.

Padre Nosso, que estais nos Céus. O' Senhor meu, como pareceis Pai de tal Filho, e Ele como parece Filho de tal Pai! Bendito sejais para sempre, eternamente! Mesmo no fim da oração não seria tão excessiva esta mercê? E logo ao começo nos encheis as mãos e fazeis graça tão grande? Quão justo seria embeber-se nela o entendimento para ocupar a vontade de maneira a não poder pronunciar palavra! Oh! como quadraria bem aqui, filhas, a contemplação perfeita! Oh! com quanta razão entraria a alma em seu interior, para melhor poder subir acima de si mesma e aprender deste santo Filho qual esse lugar onde, segundo Ele diz, está seu Pai, — que é o Céu. Saíamos da terra, filhas minhas! E' tão alta esta mercê, que seria estimá-la muito pouco se ainda ficássemos aqui em baixo depois de a ter entendido.

O' Filho de Deus e Senhor meu! Como dais tantos bens juntos, logo à primeira palavra? Já vos humilhais com tão grande extremo, a ponto de vos juntardes a nós para pedir conosco, fazendo-vos irmão de criaturas tão vis e miseráveis! Como ainda, em nome de vosso Pai, nos dais tudo o que se pode dar, pois quereis que nos tenha por filhos, e vossa palavra não pode faltar? Deste modo o obrigais a cumpri-la, o que não é pequeno encargo; porquanto, sendo Pai, nos há de sofrer, por graves que sejam as ofensas; se tornarmos a Ele como o filho pródigo, terá de perdoar; há de consolar-nos em nossos trabalhos e sustentar-nos de modo digno de tal Pai, forçosamente melhor que todos os pais do mundo, porque nele não pode existir senão a perfeição de todo bem. Finalmente há de tornar-nos participantes e herdeiros convosco de seu reino.

Vede bem, Senhor meu, o que fazeis. Ao amor que nos consagrais e à vossa humildade, não há extremo que pareça demasiado; mas enfim, Senhor, estais na terra e revestido da nossa carne, tendes nossa natureza, e sob este ponto de vista algum motivo há para olhardes por nosso proveito. Mas considerai que vosso Pai está no Céu, como dizeis: justo é zelardes a sua honra. Já basta vos terdes oferecido a ser desonrado por amor de nós; deixai livre a vosso Pai; não o obrigueis a tanto por gente tão ruim, como eu, que lhe há de ser tão mal agradecida.

O' bom Jesus! como haveis mostrado evidentemente que sois uma só coisa com o Pai, e que vossa vontade é sua, e a dele, vossa! Que confissão tão clara, Senhor meu! Que coisa maravilhosa o amor que nos tendes! Andastes com rodeios, encobrando ao demônio vossa filiação divina; e eis que, pelo entranhado desejo que tendes de nosso bem, não recuais perante nenhuma dificuldade para nos fazerdes tão inestimável mercê. Quem senão vós, Senhor, no-la podia conceder? Não sei como o demônio, ao ouvir esta palavra, não entendeu logo quem éreis, sem lhe ficar dúvida. Ao menos bem vejo, meu Jesus, que falastes, em vosso nome e no nosso, na qualidade de Filho diletíssimo; e sois poderoso para que se cumpra no Céu o que dizeis na terra. Bendito sejais para sempre, Senhor meu, tão amigo de dar, que nada detém vossa liberalidade.

Então, filhas, não vos parece que é bom Mestre este, que, para nos levar a aprender com gosto o que nos ensina, logo no começo nos faz tão grande mercê? Não vedes agora como é razoável que, mesmo na oração vocal, ao dizermos esta palavra — Padre-Nosso — procuremos entender-lhe o sentido com a inteligência, para que se despedace nosso coração à vista de tal ternura? Pois Deus é nosso Pai, que filho há no mundo que não procure saber quem é seu progenitor, quando o tem tão bom e de tanta majestade e senhorio? Se Ele assim não fosse não me espantaria

que não nos quiséssemos reconhecer por seus filhos, porque anda o mundo de tal jeito, que se o pai está mais baixamente colocado do que o filho, este tem por desdouro reconhecê-lo por pai. Aqui não há para que falar nisto, porque nesta casa jamais permita Deus que haja destas lembranças. Seria o inferno. Pêlo contrário: aquela que for mais nobre, seja a que menos tome na boca o nome do pai; todas hão de ser iguais.

O' colégio de Cristo, onde tinha mais autoridade São Pedro, apesar de pescador — e o Senhor assim o quis — do que São Bartolomeu, que era filho de rei! ¹. Sabia Sua Majestade quantas dissensões haveria no mundo em matéria de nobreza e de raça. E afinal é o mesmo que discutir acerca de um bocado de terra com o fim de saber se será boa para adobes ou para taipas. Valha-me Deus! quanto trabalho sem proveito! Deus vos livre, Irmãs, de semelhantes contendas, mesmo por brincadeira! Espero em Sua Majestade que assim fará. Se alguma resvalar neste ponto, remediai o mal imediatamente; e ela tenha muito receio de ser como Judas no meio dos Apóstolos. Seja penitenciada até convencer-se de que, mesmo como terra muito ruim, não merecia estar na casa de Deus. Tendes bom Pai, que vo-lo dá o bom Jesus; nenhuma conheça outro aqui, para se entreter de grandezas; e procurai ser tais, filhas minhas, que mereçais regalar-vos com Ele e lançar-vos em seus braços. Já sabeis que não vos afastará de junto de Si se fordes boas filhas; e quem não fará tudo para não perder tal Pai?

Oh! valha-me Deus! quantos motivos de consolação achareis aqui! Para não me alargar mais, quero deixá-lo à vossa ponderação. Por desbaratado que o vosso pensamento ande, forçosamente há de achar en-

que haveria no seu tempo.

1) Refere-se a Santa Madre a alguma crença infundada

tre tal Pai e tal Filho o Espírito Santo, que enamore vossa vontade e vo-la cative — Ele que é o Amor Infinito, — se para isto não bastar tão grande interesse da vossa parte.

CAPÍTULO XXVIII

Em que declara que coisa é oração de recolhimento e dá alguns meios para as almas se acostumarem a ela.

Reparai agora no que diz vosso Mestre: *Que estais no Céu*. Pensai que vos importa pouco o saberdes que coisa é o Céu, e onde haveis de buscar vosso Pai sacratíssimo? Pois eu vos digo que, para espíritos distraídos, é de suma importância não só crer isto, mas procurar entendê-lo por experiência. E' uma das considerações mais próprias para prender o entendimento e fazer que a alma se recolha.

Já sabeis que Deus está em toda parte. Ora, onde está o rei — é claro, — está a corte, como se costuma dizer; e portanto onde está Deus, está o Céu. Isto podeis crer, é fora de dúvida: onde está Sua Majestade, está toda a glória. Por isso diz S. Agostinho que o buscava em muitas partes e o veio a achar dentro de si mesmo¹. Julgais de pouca importância para uma alma distraída o entender esta verdade, e ver que para falar a seu Pai Eterno e regalar-se com Ele não tem necessidade de ir ao Céu, nem lhe é mister clamar em altas vozes? Por baixinho que fale, está Ele tão perto que a ouvirá. Para ir buscá-lo não precisa de asas: basta que se ponha em solidão e o olhe dentro de si mesma, e não estranhe tão bom Hóspede; antes lhe fale como a pai, com grande humildade; peça-lhe como a pai; conte-lhe os trabalhos que tem e implore remédio para eles, entendendo que não é digna de ser sua filha.

1) Conf. lib. X, cap. 27.

Deixe-se de uns retraimentos que têm certas pessoas, imaginando ser humildade. Sim, porque esta virtude não consiste em rejeitar a mercê que vos faz o rei, senão, pelo contrário, em aceitá-la e gozar dela, entendendo quanto está acima dos vossos merecimentos. Engraçado seria realmente, se, entrando em minha casa o Imperador do Céu e da terra, vindo a mim para me cumular de mercês e se deleitar comigo, eu por humildade não lhe quisesse responder, nem fazer companhia, nem receber seus dons, antes o deixasse sozinho; e insistindo Ele e rogando-me que lhe peça graças, eu por humildade preferisse ficar pobre, e finalmente o deixasse ir, cansado por ver que não me acabo de determinar.

Não queirais saber, filhas, de semelhantes humilidades. Falai com Ele como a vosso pai, e como a vosso irmão, e como a vosso senhor, e como a vosso esposo: às vezes de uma maneira, às vezes de outra. Ele mesmo vos ensinará o que haveis de fazer para o contentar. Deixai-vos de ser bobas; pedi-lhe que cumpra a palavra que vos deu: e pois vos tomou por esposas, vos trate como tais. Este modo de rezar, ainda mesmo vocalmente, recolhe o espírito com muito mais rapidez, e traz consigo imensos bens. Chama-se oração de recolhimento, porque nela recolhe a alma todas as suas potências e entra dentro de si com seu Deus; e, com mais brevidade que de nenhum outro modo, vem ensinar-lhe seu divino Mestre e dar-lhe oração de quietação. E' que ali, metida consigo mesma, pode ela pensar na Paixão e representar à mente o Filho de Deus, e oferecê-lo ao Pai, sem cansar o entendimento, como aconteceria se o andasse buscando no Monte Calvário, no Horto e na Coluna.

Quem desta maneira se puder encerrar nesse pequeno céu de sua alma, onde está Aquele que criou o céu e a terra, e se acostumar a não olhar coisa alguma nem permanecer em lugar onde se lhe possam distrair os sentidos exteriores, creia-me, vai por excelente caminho e não deixará de chegar a beber a água

da fonte, pois vence muita distância em pouco tempo. E' como quem viaja por mar: com um pouco de vento favorável chega em alguns dias ao termo da jornada; enquanto os que vão por terra, tardam mais.

Já entraram no mar estas almas, como se costuma dizer, pois, embora não tenham deixado totalmente a terra, durante aquele tempo fazem o que podem para se livrar dela, recolhendo os sentidos dentro de si mesmas. Se é verdadeiro o recolhimento, faz-se muito claramente sentir, por certa operação que não sei como dar a explicar, mas quem a tiver experimentado me entenderá. E' o seguinte: vendo a alma já que é mero jogo tudo quanto há no mundo, levanta-se, por assim dizer; ergue-se de repente e faz como quem entra num castelo forte a fim de se pôr a salvo dos inimigos. E' um dar de mão a todas as coisas exteriores e retirar delás os sentidos, de tal maneira que, sem saber como, se lhe cerram os olhos para não as ver e para mais se aguçar a vista da alma. Assim, quem vai por este caminho, quase sempre quando reza, tem fechados os olhos, e é admirável costume por muitas razões, pois é fazer-se violência para não olhar o que é da terra. Isto é só no princípio; depois não é preciso esforço, antes custaria mais abri-los no tempo da oração. Sente a alma fortalecer-se e esforçar-se à custa do corpo, e tem a impressão de que, deixando-o só e enfraquecido, ali toma provisões para o subjugar.

No começo, por não ser em tão alto grau — pois há mais e menos neste recolhimento, — não se entende isto. Se, porém, nos acostarmos e fizermos esforços durante algum tempo, — embora a princípio seja penoso, porque o corpo defende seus direitos, sem comprehender que todo o seu mal é não se dar por vencido, — logo será manifesto o proveito. Apenas nos pusermos em oração, entenderemos que, por assim dizer, voam as abelhas à colmeia e nela se recolhem para lavar o mel; e isto sem diligência da nossa parte. E' que o Senhor houve por bem que a alma, em recompensa dos esforços de tanto tempo, tenha merecido pos-

suir tal senhorio na vontade, que, em fazendo um aceno de que se quer recolher — e não mais, — lhe obedecam os sentidos e se recolham interiormente. Embora depois tornem a sair, grande coisa é já se haverem rendido, porque saem como cativos e sujeitos e não fazem o mal que antes poderiam fazer. Se de novo os chama a vontade, acodem com mais presteza, até que finalmente, ao cabo de muitas entradas repetidas, apraz ao Senhor pô-la de todo em contemplação perfeita.

Fique bem entendido o que deixei dito; embora pareça obscuro, quem o puser em prática o compreenderá. Com efeito, essas almas viajam por mar; e pois temos tanto interesse em não caminhar vagarosamente, falemos um pouco nos meios de nos acostarmos a tão excelente modo de proceder. Estão elas mais a salvo de muitas ocasiões perigosas; acendem-se mais prontamente nas chamas do amor divino, porque, com alguns sopros do entendimento, como estão perto do mesmo fogo, em saltando uma centelhazinha que as toque, logo é total o incêndio. Como não há embaraço no exterior, queda-se a alma só com seu Deus: está muito bem disposto para ser abrasada.

Façamos de conta que dentro de nós há um palácio de grandíssima riqueza, todo feito de ouro e pedras preciosas, em suma, como destinado a tal Senhor; e que da vossa parte contribuíis para esta magnificência, como é verdade, pois não há edifício de tanta formosura como a alma limpa e cheia de virtudes; e quanto maiores são estas, mais resplandecem as pedrarias. Neste palácio reside este grande Rei que houve por bem ser vosso Pai; e está no vosso coração como num trono de grandíssimo preço.

A princípio parecerá coisa descabida esta ficção que emprego para vos dar a entender meu pensamento, mas poderá valer de muito, principalmente a nós: porque, sendo mulheres e não tendo letras, todas estas coisas nos servem para com verdade entendermos como há dentro de nossa alma um mundo mais precioso, sem comparação alguma, do que esse exte-

rior que contemplamos. Não nos imaginemos ocas e vazias por dentro; e praza a Deus que só as mulheres andem com esse descuido! Se vivêssemos com cuidado de nos lembrarmos que temos em nós tal hóspede, tenho por impossível que nos déssemos tanto às coisas do mundo, porque veríamos como são mesquinhas comparadas às que dentro possuímos. Não nos elevaremos nós acima do animal, que, em vendo uma presa a seu gosto, logo se lança sobre ela para fartar a fome? Por certo que há de haver diferença entre nós e os brutos!

Rireis talvez de mim e respondereis que isto não sofre dúvida; e tereis razão de rir, pois durante algum tempo não o compreendi claramente. Bem entendia que tinha alma, mas quanto esta alma merecia e quem estava dentro dela, eis o que me escapava, porque eu mesma me tapava os olhos com as vaidades da vida e não o podia enxergar. E a meu parecer, se entendesse, como agora entendo, que neste pequenino palácio de minha alma cabe tão grande Rei, não o deixara sozinho tantas vezes: de quando em quando estaria com Ele, e sobretudo procuraria não a trazer tão manchada. Mas que motivo de tanta admiração! Aquele que encheria mil mundos e muitíssimos mais com sua grandeza, se encerra em coisa tão pequena! E' que, verdadeiramente, como é Senhor, traz consigo a liberdade, e, porque nos ama, se acomoda à nossa medida.

Não se dá Ele a conhecer logo à alma que está começando, porque ficaria alvorotada de se ver tão pequenina para conter em si tão grande objeto. Aos poucos a vai alargando, até lhe comunicar capacidade em relação com os dons que nela quer depositar. Por esta razão afirmei que traz consigo a liberdade, pois tem o poder de fazer grande todo este palácio. O ponto está em que lho demos por seu, com total determinação, e lho desembaracemos, para que nele possa pôr e tirar como em coisa própria. E tem razão Sua Majestade: não lhe neguemos o que exige de nós

(a). Como não violenta nossa vontade, toma o que lhe oferecemos; mas não se dá de todo enquanto não nos damos de todo a Ele. E' coisa certa, e porque importa tanto, vo-la recordo tantas vezes. Não age na alma como costuma fazer quando ela é toda sua, sem partilhas; nem sei como poderia agir: é amigo de toda ordem. Se atravancamos de gente baixa e de sevandijas o palácio, como há de caber nele o Senhor com sua corte? Já muito faz em estar um pouquinho no meio de tanta barafunda.

Pensais, filhas, que vem sem acompanhamento? Não vedes o que diz seu Filho: *que estais nos Céus?* Por certo que a tal Rei os cortesãos não deixam estar só; antes assistem em sua presença, rogando-lhe por todos nós e intercedendo em nosso favor, porque estão cheios de caridade. Não penseis que aconteça como no mundo, onde um pobre homem se é favorecido de algum senhor ou prelado, quer por algum fim, quer por mera predileção, logo se vê invejado e malquisto dos demais, embora nenhum mal lhes tenha feito.

CAPÍTULO XXIX

Continua a sugerir meios para procurar esta oração de recolhimento. Diz que não devemos ter ambição de ser favorecidas dos Prelados.

Por amor de Deus, filhas, fugi de vos preocupardes com esses favores humanos: procure cada uma fazer o que deve, e se o Prelado não lhe agradecer, pode estar segura de que o Senhor lho agradecerá e dará a paga. Por certo! que não viemos aqui a buscar prêmio nesta vida! Sempre o pensamento no que é duradouro! Das coisas cá de baixo nenhum caso façamos, pois nem ao menos duram o tempo da vida:

(a) *Mesmo no mundo é penoso ter em casa hóspedes que não podemos despedir* (Ms. do Escorial).

hoje está o Prelado bem com uma; amanhã, se vir mais uma virtude em vós, estará melhor convosco; e se o não estiver, que importa? Não deis entrada a semelhantes pensamentos, que às vezes começam por pouco, mas podem inquietar muito. Atalhai-os, ponderando que vosso reino não é deste mundo e que tudo bem depressa terá fim.

Mas ainda isto é remédio rasteiro e de não muita perfeição: o melhor é que por longo tempo vos vejais desfavorecida e humilhada, e assim queirais permanecer por amor do Senhor que está convosco. Ponde os olhos em vós e olhai para o vosso interior, como fica dito: achareis a vosso Mestre, que não vos fallará, antes vos encherá de tanto mais regalo quanto menos consolação exterior tiverdes. E' muito compassivo e jamais falta aos que estão aflitos e desfavorecidos, quando só nele confiam. Por isso diz David: que o Senhor está com os atribulados¹. Ou credes isto, ou não: se o credes, por que vos atormentais?

O' Senhor meu! se vos conhecêssemos deveras, não faríamos questão de coisa alguma, porque dais muito aos que totalmente se querem fiar de Vós! Crede, amigas, grande coisa é entender esta verdade, para nos convencermos de que os favores dos homens são todos mentira, quando de qualquer modo desviam a alma de andar dentro de si. Oh! valha-me Deus! quem fora capaz de vos fazer compreender isto! Por certo não serei eu, pois, apesar de mais obrigada do que ninguém, não acabo de me compenetrar desta verdade como deveria.

Torno agora ao que ia dizendo. Quisera saber declarar como esta corte celestial está em companhia do Santo dos santos que vem ficar conosco, mas sem impedir a soledade que a alma tem com seu Esposo, quando interiormente quer entrar nesse paraíso com seu Deus, e fecha a porta atrás de si a tudo o que é do mundo. Emprego a palavra *quer*, porque — entendi bem — não é coisa sobrenatural; depende de nossa vontade, e podemos fazê-lo com o favor de Deus,

1) Cum ipso sum in tribulatione (Ps. 90).

sem o qual nada se consegue, nem mesmo ter um bom pensamento que venha de nós. Com efeito, não se trata aqui de silêncio das potências: é encerramento das mesmas dentro da própria alma.

Isto se vai adquirindo de várias maneiras, segundo está escrito em alguns livros que ensinam como nos havemos de desocupar de tudo para nos chegarmos interiormente a Deus, recolhendo-nos ao mais íntimo da alma até no meio das ocupações cotidianas. A recordação de que tenho companhia dentro de mim, é de grande proveito, mesmo que dure um só instante (a). Enfim, o essencial é nos irmos acostumando a ter gosto em não ser preciso falar a Deus em altas vozes; porque Sua Majestade nos dará a sentir que está ali.

Desta sorte conseguiremos rezar com muito sossego vocalmente. E é poupar trabalho, porque, depois de nos termos forçado durante algum tempo para estar junto deste Senhor, Ele nos entenderá por ace-nos; e não teremos de dizer muitos Padres-Nossos, porque nos ouvirá logo ao primeiro. E' muito amigo de nos poupar trabalho: mesmo se o rezarmos uma só vez no espaço de uma hora, será o suficiente, se por outro lado nos compenetrarmos de nossa união com Ele, e do objeto de nosso pedido, e do desejo que tem de no-lo conceder, e da boa vontade com que está co-

(a) *Só o que pretendo é que olhemos Aquele a quem nos dirigimos, e estejamos com Ele sem lhe dar as costas; que não me parece outra coisa o estar falando com Deus e pensando ao mesmo tempo em mil vaidades. Todo o mal vem de não entendermos com verdade que Ele está junto de nós e imaginá-lo distante. E quão distante, se o formos buscar no Céu! Pois, Senhor, não havemos de olhar um rosto como o vosso, quando estais de nós tão perto? Se, falando aos homens, temos a impressão de que não nos ouvem quando não olham para nós, fecharemos os olhos para não ver que nos estais olhando? Como então havemos de entender se ouvistes o que vos dissemos? Só isto, Irmãs, quizerá eu que guardásseis bem; para nos irmos habituando a segurar com facilidade o pensamento de modo a entender o que fala e a quem fala, precisamos recolher dentro de nós mesmos os sentidos exteriores e dar-lhes ocupação. E' assim que temos o Céu em nossa alma, pois nela está o Senhor do Céu.*

nosco. Não gosta de que nos quebrems a cabeça para lhe falar muito.

O Senhor o ensine às que o não sabeis. Da minha parte vos confesso: nunca soube que coisa era rezar com satisfação até que Sua Majestade me ensinou este modo; e sempre tenho achado tantos proveitos neste hábito de recolhimento dentro de mim, que isto me moveu a ser tão extensa (a). Por conclusão: quem o quizer adquirir — pois, repito, está em nossas mãos, — não desanime, trabalhe por acostumar-se ao que fica dito. Busque assenhorear-se pouco a pouco de si mesma, sem se dissipar à toa, ganhando-se a si para si; isto é, tirando proveito de seus sentidos para a vida interior. Se falar, procure lembrar-se de que possui dentro de si mesma com quem se entreter; se ouvir, recorde-se de que há de prestar atenção a quem mais de perto lhe fala. Em suma, fique convencida de que, se quizer, poderá nunca sair de tão boa companhia; e quando lhe acontecer deixar sôzinho por muito tempo a seu Pai, tenha pesar e lembre-se de que está com necessidade dele. Se puder, seja muitas vezes no dia; se não puder, seja poucas. Em cobrando o costume, sairá com lucro, ou mais cedo ou mais tarde. Depois que lho der, o Senhor, não quererá trocá-lo por nenhum tesouro.

Pois nada se aprende sem um pouco de trabalho, por amor de Deus, Irmãs, dai por bem empregada a diligência que nisto gastardes. Se a fiverdes, tenho certeza de que dentro de um ano, ou talvez meio, o conseguireis, com o favor de Deus. Considerai quão pouco tempo para tão grande lucro! E' construir bom fundamento para que, se quizer o Senhor levantar-vos a grandes coisas, encontre em vós boa disposição, achando-vos junto de Si. Praza a Sua Majestade não consentir nos apartemos de sua presença. Amém.

(a) *Pode ser que todas vós saibais estas coisas; mas virá alguma noviça que o não saiba, e por isso não leveis a mal que eu o tenha dito aqui* (Ms. Escorial).

CAPÍTULO XXX

Diz quanto importa entender o que se pede na oração. Trata destas palavras do Pater Noster: "Sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum". Aplica-as à oração de quietação e começa a explicá-la.

Que homem haverá, embora muito estouvado, que, indo solicitar um favor de alguma pessoa grave, não pense primeiramente como o há de pedir a fim de a contentar e não lhe ser descortês, e qual o objeto de sua petição, e para que fim o solicita; especialmente se se trata de coisa assinalada, como a que nosso bom Jesus nos ensina a pedir? Um ponto há que me parece digno de nota. Não poderíeis, Senhor meu, concluir com uma palavra e dizer: Dai-nos, Pai, o que nos convém? A quem tão perfeitamente entende tudo, não parece mister dizer mais.

O' Sabedoria eterna! entre Vós e vosso Pai bastaria isso, e assim orastes no horto, mostrando-lhe vossa vontade e temor, e depois abandonando-vos à sua. Conhecendo, porém, Senhor meu, que não estamos tão rendidos como Vós ao beneplácito de vosso Pai, visstes que era mister especificar o objeto de cada petição, para nos induzir a pesar bem o valor do que pedimos. Deste modo, se acharmos que não nos convém, não o peçamos. Com efeito, somos assim: se o não desejarmos, logo com o nosso livre arbítrio não admitiremos o que nos der o Senhor, porque, embora seja o melhor para nós, quando não vemos imediatamente na mão o dinheiro, nunca nos julgamos ricos.

Oh! valha-me Deus! jamais acabamos de entender quão certo havemos de ter o castigo e quão certo o prêmio: tão adormecida está nossa fé para uma e outra coisa! Por esta razão, filhas, convém entenderdes o que pedis no Padre-Nosso, para que, se o Eterno Pai vo-lo der, não o rejeiteis atrevidamente. Examinai muito bem se o quereis e se vos é útil, e, se assim não for, não o peçais; mas, por outro lado, suplicai a Sua Majestade que vos dê luz, porque estamos cegos. Sen-

timos fastio quando se trata de comer os manjares que nos hão de dar vida, e buscamos os que nos hão de conduzir à morte. E que morte tão perigosa e tão para sempre!

Ensina-nos, pois, o bom Jesus a dizer estas palavras, pelas quais pedimos que o seu reino venha a nós: *Santificado seja o vosso nome, venha a nós o vosso reino.* Admirai agora, filhas, a sabedoria tão grande de nosso Mestre. Considero eu aqui — e é bem que o entendamos — que reino é esse que lhe pedimos. Como viu Sua Majestade que não podíamos santificar, nem louvar, nem engrandecer, nem glorificar de modo conveniente este nome santo do Eterno Padre — mesmo conforme ao nosso limitado alcance — se não providenciasse Sua Majestade dando-nos cá seu reino, quis o bom Jesus juntar estas duas petições. A fim de melhor entendermos, filhas, isto que pedimos, e quanto nos importa perseverar nesta súplica e fazer quanto pudermos para contentar a quem no-lo há de dar, quero dizer-vos aqui meu pensamento. Se não vos agrada, fazei outras considerações: licença nos dará nosso Mestre, desde que em tudo nos sujeitemos ao ensino da Igreja, como faço aqui.

Ora pois, o grande bem que me parece existir no reino do Céu, sem falar em outros muitos, é já não haver cuidado de coisa alguma da terra, senão um sossego e glória no íntimo da alma, um alegrar-se com a alegria de todos, uma paz perpétua, uma satisfação interior imensa, que procede de ver que todos santificam e louvam ao Senhor e bendizem seu nome, e ninguém o ofende. Todos o amam, e a mesma alma não se ocupa em outro objeto senão em amá-lo; nem pode deixar de o amar, porque o conhece. E assim amaríamos cá se o conhecêssemos; não com a mesma perfeição e sem vicissitudes, mas com outro amor muito diverso do que temos.

Parece que vou dizer: havemos de ser anjos para fazer esta petição e rezar de modo conveniente as orações vocais. Bem o quisera nosso divino Mestre, pois

nos manda dirigir-lhe tão alta petição, e, por certo, não nos ensina a pedir coisas impossíveis. Com efeito, pela graça de Deus, poderia uma alma cativa neste desterro chegar a tal estado; não, porém, no grau de perfeição das que já se libertaram deste cárcere, porque ainda vogamos no mar do mundo e somos viajores. Há entretanto momentos em que o Senhor, vendo-nos cansados de andar, nos põe num sossego de potências e quietação de alma onde nos dá a entender claramente, como por sinais, qual o sabor do deleite gozado por aqueles que o Senhor leva a seu reino. Concedendo-nos desde esta vida o que lhe pedimos, dá ao mesmo tempo penhores que nos asseguram grandes esperanças de irmos gozar perpétuamente o que na terra só gozamos a sorvos.

Se não objetásseis que trato de contemplação, caberia bem, ao explicar este pedido, falar um pouco desse princípio de contemplação pura chamado pelos que o recebem oração de quietação; mas como estou tratando da oração vocal, segundo prometi, parece que não combina uma coisa com a outra. Assim pensará quem não entender do assunto, mas eu sei que combinam bem, e por isso, perdoai-me, quero dizê-lo, porque conheço muitas almas que estando a rezar vocalmente do modo que ficou dito, são elevadas por Deus, sem mesmo saberem como, a subida contemplação (a). Conheço uma pessoa¹ que nunca pôde ter oração senão vocal, e, junto com esta, tinha todas as outras. Quando assim não rezava, sentia o entendimento tão distraído, que o não podia sofrer. Mas prouvera a Deus fosse tão alta a nossa oração mental! Em certos Padre-Nossos que recitava em honra das vezes nas quais o Senhor derramou sangue, e em mais algumas orações, se detinha várias horas. Veio uma vez ter comigo muito aflita, porque não sabia ter oração mental, nem tinha contemplação, apenas orava vocalmente. Perguntei-

(a) *E' por esse motivo, filhas, que faço tanta questão de que rezeis bem as orações vocais* (Ms. do Escorial).

1) O autógrafo do Escorial diz que era monja.

lhe o que rezava, e vi que, de envolta com o Padre-Nosso, tinha contemplação pura, e o Senhor a levantava até juntá-la consigo em união. E bem deixava ela transparecer em suas obras as grandes mercês que recebia, pois empregava muito bem a vida. De modo que louvei ao Senhor, e tive inveja de sua oração vocal. Se isto é verdade, como é, não julgueis — vós que sois inimigos dos contemplativos — que estais livres de o ser, se rezardes vossas orações vocais como devem ser rezadas e se guardardes pura a consciência.

CAPÍTULO XXXI

Prossegue a mesma materia. Declara que coisa é oração de quietação. Dá alguns avisos para os que a têm. E' muito digno de nota.

Quero, filhas, declarar melhor, conforme tenho ouvido dizer, ou o mesmo Senhor se dignou dar-mo a entender, quiçá para que eu vo-lo diga, esta oração de quietação. Parece-me que nela começa o Senhor, como atrás vos afirmei, a dar a entender que ouve nosso pedido e já desde este mundo nos vai dando seu reino, para que deveras o louvemos, e santifiquemos seu nome, e procuremos que todos façam o mesmo.

E' já coisa sobrenatural e não a podemos adquirir com os nossos esforços, por mais diligências que façamos. Com efeito, é um pôr-se a alma em paz, ou melhor, pô-la o Senhor com sua presença, como fez ao justo Simeão, porque todas as potências quedam em sossego. De modo muito diferente da compreensão que lhe vem por mcio dos sentidos exteriores, entende a alma que já está junto de seu Deus, com um pouquinho mais, chegará a tornar-se por união uma mesma coisa com Ele. Não é que o veja com os olhos do corpo, ou com os da alma. Também o justo Simeão não via senão o glorioso Infante, tão pobrezinho; e, pelas man-

tilhas que o envolviam e a pequena comitiva que o acompanhava em procissão, mais o poderia tomar por filho de gente pobre do que Filho do Pai celestial. Todavia o próprio Menino se lhe deu a conhecer. Do mesmo modo o conhece aqui a alma, embora não com igual clareza, pois entende, mas nem sabe como entende: apenas tem certeza de que está no reino — ou ao menos, junto do Rei que lho há de dar, — e sente-se penetrada de tal reverência, que nem ousa pedir nada. Interior e exteriormente é uma espécie de desfalecimento. O homem exterior — ou, para que melhor me entendais, o corpo — não quisera mexer-se, à semelhança do viajor que chegou quase ao termo da jornada e descansava para melhor poder continuar a viagem; é nesse repouso que se lhe dobram as forças.

Experimenta-se grandíssimo deleite no corpo e grande satisfação na alma. Tão contente está ela, só de se ver junto da fonte, que, ainda sem beber, já se sente farta. Tem a impressão de que não há mais a desejar. As potências sossegadas não queriam mover-se: tudo lhes parece estorvo ao amor. Todavia não estão totalmente perdidas, porquanto duas delas estão livres e podem pensar naquele junto de quem se acham. Só a vontade é a cativa: e se, estando assim, alguma pena pode sentir, é por ver que há de recuperar a liberdade. O entendimento quisera aplicar-se a uma só coisa; a memória, não ter outra ocupação; compreendem que é o único necessário, e tudo mais só serve para perturbar. Os que recebem esta graça, não queriam mover o corpo, porque se lhes afigura que hão de perder aquela paz, e assim não ousam mexer-se; custa-lhes articular palavras; para dizer o Padre-Nosso uma vez, gastarão uma hora inteira. Sentem-se bem perto de Deus, e vêem que são entendidos por sinais. Estão no palácio, junto do Rei, e experimentam que Sua Majestade já começa a lhes dar aqui seu reino. Dir-se-ia que não vivem no mundo; nada querem ver e ouvir senão a seu Deus; nada lhes dá pena, nem parece capaz de os afligir. Enfim, todo o tempo que

dura a quietação, estão de tal modo embebidos e abortos com a satisfação e deleite que em si acham, que não lhes parece haver mais a desejar. De boa vontade diriam com S. Pedro: “Senhor, façamos aqui três moradas”¹.

Certas vezes, nesta oração de quietação, faz Deus outra mercê bem dificultosa de entender se não há grande experiência; mas, se houver alguma, logo o compreenderá aquela de entre vós que o tiver gozado, e dar-lhe-á muita consolação saber em que consiste. Creio que muito frequentemente une Deus estas duas mercês. Quando é intensa e prolongada a quietação, parece-me a mim que não poderia permanecer a vontade tanto tempo naquela paz se não estivesse presa a algum objeto. De fato, acontece que durante um dia ou dois nos vemos com esta satisfação e nem nos entendemos; quero dizer: os que a têm. Verdadeiramente vêem que não estão inteiros no que fazem: falta-lhes o melhor, que é a vontade. Esta, a meu parecer, está unida com seu Deus, e deixa livres, para que se ocupem nas obras do divino serviço, as outras duas potências, as quais têm, nessas ocasiões, muito maior habilidade para isso; mas para tratar das coisas do mundo estão entorpecidas e, por vezes, como atoleimadas.

Para a alma a quem a concede o Senhor, é grande mercê esta, porque é vida ativa e contemplativa ao mesmo tempo. Serve então a Deus de todos os modos, pois a vontade se queda em seu ofício sem saber como obra, e em sua contemplação; enquanto as outras duas potências se aplicam aos trabalhos de Marta. Deste modo andam juntas Marta e Maria. Sei de uma pessoa que era elevada pelo Senhor a este estado muitas vezes, e não o sabia entender. Consultou um grande contemplativo,² e este lhe disse que era muito possível e também lhe acontecia o mesmo. A meu

1) Mt 17, 4.

2) Como se lê na cópia de Toledo, a consulta foi feita por S. Teresa a S. Francisco de Borja.

ver, está tão satisfeita a alma nesta oração de quietação, que a potência da vontade deve estar quase de contínuo unida Àquele que unicamente a pode satisfazer.

Julgo oportuno dar aqui alguns avisos destinados àquelas nossas Irmãs que o Senhor só por sua bondade elevou a esta oração, e sei que são várias. Eis o primeiro. Vendo-se elas com aquele contentamento, sem saber donde lhes veio — ou, pelo menos, percebendo que por si não o podem alcançar, — dá-lhes a tentação de imaginar que poderão retê-lo, e para isto quase não ousam respirar. E é tolice: assim como não podemos fazer que amanheça, tão pouco podemos conseguir que deixe de anoitecer. Já não é obra nossa, é sobrenatural, e coisa que absolutamente não logramos adquirir. O melhor modo de prolongar esta mercê é entender claramente que nela nada podemos tirar nem pôr, e recebê-la com ação de graças, sentindo-nos indignísimos de a merecer. Isto não com muitas palavras, mas só com um levantar de olhos para o Céu, como o publicano ³.

E' bom procurar mais soledade para dar lugar ao Senhor e deixar a Sua Majestade que obre como em coisa sua. Quando muito, podem de tempos a tempos dizer alguma palavra suave, como quem dá um sopro à candeia que está morrendo, para torná-la a acender; mas se estivesse acesa, penso eu, só serviria para a apagar mais depressa. Digo que seja suave o sopro: de outro modo ficaria ocupada a vontade com as muitas palavras ordenadas pelo entendimento.

E notai bem, amigas, este aviso que vos quero dar agora. Muitas vezes vos vereis às voltas com o entendimento e a memória, sem saber como os sujeitar. Com efeito acontece estar a alma com grandíssima quietação, e, por outro lado, andar o entendimento tão no ar, que nem parece que se passa tudo aquilo em sua casa. Dir-se-ia então que está como hospedado em casa alheia e busca outras pousadas para se acolher, aborrecido daquela, porque não tem jeito de fi-

3) Lc 18, 13.

car parado. Porventura acontece isto só ao meu, e não se dá o mesmo com outras pessoas. Quanto a mim, algumas vezes desejo morrer, vendo que não posso remediar esta mobilidade do entendimento. Em outras ocasiões parece ele fazer assento em sua casa e acompanha a vontade; e quando as três potências se unem, é uma glória. Acontece como a um casal: se os esposos se amam, a vontade de um é a do outro; mas se são mal casados, já se vê quanto o marido desassossega a mulher. Em suma: quando a vontade se vir nessa quietação, não faça mais caso do entendimento que de um louco, porque se o quiser trazer a si, forçosamente se há de ocupar ou inquietar de algum modo. E neste ponto de oração, tudo será trabalhar e não ter lucro, senão, pelo contrário, perder o que, sem nenhum trabalho de sua parte, lhe dá o Senhor.

Reparai agora nesta comparação que me parece quadrar muito. E' semelhante a alma a uma criança bem pequenina, quando está aos peitos de sua mãe, e esta, por regalo, lhe vai deitando o leite na boca, sem mesmo lhe deixar o esforço de mover os lábios. Assim é nesta oração: sem trabalho do entendimento está a vontade amando, e quer o Senhor que, sem pensar, entenda como está com Ele, e se limita a fruir daquela suavidade, engolindo o leite que Sua Majestade lhe põe na boca. Conheça que lhe está o Senhor fazendo aquela mercê, e deleite-se com aquele gozo, porém não queira entender nem o que goza nem como goza: descuide-se por então de si, e Aquele que está junto dela não se descuidará de ver o que lhe convém. Se se meter a pelejar com o entendimento para o trazer a si e repartir com ele o gozo, não o conseguirá. Forçosamente deixará cair da boca o leite, e perderá aquele mantimento divino.

Há outra oração na qual está toda a alma unida com Deus, e nem mesmo precisa tragar o mantimento; porque, sem entender como, o encontra dentro de si, posto pelo Senhor. Aqui é diferente: Ele ainda pa-

rece querer que a alma trabalhe um pouquinho, mas é com tanto descanso, que quase o não percebe. Quem a faz sofrer é o entendimento, o que não acontece quando é união total das três potências, porque então as suspende Aquele que as criou, e, com o gozo que lhes dá, ocupa todas sem saberem como, nem o poderem entender. Torno ao que ia dizendo: quando a alma experimenta em si esta oração, que é um contentamento quieto e grande da vontade, não sabe explicar pròpriamente em que consiste. Bem vê, entretanto: é diferentíssimo dos prazeres cá de baixo, e não lhe bastaria assenhorear-se do mundo com todos os seus contentamentos, para experimentar aquela satisfação íntima, que reside no interior da vontade, enquanto, nesta vida, os outros prazeres, parece-me a mim, só se gozam no exterior, e, por assim dizer, na casca ou superfície dela.

Quem, pois, se vir neste tão subido grau de oração, que é, repito, muito conhecidamente sobrenatural, quando perceber que seu entendimento, ou melhor, pensamento, se arroja aos maiores desatinos do mundo, ria-se dele e deixe-o como a um néscio. Permaneça na sua quietação, enquanto ele vai e vem; pois aqui é senhora e poderosa a vontade e acabará por trazê-lo a si, sem que vós tenhais de preocupar. Se, pelo contrário, o quiserdes sujeitar a viva força, perderá ela o predomínio que lhe vem do divino sustento recebido e assimilado, e ambos perderiam em vez de ganhar. Há um provérbio que diz: quem muito abraça, pouco aperta. Assim, creio eu, aconteceria aqui; a experiência o dará a entender. A quem a não tiver, não me admiro que pareça muito obscuro e supérfluo este aviso; mas com um pouquinho dela, o compreenderá, como já deixei dito, e poderá tirar fruto e louvar ao Senhor por me ter permitido acertar a exprimi-lo aqui.

Concluamos agora dizendo que, posta a alma nesta oração, já lhe parece que atendeu o Eterno Padre a seus rogos e lhe concedeu seu reino desde esta vida. O' ditosa súplica, pela qual impetramos tanto bem

sem mesmo o entender! Ditosa maneira de pedir! Por esta razão quero eu, Irmãs, que olhemos de que modo rezamos o *Pater Noster* e as outras orações vocais. Uma vez feita por Deus esta mercê (a), descuidar-nos-emos das coisas do mundo, porque, em chegando o Senhor dele, tudo lança fora. Não digo que todas as pessoas favorecidas com esta oração tenham forçosamente este total desapego; mas desejaria que ao menos entendessem quanto lhes falta e se humilhassem, procurando desapegar-se de tudo aos pouquinhos, pois a não ser assim, não passarão adiante. E quando uma alma recebe de Deus tais prendas, é sinal de que é destinada a grandes coisas; a não ser por sua culpa, subirá muito alto. Se, porém, o Senhor vê que, metendo-lhe em casa, por assim dizer, o reino do Céu, ela se volta para a terra, não só não lhe mostrará os segredos que há no seu reino, mas só tornará a fazer-lhe o mesmo favor raras vezes e por breve tempo.

Pode haver engano da minha parte em afirmar isto, mas é o que observo, e sei que assim acontece. Tenho para mim que a razão de não haver mais pessoas muito espirituais é porque não servem a Deus de modo correspondente a tão alta mercê e não tornam a preparar-se para recebê-la; antes, pelo contrário, tiram das mãos do Senhor a vontade que já lhe haviam entregue e a põem em coisas baixas. Que faz Ele então? Vai buscar por outras partes almas que o queiram e às quais possa dar com mais largueza, conquanto não tire de todo o que havia dado às primeiras, quando vivem com limpa consciência. Há, porém, algumas — e eu fui uma delas — que, estando o Senhor a enternecê-las e dar-lhes inspirações santas e luzes sobre o valor real de todas as criaturas, e, numa palavra, outorgando-lhes o seu reino e pondo-as nesta oração de quietação, persistem em se fazer surdas. São tão amigas de falar e de multiplicar a toda pressa as orações vocais que determinaram rezar ca-

(a) *Porque está claro que se Deus nos faz esta mercê...*
(Ms. do Escorial).

da dia — como quem intenta acabar uma tarefa, — que, embora, como digo, o Senhor lhes meta nas mãos seu reino, não o aceitam: pensam que com seu rezar tiram mais proveito, e não lhe prestam atenção.

Jamais vos aconteça isto, Irmãs. Ficai de sobre-aviso para quando o Senhor vos conceder esta mercê; considerai que perdeis um grande tesouro e que fazeis muito mais dizendo uma só palavra do Padre-Nosso de quando em quando, do que repetindo-o várias vezes apressadamente. Aquele a quem pedis, está muito perto de vós, não deixará de ouvir-vos; e, crede, o verdadeiro modo de louvar e santificar seu nome é este, porque já, como familiares da sua casa, glorificais e louvais o Senhor com mais afeto e desejo, e parece que vos não podeis mais apartar de seu serviço (a).

CAPÍTULO XXXII

Trata destas palavras do Padre-Nosso: *Fiat voluntas tua sicut in coelo et in terra,*¹ e do grande merecimento que adquire quem as diz com total determinação. Quão bem lho paga o Senhor.

Já nosso bom Mestre pediu por nós e ensinou-nos a pedir coisa de tanto valor, que encerra tudo quanto aqui em baixo podemos desejar; e já nos concedeu tão alta mercê como é fazer-nos irmãos seus. Vejamos agora o que deseja Ele que demos a seu Pai; o que oferece em nosso nome; e o que pede de nós; pois é justo retribuirmos de algum modo tão grandes favores. O' bom Jesus! quão pouco dais em nosso nome (pouco de nossa parte), em comparação do muito que pedis para nós! Em si mesmo é uma insignificân-

(a) *Por conseguinte tomai muito em consideração este aviso que vos dou, porque é de suma importância (Ms. do Escorial).*

1) Seja feita a vossa vontade assim na terra como no Céu.

cia, e ainda menos, por se tratar de quem tanto deve e de tão grande Senhor. Entretanto, é certo, Senhor meu, que nada nos deixais, e que daremos tudo o que é possível dar, se — bem entendido — cumprirmos nossa palavra.

Seja feita a vossa vontade, assim na terra como no Céu. Com muita razão, ó bom Mestre, apresentastes a vosso Pai primeiramente a petição passada, a fim de que possamos cumprir o que dais agora em nosso nome. Julgo, Senhor, que de outro modo seria impossível. Mas, depois de vosso Pai, em atenção ao vosso pedido, nos dar seu reino desde esta vida, sei que não desmentiremos a verdade de vossa palavra, e cumpriremos o que prometeis por nós. Sim, uma vez que a terra se tornou Céu, é possível fazer-se em mim vossa vontade; mas sem isto, não compreendo, Senhor, como poderia ser, tratando-se de terreno tão ruim, tão sem fruto como é o meu. E' coisa grandiosa o que ofereceis.

Quando penso nisto, gosto de ver certas pessoas que não ousam pedir trabalhos ao Senhor, com receio de logo serem atendidas. Não me refiro aos que por humildade se abstêm de fazê-lo, julgando-se incapazes de os sofrer; mas, ainda em relação a estes, tenho para mim que o Senhor, assim como lhes dá generosidade para solicitar ocasiões tão árduas de lhe mostrarem seu amor, também os esforçará para as padecer. Quisera eu perguntar aos que por temor de logo serem ouvidos não pedem sofrimentos: que é o que pensam quando suplicam ao Senhor que neles se cumpra a divina vontade? Por acaso o dizem só para rezar como todos rezam, mas sem tenção de o cumprir? Isto, Irmãs, não seria direito. Olhai que o bom Jesus parece aqui nosso embaixador: quis intervir entre seu Pai e nós, e muito à sua custa. Não seria razão que não cumpríssemos de verdade o que Ele por nós promete. A não ser este o nosso intento, não o digamos. Agora quero tomar outro rumo: considerai, filhas, que isto se há de cumprir, quer queiramos, quer não queiramos, e sua vontade se há de

fazer no Céu e na terra. Crede-me, pois: tomai meu parecer, e fazei da necessidade virtude.

O' Senhor meu, grande regalo é para mim o ver que não deixastes que o cumprimento de vossa vontade dependesse de um querer tão ruim como o meu! Bendito sejais para sempre, e louvem-vos todas as criaturas! Glorificado seja eternamente o vosso nome! Que seria de mim, Senhor, se estivera em minhas mãos o cumprir-se ou não vossa vontade! Desde já vos dou a minha livremente, embora a tempo em que não vai isenta de interesse, pois já tenho provas e larga experiência do lucro encerrado nessa entrega absoluta do meu querer ao vosso. O' amigas, que imenso ganho se acha aqui! E que perda imensa é não cumprir o que oferecemos ao Senhor quando lhe digimos estas palavras do Padre-Nosso!

Antes de vos falar no que se ganha, quero explicar-vos a quanto vos comprometeis, para que mais tarde não alegueis engano, nem digais que o não entendestes. Não vos aconteça como a algumas Religiosas que não fazem senão prometer, e quando o não cumprem, dão esta desculpa: não entenderam o alcance de sua promessa (a). E bem pode ser, porque comprometer-se a renunciar à própria vontade e fazer a de outrem, parece muito fácil, mas, vindo à prova, compreendemos que é o exercício mais árduo que existe, quando cumprido como se há de cumprir. Entretanto os Prelados, conhecendo nossa fraqueza, nem todas as vezes nos levam com rigor; e não raramente a fracos e fortes levam com a mesma brandura. Com Deus não é assim: porque sabe o Senhor a capacidade de sofrimento de cada um, e quando vê fortaleza numa alma, não se detém em cumprir nela sua vontade.

(a) Assim o creio eu, porque falar é fácil, mas executar é difícil; e se pensaram que tão fácil era uma coisa como outra, por certo não o entenderam. Fazei que em nossos conventos as noviças o compreendam bem, por meio de longas provas, antes da profissão; não pensem elas que se hão de limitar às palavras; é preciso haver obras também (Ms. do Escorial).

Quero dizer-vos agora e recordar-vos qual é essa vontade de Deus. Não tendes medo que seja dar-vos riquezas, ou deleites, ou honras, ou as demais coisas cá da terra. Não vos ama tão pouco: faz grande apreço do que lhe dais, e vo-lo quer pagar bem, pois vos outorga seu reino desde esta vida. Quereis ver como procede com os que de verdade lhe dirigem estas palavras? Perguntai-o a seu glorioso Filho, que lhas repetiu na oração do Horto. Como as disse com determinação e vontade irrevogável, vede como o Pai cumpriu bem nele o seu querer, acabrunhando-o de trabalhos e dores e injúrias e perseguições; até que por último se lhe acabou a vida com morte de cruz.

Aquí podeis ver, filhas, o que deu o Senhor Aquele a quem mais amava; e deste modo entenderéis qual é a sua vontade. Assim, pois, são estes os seus dons neste mundo. Dá conforme o amor que nos tem: aos que mais ama, dá mais destes dons; aos que menos ama, dá menos, tudo de acordo com o ânimo e amor que tem cada um a Sua Majestade. A quem muito o amar, verá que pode padecer muito por Ele; ao que o amar pouco, pouco. Tenho para mim que a medida da capacidade para levar cruz grande ou pequena, é a do amor. Por conseguinte, se amais, Irmãs, procurai que não sejam de mero cumprimento as palavras que dirigis a tão grande Senhor; antes esforçai-vos por padecer o que a Sua Majestade aprovar. Sim, porque se de outra maneira lhe dais a vossa vontade, é mostrar-lhe a jóia, fazer menção de lha entregar, rogar-lhe que a aceite, e — quando estende a mão para a receber — tornar a guardá-la muito bem guardada.

Não são zombarias essas que se façam Aquele que tantas padeceu por nós. Ainda que não houvesse outra razão, não é admissível zombar dele tão frequentemente, pois não são poucas as vezes que lhe repetimos estas palavras do Padre-Nosso. Demos-lhe enfim inteiramente a jóia que há tanto tempo fazemos menção de dar-lhe; na verdade, se Ele não nos concede primeiro seus dons, é para que lha entreguemos. Os

mundanos já fazem muito quando estão verdadeiramente determinados a cumprir suas promessas. Quanto a vós, filhas, é preciso dizer e executar — palavras e obras, — como, segundo parece, realmente fazemos, nós que somos Religiosos. Acontece, porém, que em certas ocasiões não só lhe oferecemos a jóia, mas chegamos a pôr-lha nas mãos, e depois a retomamos. No primeiro momento somos generosos, e em seguida ficamos tão escassos, que, em parte, melhor valera ter pensado mais antes de dar.

Como tudo o que vos tenho aconselhado neste livro tem por fim este ponto: — a total entrega de nós mesmas ao Criador, a sujeição de nossa vontade à sua e o desapego das criaturas, — e já tereis compreendido o muito que isto nos importa, não quero insistir mais. Direi apenas qual a razão de pôr aqui nosso bom Mestre as palavras sobreditas, como quem sabe quanto se ganha em prestar esta homenagem a seu Eterno Pai. E' que por este meio nos dispomos para com muita brevidade nos acharmos no termo do caminho, fartando-nos da água viva da fonte, à qual me referi. Se pelo contrário não dermos inteiramente nossa vontade ao Senhor para que em tudo o que nos diz respeito se cumpra seu divino querer, jamais nos deixará beber dela. Este beber, eis a contemplação perfeita sobre a qual me pedistes que escrevesse.

Nisto, como já tenho escrito, nada fazemos de nossa parte: nem trabalhamos, nem agimos, nem temos necessidade de coisa alguma; porque tudo o mais estorva e impede de dizer: *fiat voluntas tua*: cumpra-se em mim, Senhor, vossa vontade de todos os modos e maneiras que Vós, Senhor meu, determinardes. Se quiserdes enviar trabalhos, dai-me força, e venham! Se perseguições e enfermidades e desonras e minguas, aqui estou! Não afastarei o rosto, Pai meu, nem há razão para virar as costas. Pois vosso Filho, em meu nome e no de todos, deu esta minha vontade, não quero que haja falha da minha parte. Fazei-me Vós mercê e dai-me vosso reino, como Ele o perdeu, a fim de que eu

o possa executar; em seguida dispõe de mim como de coisa vossa, conforme a vossa vontade.

O' Irmãs minhas, que força tem este dom! Quando feito com a devida determinação, consegue nada menos do que trazer o Todo-poderoso a ser um com a nossa baixeza, e transformar-nos em Si, e fazer uma união do Criador com a criatura. Vede agora se ficareis bem pagas e se é bom Mestre o vosso, que, sabendo por onde há de ganhar a benevolência de seu Pai, nos ensina de que modo e por que meios o temos de servir.

E quanto mais manifestamos pelas obras que não são palavras de cumprimento as que dizemos, mais e mais nos chega o Senhor a Si, levantando-nos a alma acima de todas as coisas terrenas e de si mesma a fim de habilitá-la a receber grandes mercês, pois nunca se farta de nos pagar nesta vida o dom que lhe fazemos de nós mesmos. Estima-o tanto, que já não sabemos mais o que pedir, e Sua Majestade nunca se cansa de dar. Não contente de ter feito a alma uma só coisa consigo, por havê-la já unido a Si mesmo, começa a regalar-se com ela, a descobrir-lhe segredos, a folgar-se de que entenda quanto ganhou e conheça alguma parcela do que lhe está reservado. Faz que vá perdendo estes sentidos exteriores, para que nada a ocupe: e isto é arroubamento. Começa a tratá-la com tanto amor, que não só lhe restitui a vontade, mas dá-lhe juntamente a sua própria, porquanto apraz ao Senhor — já que existe amizade tão íntima, — que mandem cada um por sua vez, como se costuma dizer. Atende aos pedidos da alma, como ela cumpre suas ordens; e ainda muito melhor, porque é poderoso e executa quanto quer, e não deixa de querer.

A pobrezinha, por muito que se esforce, não consegue fazer tudo como quisesa; nada pode sem que lho dêem, e sua maior riqueza é esta: ficar tanto mais devedora quanto mais serve a Deus. Aflige-se muitas vezes por se ver sujeita a tantos inconvenien-

tes e embaraços e cativeiros que lhe provêm de estar no cárcere deste corpo, pois quisera amortizar um pouco a sua dívida; mas é muito boba de se afligir. Sim, porque ainda que façamos tudo o que está a nosso alcance, que poderemos pagar se — torno a dizer — não temos a oferecer senão o que recebemos? Resta-nos, pois, reconhecer nosso nada, e fazer perfeitamente aquilo que está em nossas mãos — que é dar a nossa vontade. Tudo o mais, para a alma que o Senhor fez chegar até aqui, embaraça e causa prejuízo em vez de proveito. Só tem algum poder a humildade; não a adquirida pelo entendimento, senão uma luz clara e verdadeira que num instante compreende o que não poderia mediante o trabalho da imaginação alcançar em muito tempo acerca do nosso nada absoluto e do bem infinito que é Deus.

Dou-vos um aviso: não penseis chegar a esta altura por força ou diligência que empregueis de vossa parte. E' inútil, e, pelo contrário, se antes sentieis devoção, ficareis frias. Dizei, sômenté, com simplicidade e humildade, pois esta é a que tudo consegue: *fiat voluntas tua*.

CAPÍTULO XXXIII

Trata da grande necessidade de que nos dê o Senhor o que lhe pedimos nestas palavras do Pater noster: "O pão nosso de cada dia nos dai hoje" ¹.

Entendendo o bom Jesus, como deixei dito, quão dificultosa coisa era essa que oferecia por nós, pois bem conhece nossa miséria, que muitas vezes finge não entender qual é a vontade divina, — como somos fracos e Ele tão piedoso, — entrou na conta de que era necessário dar remédio. Deixarmos de dar a nossa von-

1) Panem nostrum quòtidianum da nobis hodie.

tade, viu que de nenhum modo nos convém, pois aqui está todo o nosso ganho; entretanto conheceu quanto seria difícil cumprir o prometido. Com efeito, dizei a uma pessoa regalada e rica: “E’ vontade de Deus que modereis vossa mesa, para outros, que morrem à fome, terem ao menos um pouco de pão”: — sairá com mil razões para interpretar isto conforme lhe convier. Lembrai a um murmurador que é vontade de Deus querer tanto para o próximo a boa fama como para si: — logo perderá a paciência e não se deixará convencer por nenhum argumento. Ponderai a um Religioso habituado à liberdade e ao regalo: “Vede quanto estais obrigado a dar bom exemplo; não só com palavras haveis de cumprir o que dizeis nesta petição do Padre-Nosso, pois o jurastes e prometestes; é vontade de Deus que cumprais vossos votos; se derdes escândalo, ireis muito contra eles, mesmo que os não quebranteis formalmente; prometestes pobreza, guardai-a sem rodeios, pois assim o quer o Senhor:” — não vos dará ouvidos. Se, ainda agora, alguns de nenhum modo hão de render-se, que seria se o Senhor não tivesse suprimido a maior parte das dificuldades por meio do remédio que instituiu? Só raríssimas almas cumpririam esta palavra que por nós dirigiu ao Pai: *Fiat voluntas tua*. Vendo, pois, o bom Jesus a necessidade, buscou um meio admirável por onde nos mostrou o extremo de amor que nos tem, e, em seu próprio nome e no de seus irmãos, fez esta petição: *O pão nosso de cada dia nos dai hoje*, Senhor.

Por amor de Deus, Irmãs, compreendamos isto que pede nosso bom Mestre, pois nossa vida está em não passarmos por alto sobre este ponto; e convencei-vos de que destes muito pouco, pois tanto haveis de receber. Parece-me agora a mim, salvo melhor parecer, que, vendo o bom Jesus o que havia dado por nós e quanto nos importa esta dádiva, e, por outro lado, a grande dificuldade que nisto há, repito, por sermos tão vis e inclinados a coisas baixas, e termos tão pouco amor e ânimo, que nos é mister pôr nele os olhos

para nos decidirmos, — e isto não uma vez, senão cada dia, — neste ponto se determinou a ficar conosco. E como era coisa tão grave e de tanta importância, quis que nos viesse da mão do Eterno Padre. Bem sabia que seu Pai não deixaria de confirmar e aprovar no Céu o que Ele fizesse na terra, pois são ambos uma mesma coisa e a vontade de um é a do outro; contudo, era tanta a humildade do bom Jesus, que, por assim dizer, quis pedir licença, já sabendo que era o objeto do amor e da complacência do Pai. Entendeu perfeitamente que nesta súplica pedia mais do que em todas as outras, porquanto já antevia a morte que o esperava e as desonras e afrontas que havia de padecer.

Que Pai haveria, Senhor, que, tendo-nos dado seu Filho — e que Filho! — e vendo o estado em que o pusemos, consentisse em deixá-lo entre nós a padecer de novo cada dia? Por certo nenhum, Senhor, senão o vosso: bem sabeis a quem pedis! Oh! valha-me Deus! que grande amor o do Filho, e que grande amor o do Pai! Já não me admiro tanto do bom Jesus, porque, tendo dito: *“Faça-se a vossa vontade”*, havia de cumpri-la de modo digno de quem é. Sim, que não é como nós; e sabendo que o meio de a cumprir é amarnos como a Si mesmo, andava ansioso por executar com a maior perfeição este mandamento, embora muito à sua custa. Porém, Vós, Padre Eterno, como consentistes? Como quereis ver cada dia em mãos tão indignas o vosso Filho? Por uma vez que assim vos dignastes querer e consentir, bem vistes em que estado o deixaram. Como pode vossa piedade cada dia, cada dia, presenciar as injúrias que lhe fazem? E quantas não se devem hoje assacar a este Santíssimo Sacramento! Em quantas mãos inimigas não o vê o Pai! Quantos desacatos por parte destes hereges!

O’ Senhor Eterno! como admitis tal petição? Como dais vosso consentimento? não vos guieis pelo amor de vosso Filho, que, a troco de realizar plenamente vossa vontade e de nos fazer benefícios, deixar-se-á despedaçar cada dia. Toca a Vós, Senhor meu, ver o que

é justo, pois a vosso Filho nada parece demasiado. Por que razão há de ser todo o nosso bem à sua custa? Porquanto a tudo cala, e não sabe falar por Si, senão por nós, — não há de haver quem fale em defesa deste amantíssimo Cordeiro? (a).

Tenho reparado que só nesta petição duplica Ele as palavras: primeiro diz e pede que nos seja dado este pão *cada dia*, e depois torna a dizer: *Nos dai hoje, Senhor*. Faz apelo a seu Pai, como a dizer-lhe que, pois já no-lo deu uma vez para morrer por nós, já é nosso: não no-lo torne a tirar, antes o deixe servir cada dia até o fim do mundo. Isto vos enteneça o coração, filhas minhas, e vos mova a amar o vosso Esposo. Não há escravo que de boa vontade confesse que o é: e eis que o bom Jesus parece gloriar-se disto.

O' Eterno Pai! por certo, muito merece esta humildade! Com que tesouro compraremos vosso Filho? Vendido já sabemos que foi por trinta dinheiros, mas para o comprar não há preço que baste! Parece aqui tornar-se uma só coisa conosco pela parte que tem de nossa natureza, e, como Senhor de sua vontade, faz ver a seu Pai que, pois é dono dela, no-la pode dar; e assim diz: *O Pão nosso*. Não estabelece diferença alguma entre Si e nós; entretanto nós a estabelecemos entre nós e Ele para não nós darmos cada dia por Sua Majestade.]

CAPÍTULO XXXIV

Prossegue a mesma matéria. E' de muita utilidade para depois de haver recebido o Santissimo Sacramento.

*Nesta petição as palavras: *cada dia*, dão a entender um dom que há de durar para sempre. Pondo-me

(a) *Dai licença que fale eu, Senhor, já que nos quisestes outorgar este direito, e acolhei minha súplica. Vede com que perfeição vos obedeceu vosso Filho, e com que amor se deu a nós* (Ms. do Escorial).

eu a pensar por que razão depois de haver dito o Senhor: *cada dia*, tornou a dizer: *nos dai hoje, Senhor*, pareceu-me o seguinte. Ser nosso *cada dia*, segundo me parece, quer dizer que o possuímos na terra e também o possuiremos no Céu, se nos aproveitamos bem de sua companhia, pois não permanece conosco senão com o fim de nos animar e sustentar e ajudar a fazer a vontade de Deus, a qual já pedimos que se cumpra em nós.

O dizer *hoje*, significa, penso eu, que o pedido é feito só para um dia, isto é, enquanto durar o mundo, e não mais: e realmente é só um dia! Quanto aos desventurados que se condenam e não o gozarão na outra vida, se se deixam vencer não é por culpa do Senhor, pois não se cansa de os animar até o fim da batalha. Não poderão portanto desculpar-se, nem terão a alegar que o Padre Eterno lhes tomou seu Filho quando mais precisados estavam. E assim diz o Senhor a seu Pai, que, pois se trata de um único dia, lho deixe passar em servidão; e, já que Sua Majestade só por seu querer no-lo deu e enviou ao mundo, Ele quer agora, por sua própria vontade, não nos desamparar, e permanecer aqui conosco, para maior glória de seus amigos e pena de seus inimigos. Solicita, pois, novamente, mas só para hoje, este Pão sacratíssimo que já Sua Majestade, repito, nos havia dado para sempre; este mantimento e maná da santa Humanidade, que achamos como queremos e graças ao qual, a não ser por nossa culpa, não morreremos de fome. Sim, porque de qualquer modo que a alma quiser comer, encontrará no Santíssimo Sacramento sabor e consolação. Não há necessidade, nem trabalho, nem perseguição que não se torne fácil de sofrer se começamos a saborear os padecimentos de Cristo (a).

(a) *Não quero pensar que se tenha o Senhor lembrado desse outro pão que serve de mantimento às necessidades corporais, nem quisera eu que vos lembrásseis de tais coisas. Está Ele em subidíssima contemplação, e quem se acha nesse estado, tem a memória tão elevada acima do mundo, que não sabe se está nele: quanto mais se há de comer! É havia de*

Como este Senhor, pedi, filhas, ao Pai do Céu que vos deixe hoje o vosso Esposo, que não vos vejais sem Ele neste mundo. Já baste, para moderar tão grande contentamento, ficar Ele tão disfarçado debaixo dos accidentes de pão e vinho, — o que não é pequeno tormento para quem não tem outra coisa a amar, nem outro consolo. Suplicai-lhe que ao menos não vos falte, e vos conceda as disposições necessárias para o receberdes dignamente.

Com o pão material, — vós que tão deveras vos abandonastes à vontade de Deus, — não vos preocupeis; digo, nestes momentos de oração destinados a tratar de coisas mais importantes. Outros tempos há para trabalhar e ganhar de comer, embora jamais convenha ter preocupação ou gastar nisto o pensamento. Justo é que procureis sustentar-vos, mas trabalhe o corpo e descanse a alma. Deixai esse cuidado, como largamente ficou dito, a vosso Esposo, que Ele o terá sempre.

Quando um criado entra a serviço de alguém, empenha-se em contentar em tudo a seu senhor; mas este por sua vez está obrigado a dar de comer ao servo enquanto o guarda em casa e recebe seus serviços, salvo se for tão pobre que não tenha nem para si nem para ele. Aqui não se dá este caso: é e será sempre rico e poderoso. Ora, não seria bonito andar o criado pedindo de comer, pois sabe que o amo terá cuidado disto e não lhe faltará. Com razão lhe diria este que se ocupe em o servir e contentar; não suceda que por

pedir o Senhor com tanto empenho o alimento material, para Si e para nós? Não concorda com o que estou dizendo. Está Ele a ensinar-nos a fixar nossa vontade nas coisas do Céu, e a pedir a graça de começarmos a gozar dele desde aqui de baixo: e havia de meter-nos em coisas tão baixas como pedir de comer? Como se não nos conhecesse! Bem sabe Ele, quando começamos a cuidar das necessidades do corpo, logo esquecemos as da alma. Não somos tão discretos que peçamos poucas coisas e com elas nos contentemos. E' o contrário: quanto mais o Senhor nos der, mais nos parecerá que tudo nos há de faltar, até a água. Deixai, filhas, semelhantes petições àqueles que ambicionam mais do que o necessário. (Ms. do Escorial).

andar distraído com esses cuidados que não devia ter, não faça coisa capaz. Assim pois, Irmãs, tenha quem quiser preocupação de pedir este pão material: quanto a nós, roguemos ao Eterno Pai que mereçamos receber nosso Pão celeste de maneira que, embora não possam os olhos do corpo deleitar-se com sua vista por estar tão encoberto, se descubra Ele aos da alma e se nos dê a conhecer. Que diferente manjar de consolações e regalos é este, e como sustenta a vida!

Pensais que não é mantimento mesmo para o corpo este Manjar santíssimo, e poderosa medicina ainda para os males corporais? Eu sei que assim é, e conheço uma pessoa achacada de graves enfermidades que frequentemente, estando com fortes dores, em comungando ficava boa de todo,¹ como se alguém lhas tirasse com a mão. Isto lhe acontecia muito de ordinário; e tratava-se de males bem conhecidos que, a meu ver, não se podiam fingir. E porque as maravilhas operadas por este santíssimo Pão nos que dignamente o rehem são muito notórias, não relato várias que me seria fácil contar dessa mesma pessoa, de quem as podia saber, e tenho certeza de que não mentia. Mas esta recebera do Senhor tão viva fé, que se ouvia alguém mostrar desejo de ter vivido no tempo em que no mundo andava Cristo nosso Bem, ria-se consigo mesma. Parecia-lhe que se o possuímos no Santíssimo Sacramento tão verdadeiramente como então, que mais queremos?

Dessa pessoa tive ocasião de saber o que vou contar. Durante largos anos, embora não fosse muito perfeita, ao comungar procurava esforçar a fé, nem mais nem menos que se com os olhos corporais visse entrar o

(a) *Quanto ao necessário para o sustento da vida, podeis estar certos de que, mais vezes do que quiséramos e quase sem advertência, o desejaremos e pediremos. Nem é preciso que no-lo tragam à memória, pois nossa má inclinação às coisas baixas nos serve de despertador, mais frequentemente do que desejaríamos, repito. Ao menos advertidamente não ponhamos nossos cuidados senão em pedir ao Senhor o que já vos disse, porque se o tivermos, teremos tudo (Ms. do Escorial).*

1) A própria Santa.

Senhor na sua alma; e, crendo verdadeiramente que viera este Senhor à sua pobre pousada, desocupava-se de todas as coisas exteriores, quanto lhe era possível, e entrava-se juntamente com Ele. Procurava recolher os sentidos para que todos entendessem tão grande bem; quero dizer para que não impedissem a alma de o conhecer. Considerava-se aos pés do Senhor e chorava com a Madalena, nem mais nem menos do que se o estivesse vendo na casa do Fariseu; pois, embora não sentisse devoção, a fé lhe dizia que Ele estava ali realmente.

Com efeito, se não queremos cegar nosso entendimento e fazer-nos de bobos, não há que duvidar. Não se trata de imagem formada pela imaginação, como quando consideramos o Senhor na cruz ou em outros passos da Paixão e figuramos dentro de nós mesmos o que então se passou. Aqui Ele está presente, é a inteira verdade, e não há para que ir buscá-lo mais longe ou em outra parte. Sabemos que está conosco o bom Jesus enquanto o calor natural não consome os accidentes do pão; cheguemo-nos pois a Ele. Se, quando andava no mundo, só o contacto de suas vestes sarava os enfermos, como duvidar que fará milagres — estando tão dentro de nós — se tivermos fé? Como negará o que lhe pedirmos, se está em nossa casa? E não costuma Sua Majestade pagar mal a pousada, quando encontra bom acolhimento.

Tendes pesar porque o não vedes com os olhos corporais? Lembrai-vos de que isto não nos seria conveniente. Uma coisa era vê-lo quando andava na terra, e outra vê-lo glorificado. E' tanta nossa fraqueza natural, que ninguém poderia sofrer sua vista; nem haveria mundo, nem quem nele quisesse viver; porque, olhando esta Verdade eterna, veríamos como é mentira e brincadeira tudo o que estimamos por cá. E, contemplando tão imensa Majestade, como ousaria uma pecadorazinha como eu, que inúmeras ofensas lhe tem feito, aproximar-me tanto dele? Sob as aparências daquele pão está mais familiar; porque se o rei se disfarça, julgamo-nos autorizados a tratar com

Ele sem tantas cerimônias e etiquetas. Parece que está obrigado a sofrê-lo, já que se disfarçou. De outro modo, quem ousaria chegar-se a comungar com tanta tibieza, tão indignamente, com tantas imperfeições!

Oh! como não sabemos o que pedimos, e como o Senhor tudo dispôs melhor com sua sabedoria! Aqueles que se hão de aproveitar de sua presença, Ele se descobre: e ainda quando não se lhes manifesta aos olhos corporais, muitos meios tem de se mostrar à alma, por grandes sentimentos interiores e por diferentes vias. Ficai-vos com Ele de boa vontade; não percais tão boa ocasião de negociar como é o tempo depois da Comunhão. Se a obediência, Irmãs, ordenar outra coisa, procurai deixar a alma com o Senhor; porque se logo distraís o pensamento e não fazeis caso nem vos lembrais de quem está dentro de vós, como se vos há de dar a conhecer? (a). Este é, pois, o tempo propício para sermos ensinadas por nosso Mestre, e para o ouvirmos e lhe beijarmos os pés em agradecimento de se ter dignado ensinar-nos. Suplicai-lhe então que não se aparte de vós. Isto haveis de pedir; e não, falando a alguma imagem de Cristo ou olhando para ela: é tolice, a meu ver, deixar a própria pessoa para considerar-lhe o rétrato. Não seria absurdo se, vindo visitar-nos uma pessoa muito querida, deixássemos de falar com ela e estivéssemos todo o tempo a conversar com um seu retrato? Sabeis quando são bons e me deleitam extremamente estes colóquios? Quando a pessoa amada está ausente, ou quando, por meio de grande securas, nos quer dar a entender que o está. Então é sumo regalo ver a imagem daquele a quem com tanta razão amamos. Quisera eu encontrá-la sempre, de qualquer lado a que volvesse os olhos. Em que

(a) *Se a obediência vos mandar outra coisa, procurai deixar a alma unida ao Senhor; que vosso Mestre é Ele, e, ainda que o não entendais, não deixará de ensinar-vos. Mas se logo pondeis o pensamento em outros objetos e não fazeis mais caso daquele que está dentro de vós do que se o não tivésseis recebido, deixai-vos de vós, e não dele (Ms. do Escurial).*

melhor ou mais delicioso objeto podemos empregar a vista do que em nosso Deus que tanto nos ama e em si contém todos os bens? Desventurados esses hereges que, por sua culpa, perderam esta consolação, além de tantas outras!

Mas acabando de receber o Senhor, já que em pessoa o tendes diante de vós, procurai cerrar os olhos do corpo e abrir os da alma e vê-lo em vosso coração. E eu vos digo e repito, e quizera vo-lo tornar a repetir muitas vezes: se vos acostumardes a proceder assim em todas as vossas Comunhões e procurardes ter limpa a consciência, de modo a vos ser lícito gozar a miúdo deste Bem, não virá Ele tão disfarçado que, segundo afirmei acima, não se vos dê a conhecer por várias maneiras, na medida do desejo que tiverdes de o ver. Podereis mesmo desejá-lo tanto, que se descubra totalmente a vós.

Se, porém, não fazemos caso dele; se, em o recebendo, deixamos logo sua companhia e vamos em busca de coisas baixas, que há de fazer? Porventura há de forçar-nos a olhá-lo, porque se quer manifestar a nós? Não! nem por isso o trataram tão bem os Judeus quando se deixou ver de todos a olhos nus! Dizia-lhes claramente quem era, e foram raros os que nele crearam. E, assim, já grande misericórdia nos faz a todos Sua Majestade querendo que entendamos sua presença real no Santíssimo Sacramento. Quanto a mostrar-se visivelmente e comunicar suas grandezas e reparar seus tesouros, isto não lhe apraz conceder indistintamente: reserva-o aos que muito o desejam, porquanto são estes os seus verdadeiros amigos. E eu vos declaro: quem o não for e não se chegar com amizade a recebê-lo, depois de ter feito tudo o que é de sua parte, jamais se atreva a importuná-lo para que se lhe dê a conhecer. Como pode alcançar de Deus tal favor quem está aflito por acabar com a ação de graças prescrita pela Igreja, e logo sai da casa de Deus e procura expulsá-lo de si? Dir-se-ia que, pondo a mira em ou-

tros negócios e ocupações e embaraços do mundo, se apressa o mais possível para que não lhe ocupe o coração Aquele que entretanto é Senhor dele.

CAPÍTULO XXXV

Termina a matéria começada, com uma exclamação ao Padre Eterno.

Por ser coisa muito importante, alarguei-me tanto neste ponto, embora já tenha dito na oração de recolhimento quanto é útil e necessário o entrar em si mesmo para tratar a sós com Deus. Quando, assistindo à Missa, não comungardes, filhas, podeis, com grandíssimo proveito, comungar espiritualmente, recolhendo-vos em seguida dentro de vós mesmas. Deste modo imprime-se profundamente na alma o amor de Deus, pois quando nos dispomos a receber, jamais deixa de nos favorecer com seus dons, de muitas maneiras que nem entendemos. E' como acontece quando nos chegamos ao fogo. Embora muito aceso, se ficais longe e escondeis as mãos, mal vos podeis aquecer, conquanto sintais mais calor do que em lugar onde não haja fogo. Aproximai-vos, e a coisa será outra. Assim também se vos quiserdes chegar ao Senhor, com a alma bem disposta, isto é, com desejo de perder a frieza, por um pouco de tempo que estejais ali, cobrareis calor para muitas horas.

Se no princípio não vos sentirdes bem — e isto poderá acontecer porque o demônio, sabendo quanto lhe prejudica esta prática, vos fará sentir angústias e apertos de coração dando-vos a entender que achais mais devoção em outras coisas, e nesta menos, — tomai cuidado, Irmãs, e nem por isso abandoneis este modo de orar. Por esta prova verá o Senhor se o amais deveras. Lembrai-vos de que há poucas almas que o acompanhem e o sigam em seus trabalhos: soframos por Ele um pouco, e Sua Majestade no-lo pagará. E lembrai-

vos também: quantas pessoas há que não só desejam não estar com Ele, mas com muita descortesia o expulsam de si? Justo é que passemos algumas dificuldades para lhe testemunhar que temos desejo de o ver. E pois Ele tudo sofre e está disposto a sofrer a troco de achar uma só alma que o receba e o guarde em si com amor, seja essa alma a vossa. Sim, porque se nenhuma houvesse, o Eterno Padre com razão não lhe consentiria permanecer conosco; mas, como tão Amigo de seus amigos e tão Senhor de seus servos, vendo a vontade de seu bom Filho, não lhe quer estorvar obra tão excelente, onde mostra, de modo tão perfeito, o amor que tem ao Pai.

Já que assim é, Pai santo, que estais nos Céus, já que o quereis e aceitais — e claro está que não haveis de rejeitar pedido tão útil para nós, — alguém há de haver, como disse a princípio, que fale por vosso Filho, pois Ele jamais se defendeu. Falemos nós, filhas! E' atrevimento, sendo as que somos, mas tenhamos confiança, porque o bom Jesus diz: "Pedi e recebereis"¹. Em obediência ao seu preceito, e em seu nome, façamos a Sua Majestade esta súplica: Pois vosso Divino Filho, concedendo tão grande benefício aos pecadores, deu-nos o mais que podia dar, ordene vossa piedade e se sirva de pôr remédio para que não seja tão maltratado. E, pois, instituiu meio tão admirável para que o possamos oferecer em sacrifício repetidas vezes, valha-nos tão precioso dom para que não vão adiante tão grandíssimos males e tantos desacatos como se fazem nos lugares onde havia este Santíssimo Sacramento entre os luteranos, — destruídas as igrejas, trucidados tantos sacerdotes, banidos os Sacramentos.

Mas que é isto, meu Senhor e meu Deus! Ou acabai com o mundo, ou remediai tão gravíssimos males. Não há coração que o sofra, nem os nossos, embora sejamos ruins. Suplico-vos, Eterno Padre, não o sofráis Vós: atalhai esse fogo, Senhor, pois o podeis

1) Jo 16, 24.

se quiserdes. Olhai que ainda está no mundo vosso Filho: por seu respeito cessem coisas tão feias, abomináveis e imundas. Por sua formosura e limpeza não merece estar onde há coisas semelhantes. Não o fazeis em atenção a nós, Senhor, que não o merecemos: fazei-o em atenção ao vosso Filho. Quanto a suplicar-vos que o não deixeis conosco, não o ousamos pedir: que seria de nós? Se alguma coisa vos aplaca, é termos cá tal prenda. Mas algum meio há de haver, Senhor meu: aplique-o Vossa Majestade.

O' meu Deus, quem me dera importunar-vos sem cessar e ter-vos prestado grandes serviços, para poder, em paga de meus trabalhos, solicitar tão alta mercê, pois nenhum deixais sem recompensa. Mas nada fiz por Vós, Senhor: antes fui eu porventura quem vos irritou, e é por meus pecados que sobrevieram tantos males. Portanto, que me resta a fazer, Criador meu, senão apresentar-vos este Pão sacratíssimo, tornando a oferecer-vos o que nos destes, e suplicar-vos que pelos méritos de vosso Filho me concedais esta mercê, pois Ele de tantos modos a tem merecido? Dai-vos pressa, Senhor, dai-vos pressa! Fazei que se amanse este mar; não ande sempre em tão furiosa tormenta esta nave da Igreja! E salvai-nos, Senhor meu, que perecemos².

CAPÍTULO XXXVI

Trata destas palavras do Padre-Nosso: Perdoai-nos as nossas dívidas.

Vendo nosso bom Mestre como, graças a este manjar celestial, a não ser por nossa culpa, tudo se nos torna fácil, e como podemos muito bem cumprir o que dissemos ao Pai: "Seja feita a vossa vontade", agora acrescenta: que nos perdoe nossas dívidas, pois também nós perdoamos. E assim, continuando a oração que nos ensina, diz estas palavras: E perdoai-

2) Mt 8, 25.

nos, Senhor, as nossas dívidas, assim como nós perdoamos aos nossos devedores.

Reparai, Irmãs, que não diz: “Como perdoaremos”. E’ a fim de nos dar a entender que isto já deve ser fato consumado, para quem implora dom tão grande como o precedente e já submeteu sua vontade ao querer de Deus. E assim diz: “*como nós perdoamos*”. Fiquê, pois, bem assentado: quem deveras tiver dito ao Senhor esta palavra: “*fiat voluntas tua*”, há de ter perdoado tudo, ou, ao menos, estar resolvido a fazê-lo. Esta é a razão pela qual se folgavam os Santos com as injúrias e perseguições: é que tinham alguma coisa para apresentar ao Senhor em troca das mercês que lhe pediam. Mas que fará uma criatura tão pobre como eu, que tão pouco tem tido a perdoar e tanto de que pedir perdão? Eis um fato, Irmãs, que devemos ponderar muito: coisa tão grave e de tanta importância como é que nos perdoe Nosso Senhor nossas culpas, merecedoras do fogo eterno, nos é concedida a troca de ato tão sem valor como é perdoarmos nós. E ainda destes atos insignificantes tenho tão poucos a oferecer, que gratuitamente me haveis de perdoar, Senhor. Aqui acha campo vossa misericórdia. Bendito sejais Vós por me sofredes, a mim criatura tão pobre, que, falando vosso Filho em nome de todos, tenho de sair da conta, em vista da minha vileza e falta de merecimentos.

Mas, Senhor meu, dar-se-á caso que outras pessoas nas mesmas condições que eu não tenham compreendido isto? Se as há, em vosso nome lhes suplico que se lembrem desta verdade e não façam caso de umas misèriazinhas a que chamam agravos. Dir-se-ia que edificamos, com esses pontos de honra, casinhas de palhas, como as crianças. Oh! valha-me Deus, Irmãs! Se entendêssemos que coisa é honra e em que consiste perder a honra!... Agora não me refiro a vós, pois muito triste seria se já não tivésseis entendido isto; refiro-me a mim, no tempo em que me prezei de apego à honra, sem entender que coisa era. Ia atrás dos outros. Oh! em quantas miudezas me dava por agra-

vada! Agora me envergonho; e não era, aliás, das mais suscetíveis nessas matérias. Entretanto não entendia o ponto principal, porque não olhava nem fazia caso da honra que zela os interesses da alma e é a única proveitosa. Oh! como falou bem quem disse que honra e proveito não podem andar juntos! Todavia não sei se o disse a este propósito. E assim é, ao pé da letra, porque proveito da alma e aquilo a que o mundo chama honra, jamais podem juntar-se. E' coisa espantosa ver quanto o mundo anda às avessas. Bendito seja o Senhor que nos tirou dele! (a).

Mas olhai, Irmãs, que demônio não nos deixa no esquecimento: também nos mosteiros inventa suas honras e promulga suas leis, de modo que há subir e baixar em dignidade, como entre os mundanos. Os letrados devem andar de acordo com suas letras, que isto não entendo. O que chegou a ser lente de Teologia não há de baixar a lente de Filosofia, porque o ponto de honra exige que suba, e não desça. E ainda que lho mandasse o Superior, dar-se-ia por agravado; e não faltaria quem o defendesse e protestasse que é afronta. E logo o demônio fornece argumentos para dar alguma aparência de razão até segundo a lei de Deus. Vejamos agora entre nós. A que foi Priora há de ficar inabilitada para outro ofício mais baixo. Fazemos questão de ver qual é a mais antiga — que isto nenhuma esquece — e até às vezes o julgamos meritório, por assim mandar a Regra.

E' coisa que faz rir, ou antes, com mais razão, faz chorar. Sim, porque não manda a Regra que não tenhamos humildade; prescreve a boa ordem, mas não hei de ser tão ordenada nesta matéria das atenções para comigo, que tenha tanto zelo por este ponto da Regra como por outros, que talvez guarde imperfeitamente. Não se concentre nisto toda a perfeição

(a) *Praza a Sua Divina Majestade que esteja sempre tão desgraça tão longe desta casa como está agora, porque Deus nos livre de mosteiros onde há pontos de honra! Nunca o Senhor é muito honrado neles* (Ms. do Escorial).

da nossa observância regular; outras olharão por mim, se eu me descuidar. O caso é que somos inclinadas a subir — ainda que por aqui não subiremos ao Céu, — e ninguém nos fale em descer. O' Senhor, Senhor! Não sois Vós nosso Mestre e Modelo? Sim, por certo. Pois dissei-nos: em que fizestes consentir vossa honra, Vós que honrais aos vossos servos? Não a perdestes, certamente por vos terdes humilhado até à morte; não, Senhor, antes a ganhastes para nós todos.

Oh! por amor de Deus, Irmãs! Vede que perdemos o rumo, em consequência de ir errado o caminho desde o princípio! Praza a Deus não se venha a condenar uma alma por ter guardado esses tristes pontos de honra, sem entender em que consiste a honra verdadeira! E, depois, ousaremos pensar que fizemos muito, quando perdoamos uma coisinha qualquer, que nem era agravo, nem injúria, nem nada; e muito convencidas, como se tivéssemos feito uma proeza, viremos dizer ao Senhor que nos perdoe, pois havemos perdoado! Dai-nos, meu Deus, a compreender que não nos conhecemos, e que nos apresentamos diante de Vós com as mãos vazias; e perdoai-nos Vós por vossa misericórdia. Na verdade, Senhor, pois todas as coisas acabam e o castigo é eterno, nenhuma obra vejo digna de vos ser apresentada em troca de tão grande mercê. Só a podeis conceder em atenção Aquele que vos pede por nós.

Mas quanto deve ser estimado pelo Senhor este amar-nos uns aos outros! Bem poderá o bom Jesus apresentar a seu Pai outras obras, e dizer-lhe: Perdoai-nos, Senhor, porque fazemos áspera penitência, ou porque rezamos muito, e jejuamos, e deixamos tudo por Vós, e muito vos amamos. Não alega também: porque perderíamos por Vós a vida; nem, como digo, outras coisas que poderia encarecer; senão somente: porque perdoamos. E' talvez porque sabe quanto somos amigos desses malditos pontos de honra; e, por ser coisa mais dificultosa de alcançar de

nós, e mais agradável a seu Pai, isto alega e oferece de nossa parte.

Vede bem, Irmãs, que Ele diz: *assim como nós perdooamos*; fala como de coisa já feita, repito. Prestai grande atenção a este ponto: se a alma que recebe mercês de Deus na contemplação perfeita a que me referi, ao sair da oração não está muito determinada a perdoar, e, quando se lhe oferece ensejo, não perdoa efetivamente qualquer injúria, por grave que seja, — não há muito que fiar de sua oração. Não me refiro a certas ninharias que chamam injúrias, pois a alma que Deus une a Si em tão subido estado, não faz caso delas, nem se lhe dá mais de ser estimada do que abatida. Digo mal: muito mais desgosto lhe causam as honras do que as desonras, e o muito folgar com descanso do que os trabalhos. E' porque realmente já lhe deu o Senhor seu reino desde esta vida, e por isso nada mais quer do mundo. Compreendeu que para mais subidamente reinar é este o verdadeiro caminho, e já viu por experiência quão grande lucro está encerrado nos trabalhos e quanto se adianta a alma que padece por Deus. Efetivamente é rarissimo chegar Sua Majestade a fazer tão sublimes regalos senão a quem suportou de boa vontade graves tribulações por seu amor. Como já vos disse em outra parte deste livro,¹ grandes são as cruces dos contemplativos, e assim busca o Senhor gente experimentada.

Tende por certo, Irmãs, que estes, como já entenderam o que valem as criaturas, não se detêm muito em coisas que² passam. Se algum extraordinário trabalho ou injúria lhes causa um primeiro movimento de pesar, ainda bem não o sentiram quando por outro lado acode a razão e parece levantar o estandarte em defesa de seus direitos, deixando quase aniquilada aquela pena — com o gozo de lhes ter posto o Senhor nas mãos esse meio de ganharem mais diante de Sua Majestade em mercês e favores perpétuos em um dia, do que poderiam ganhar em dez anos de tra-

1) Cap. XVIII.

balhos escolhidos por sua própria vontade. Isto é muito comum, ao que entendo: tenho tratado com grande número de contemplativos e sei com certeza que é assim. Como outros apreciam o ouro e as jóias, prezam eles os trabalhos e os desejam, porque estão convencidos de que é por meio deles que se hão de enriquecer.

São pessoas estas que estão muito longe de ter a mínima estima de si: gostam de ver entendidos seus pecados e de os dizer quando se vêem estimadas por alguém. O mesmo lhes acontece a respeito de sua linhagem: já sabem que por este lado não terão privilégio no reino que é sem fim. Só gostam de ser de raça ilustre quando assim é mister para maior serviço de Deus. Fora deste caso, pesa-lhes de serem tidos em mais do que são, e sem nenhuma pena, e até com prazer, desfazem o engano. Isto acontece, creio eu, porque as almas a quem o Senhor faz mercê de tanta humildade e de tanto amor de Deus, quando se trata da maior glória divina estão completamente esquecidas de si mesmas e nem podem crer que outros sintam algumas pequenas coisas e as tenham por injúrias.

Estes efeitos de que falei por último, são de pessoas já muito chegadas à perfeição, às quais o Senhor frequentemente faz mercê de as unir a Si em contemplação perfeita. Quanto ao que referi primeiro — que é estar determinado a sofrer injúrias, e sofrê-las efetivamente embora com algum sentimento de pena, — digo que muito em breve tem estas disposições a alma favorecida pelo Senhor até chegar à união. Quem não sentir este fruto e não sair da oração muito fortalecido neste ponto, creia que não foi mercê do Senhor a que recebeu, mas alguma ilusão ou regalo do demônio, que assim faz para que nos tenhamos por mais honrados de Deus.

Pode ser que ao princípio, quando a alma começa a receber do Senhor estas graças, não fique logo com tanta fortaleza; mas asseguro que se continuar a re-

cebê-las, em breve tempo ficará forte, se não nas outras virtudes, ao menos nesta de perdoar as ofensas. Não posso crer que uma alma que se chega de tão perto à Divina Misericórdia e aí aprende a conhecer a sua miséria e o muito que Deus lhe tem perdoado, deixe de perdoar logo com toda a facilidade, e não esteja disposta a ficar muito bem com quem a injuriou. E' porque tem diante dos olhos o regalo e mercê que o Senhor lhe concedeu com sinais de grande amor, e alegra-se de ter ocasião de lhe mostrar que também O ama.

Torno a dizer: conheço muitas pessoas que o Senhor tem favorecido e elevado a coisas sobrenaturais concedendo-lhes a oração ou contemplação a que me referi: tenho visto nelas outras faltas e imperfeições, mas esta jamais vi, nem creio possível haver, se as mercês procederem de Deus, como já disse. Quem receber maiores graças, examine como lhe vão crescendo estes efeitos; e se nenhum vir em si, tenha muito receio e não atribua esses regalos a Deus, que sempre enriquece, repito, a alma a quem se comunica. Isto é certo: ainda que os favores e regalos passem depressa, podem ser conhecidos com vagar pelos frutos que deixam na alma. E como o bom Jesus bem sabe disto, determinadamente afirmou a seu santo Pai *que perdoamos aos nossos devedores.*

CAPÍTULO XXXVII

Da excelência desta oração do Padre-Nosso, e das consolações que de muitos modos acharemos nela.

E' coisa para louvarmos muito ao Senhor a sublimidade e perfeição desta oração evangélica! Bem mostra ter sido feita por tão bom Mestre. Cada uma de nós, filhas, pode usá-la de acordo com seu espírito. Admiro-me ao ver como em tão poucas palavras está encerrada toda a contemplação e perfeição, de tal for-

ma que parece, não temos necessidade de outro livro: basta-nos estudar este. Com efeito, até aqui nos tem ensinado o Senhor todo o modo de orar, até a mais alta contemplação, principiando pela oração mental e pela de quietação e de união. Tivesse eu capacidade para saber explicar, e poderia escrever um volumoso tratado de oração sobre tão verdadeiro fundamento. Agora já começa o Senhor a dar-nos a entender os efeitos que deixam as mercês quando nos vêm de sua mão, como tendes visto. •

Tenho pensado comigo: por que razão não se explicou mais claramente Sua Majestade em matérias tão subidas e obscuras, de modo a que todos o entendêssemos? Parece-me o seguinte: como esta oração devia ser geral para todos, convinha deixá-la assim em confuso, para que pudesse cada um pedir conforme a seu intento e consolar-se julgando entendê-la bem. Assim os contemplativos, que já não querem as coisas da terra, e as pessoas já muito dadas a Deus, peçam as graças celestes que, pela grande bondade do Senhor, se podem alcançar nesta vida. Os que ainda estão metidos no mundo, e nele têm de viver de acordo com o seu estado, peçam também seu pão com que se hão de sustentar a si e a sua família, e ainda as demais coisas de que têm necessidade, e isto é muito justo e santo.

Mas, notai bem! estes dois pontos, que são: dar-lhe a nossa vontade e perdoar, dizem respeito a todos. Verdade é que há mais e menos no modo de os observar, como ficou dito acima. Os perfeitos darão a vontade como tais, e perdoarão perfeitamente, segundo já vimos; nós, Irmãs, faremos o que pudermos; que o Senhor tudo recebe. Dir-se-ia que Sua Majestade faz em nosso nome uma espécie de tratado com seu Eterno Pai, como se dissesse: Fazei Vós isto, Senhor, e meus irmãos farão aquilo. E é fora de dúvida que da parte de Deus não haverá falta. Oh! oh! é muito bom pagador, e paga além de toda medida!

De tal maneira poderemos dizer uma vez esta

oração, que, vendo o Senhor que em nós não há fingimento, antes cumpriremos nossas promessas, de uma só feita nos deixe ricas. E' muito amigo de que usemos de verdade para com Ele. Quando o tratamos com simplicidade e clareza, quando não dizemos uma coisa e pensamos outra, sempre dá mais do que lhe pedimos. Sabendo isto nosso bom Mestre, via que as almas que verdadeiramente chegassem à perfeição no pedir, haviam de ficar em alto grau com as mercês recebidas do Eterno Pai. Ao mesmo tempo entendia que os já perfeitos e os que procuram tornar-se tais, não temem nem devem, como se costuma dizer: trazem o mundo debaixo dos pés; só querem contentar ao Senhor de todas as coisas e, como podem ter grandíssima esperança de que Sua Majestade está contente, pelos efeitos operados em suas almas, embebidos nesses regalos, nem se lembram de que há mundo, nem de que têm inimigos.

O' Sabedoria eterna! quão bem nos ensinai! E que grande coisa é, filhas, um mestre sábio, prudente, que nos acautela contra os perigos! E' todo o bem que uma alma espiritual pode desejar aqui em baixo, porque infunde grande segurança. Não tenho palavras para encarecer quanto é importante. Assim, vendo o Senhor que era mister despertá-los e lembrar-lhes que têm inimigos — porquanto muito mais perigoso é para eles o andarem descuidados e muito mais necessidade têm do auxílio do Eterno Padre, pois cairiam de mais alto, — para que não andem enganados, sem mesmo o entender, faz estas últimas petições tão necessárias para todos enquanto vivemos neste desterro: *E não nos deixeis, Senhor, cair em tentação, mas livrai-nos do mal.*

CAPÍTULO XXXVIII

Trata de quanto é necessário suplicar ao Eterno Padre nos conceda o que lhe pedimos nestas palavras: "Et ne nos inducas in tentationem, sed libera nos a malo" ¹. Declara algumas tentações. E' digno de nota.

Grandes coisas temos aqui, Irmãs, que nos cumpre meditar e entender, já que as pedimos. Reparai bem: tenho por muito certo que os perfeitos não pedem ao Senhor que os livre dos trabalhos, nem das tentações, nem das perseguições e pelejas, antes os desejam, pedem e amam, como disse há pouco. Eis outro sinal muito grande e seguro para se conhecer que a contemplação e as mercês recebidas de Sua Majestade procedem do Espírito do Senhor, e não de ilusão diabólica. Com efeito, são como os soldados, que estão mais contentes quando maior é a guerra, porque esperam sair com mais vantagens; quando há paz, recebem o soldo por seus serviços, mas vêem que não podem galgar muitos postos.

Crede, Irmãs: o soldado de Cristo, quero dizer, quem tem contemplação e trata de oração, está ansioso pela hora da peleja. Dos inimigos públicos jamais tem grande medo; já os conhece e sabe que não poderão resistir à força que lhe infunde o Senhor; está certo de sempre sair vitorioso e com grande lucro: nunca lhes volta o rosto. Só teme — e é justo sempre temer e pedir ao Senhor que nos livre deles — a uns inimigos que há, traiçoeiros, demônios que se transfiguram em anjos de luz e aparecem disfarçados. Enquanto não fizeram muito dano à alma, não se deixam conhecer: vão bebendo o sangue e acabando com as virtudes, de modo que andamos em cheio na tentação e não damos por ela. Destes peçamos, filhas, e supliquemos muitas vezes no Padre-Nosso, nos livre o Senhor: não consinta que andemos em tentação e enganadas; descubra-nos a peçonha oculta, pa-

1) Não nos deixeis cair em tentação, mas livrai-nos do mal.

ra se não obscurecerem aos nossos olhos a luz e a verdade. Oh! com quanta razão nos ensina nosso bom Mestre a pedir isto, e o pede por nós!

Considerai, filhas, que de muitas maneiras nos prejudicam. Não penseis que seja unicamente fazendo-nos aceitar como vindos de Deus os gostos e regalos que logram fingir em nós. Este, em parte, se me afigura o menor dano que nos conseguem fazer. Poderá até acontecer que nos façam com isto caminhar mais depressa, pois, levadas por aquele gosto, mais horas daremos à oração. Ignorando que tudo é obra do demônio e julgando-nos indignas de tais regalos, jamais acabaremos de dar graças a Deus; mais obrigadas nos sentiremos a servi-lo; e faremos todos os esforços para nos dispormos a receber do Senhor novas mercês, julgando que todas nos vêm de suas mãos.

Procurai, Irmãs, sempre humildade; reconhecei que não sois dignas de tais favores e não os procureis. Tenho para mim que, por este modo de proceder, muitas almas escapam ao demônio pelo mesmo meio com que ele pensava ganhá-las. O Senhor, por seu lado, tira nosso bem do mal que o inimigo pretendia fazer-nos; porque vê Sua Majestade nosso intento, que é contentá-lo e servi-lo, estando a seus pés na oração, e fiel é o Senhor. Bom é andarmos de sobreaviso, para que não haja quebra na humildade, nem surja alguma vanglória. Suplicando ao Senhor que disto vos livre, não tenhais medo, filhas: não permitirá Sua Majestade que recebais muito regalo de ninguém, senão dele mesmo.

Onde o demônio pode sorrateiramente causar grande dano é fazendo-nos crer que temos virtudes, sem as possuímos (a). Isto é verdadeira peste; porque

(a) *Sem o sentirmos e julgando-nos seguros, damos conosco numa cova donde não logramos sair; e embora nem sempre se trate de pecado mortal conhecido que nos leve ao inferno, contudo ficamos com as pernas paralisadas e incapazes de prosseguir este caminho de que comecemos a tratar, pôs ainda não me esqueci dele. Bem vedes! como poderás andar quem está metido num grande fosso? Ali se lhe vai acabando a vida, e bem feliz será se não afundar sempre mais,*

nos gostos e regalos parece que estamos só a receber, e ficamos mais obrigados a servir; mas aqui, dir-se-ia que damos e servimos, e que está o Senhor obrigado a recompensar-nos. Deste modo, pouco a pouco, nos faz o inimigo muito dano, pois, por uma parte, a humildade se vai enfraquecendo, e, por outra, nos descuidamos de adquirir aquela virtude que imaginamos já ter ganho. Que remédio haverá, Irmãs? O melhor, a meu ver, é o que nos ensina nosso Mestre: orar e suplicar ao Eterno Padre não permita que andemos em tentação.

Ainda vos quero indicar outro meio. Se nos parece que o Senhor já nos deu alguma virtude, fique-

até ir dar consigo no inferno. Pelo menos, nunca medrará: mesmo que não se perca inteiramente, não fará bem a si nem aos outros, e até fará mal, porque muitas almas que vão pelo mesmo caminho, achando feita a cova, podem cair nela. Para não causar dano a si nem aos outros, é preciso sair e aterrar o buraco; mas, asseguro-vos, bem perigosa é esta tentação. Conheço-a muito, por experiência, e assim posso precaver-vos contra ela, embora não tão bem como desejaria.

Dá-vos o demônio a entender que sois pobres, e com alguma aparência de verdade, porquanto prometestes pobreza (de boca, bem entendido); e assim ilude também outras pessoas dadas à oração. Digo: de boca, porque se de coração o tivéssemos prometido e compreendêssemos o alcance de nossa promessa, impossível seria que o demônio nos pudesse reter vinte anos e toda a nossa vida nesta ilusão. Sim, pois veríamos que enganamos o mundo e a nós mesmas. Eis como se passam as coisas. Aquele que fez voto de pobreza, ou pelo menos se tem em conta de pobre, diz consigo mesmo: "Eu nada quero: tenho tal objeto porque não posso passar sem ele; enfim, preciso viver para servir a Deus; — Ele quer que, demos sustento ao corpo". E ainda mil diferentes razões, todas muito boas, que o demônio, transfigurado em anjo de luz, lhe vai sugerindo, a fim de o convencer de que já é pobre e possui esta virtude, e nada mais lhe resta a fazer.

Venhamos agora à prova, pois de outro modo será impossível tirar a limpo a verdade. Examinemos sempre as obras, e, se houver preocupação desordenada, bem depressa dará sinal de vida. Possuí uma pessoa renda até demasiada para sua subsistência; isto é, para o necessário, e não para tomar três criados quando pode passar com um. Movem-lhe um pleito por qualquer negócio temporal, ou deixa-lhe de pagar o pobre lavrador, e ei-lo tão afilto e empenhado em defender seus direitos, como se não pudera viver sem aquela migalha. Dirá que assim faz para que não se percam os bens por sua incúria, pois logo surge a desculpa. Não digo eu que deixe

mos convencidas: é dádiva de suas mãos, e portanto no-la pode tornar a tirar, como efetivamente acontece muitas vezes, não sem grande providência de Deus. Nunca o experimentastes, Irmãs? Pois eu sim. Uma vez se me afigura estar totalmente desapegada, e, na verdade, vindo a prova, vejo que de fato o estou. Outras vezes me acho tão presa a coisas de que porventura zombaria na véspera, que, por assim dizer, quase não me conheço mais. Em certos dias parece-me ter tanto ânimo, que não recuaria diante de nenhum obstáculo, em se tratando de obras do serviço de Deus; e, feita a experiência, tenho esforço para algumas. Vem outro dia em que não me acho com valor para matar uma formiga por Deus, se nisto achasse contra-

tudo ao desamparo: faça o que estiver em suas mãos, mas fique em paz, seja qual for o êxito, porque o verdadeiro pobre tem em baixa estima os bens do terra e, ainda quando os procura por algum motivo razoável, jamais se inquieta, pois nunca recebe que lhe venham a faltar. E se faltarem, não faz muito caso, porque os tem por coisa acessória e não principal. Deles se ocupa por não ter remédio, porém seus pensamentos sobem mais alto.

Vejamos agora um Religioso ou Religiosa, que — já se sabe — é pobre, ou pelo menos o deve ser. Nada possui, mas muitas vezes é porque nada lhe dão. Se acha quem lhe dê algum presente, será milagre julgá-lo supérfluo. Sempre gosta de guardar alguma reservazinha. Se pode ter hábito de pano fino, não o pede de fazenda ordinária. Deseja possuir alguma coisinha, ainda que sejam livros, que possa empenhar ou vender em caso de enfermidade para se prover de mais regalo do que o ordinário. Ai de mim pecadora! Então foi isso o que prometestes? Não foi, pelo contrário, descuidar-vos de vós e abandonar-vos a Deus, succeda o que succeder? Se andai assim fazendo provisões para o futuro, menos vos distraireis possuindo rendas certas. Ainda que isto se possa fazer sem pecado, convém que vamos entendendo estas imperfeições, para vermos quanto estamos longe de possuir a virtude da pobreza e, assim, a peçamos a Deus e nos esforcemos por adquiri-la. Pelo contrário, o pensamento de que já a possuímos, nos faz viver descuidadas, e iludidas, o que é pior.

O mesmo acontece acerca da humildade. Parece-vos que não quereis honras e nem fazeis caso de nada. Venha, porém, a ocasião de vos tocarem em algum ponto sensível, e logo por vosso sentimento e modo de agir demonstrareis que não sois humildes. Se, pelo contrário, se apresentar alguma honra maior, não a rejeitareis; assim como os pobres de que falei acima, não recusam as superfluidades. E praza a Deus não as procurem! (Ms. do Escurial).

dição. Da mesma forma, há tempos em que, a meu ver, não faria caso de nenhuma calúnia ou murmuração contra mim; e, chegada a ocasião, assim é, e até me causa contentamento. Vêm outros tempos em que me aflijo só por uma palavra, e quisera ir-me embora do mundo, porque tudo nele me cansa. E isto não acontece só comigo; tenho visto o mesmo em muitas pessoas melhores do que eu, e sei que é assim.

Pois o fato é este, quem poderá gabar-se de ser virtuoso e de estar rico, se no momento em que precisa lançar mão da virtude, se acha sem ela? Não, minhas Irmãs, tenhamos sempre em conta de pobres, e não nos endividemos sem ter com que pagar: porque de outra mão nos há de vir o tesouro, e não sabemos se porventura quererá deixar-nos no cárcere de nossa miséria, sem nos dar coisa alguma. E se os homens por nos julgarem virtuosas, nos cobrirem de honras e de atenções — que são estas as dividas a que me refiro, — ficarão logrados, e nós juntamente com eles. Verdade é que o Senhor não nos deixará de socorrer nos momentos difíceis, se o servirmos com humildade; mas se não estivermos muito arraigadas nesta virtude, a cada passo, como se costuma dizer, nos deixará de sua mão. E de sua parte é grandíssima mercê: com isto nos tornamos humildes e entendemos esta verdade: nada possuímos que o não tenhamos recebido.

Agora prestai atenção a outro aviso. Persuade-nos o demônio de que temos alguma virtude, por exemplo, a paciência, porque nos determinamos e temos contínuos desejos de sofrer muito por Deus. Parece-nos que verdadeiramente, chegada a hora, sofreríamos tudo, e com isto vivemos muito satisfeitas, porque o maligno nos confirma nesta persuasão. Tomai meu conselho: de tais virtudes não façais caso. Enquanto não as virdes bem provadas, convencei-vos de que não as conheceis senão de nome e ainda não as recebestes do Senhor; pois acontecerá que, à menor palavra desagradável que ouvirdes, vá a paciência por

água abaixo. Quando sofrerdes bem, repetidas vezes, louvai a Deus que vos começa a ensinar esta virtude, e animai-vos a padecer mais. Se Ele vo-la dá, sinal é que deseja ver-se pago com o próprio exercício da paciência; e não a tendais senão como em depósito, conforme ficou dito.

Há outra tentação. Julgamo-nos muito pobres de espírito, e temos costume de repetir que nada queremos e de nada fazemos caso; mas ainda bem se não oferece a ocasião de possuímos alguma coisa, mesmo além do necessário, logo se desvanece toda a pobreza de espírito. Muito contribui o hábito de alardear uma virtude, para nos fazer imaginar que realmente a temos. E' utilíssimo o andar sempre de sobreviso para entender que isso é tentação, tanto nos pontos que mencionei, como em muitos outros; pois quando deveras dá o Senhor uma virtude sólida, dir-se-ia que ela arrasta consigo todas as outras: é fato muito conhecido. Mas torno a avisar-vos: mesmo quando vos pareça possuir alguma, tende receio de enganar-vos, porque sempre anda duvidoso acerca das virtudes próprias o verdadeiro humilde, e muito ordinariamente considera mais seguras e de mais valor as que vê no seu próximo.

CAPÍTULO XXXIX

Prossegue a mesma matéria. Dá vários conselhos sobre diversas tentações, sugerindo remédios contra elas.

Guardai-vos também, filhas, de umas humildades acompanhadas de grande inquietação acerca da gravidade de nossos pecados; estas procedem do demônio, que deste modo costuma angustiar de muitas maneiras as almas, até apartá-las das Comunhões e da prática da oração, convencendo-as de que não são dignas. Quando se acercam do Santíssimo Sacramento,

todo o tempo em que haviam de receber mercês se lhes vai em examinar se estão, ou não, bem preparadas. Dominada pela tentação, chega uma alma ao extremo de pensar que, por ser tão má, está abandonada de Deus; quase põe em dúvida a misericórdia divina. Todas as suas ocupações lhe parecem perigosas, e suas obras sem fruto, por boas que sejam. Vem-lhe tal desconfiança, que deixa cair os braços, sem ânimo para bem algum, porque se lhe afigura que nela é mau o que é bom nos outros.

Prestai atenção, filhas, a este ponto, pois algumas vezes poderá ser humildade e virtude o ter-vos por tão ruim, e outra vezes grandíssima tentação. Como tenho passado por ela, conheço-a bem. A humildade não inquieta, nem desassossega, nem produz alvoroço, por grande que seja; antes vem com paz, e regalo, e sossego. Ainda que alguém, por se ver tão ruim, entenda claramente que merece estar no inferno, e se aflija, e se julgue merecedor de ser com justiça aborrecido de todos, e quase não cuse implorar misericórdia, — se for boa a humildade, virá esta pena acompanhada de tanta doçura e contentamento, que não há de querer ver-se sem ela. Não causa alvoroço nem angústia na alma, antes a dilata e dispõe para servir mais a Deus. Quando é a outra pena, tudo perturba, tudo atrapalha, revolve tudo, — é penosíssima. O que pretende o demônio, penso eu, é convencer-nos de que somos humildes, e, de caminho, ver se nos pode fazer desconfiar de Deus.

Quando assim vos achardes, atalhai o mais possível o pensamento de vossa miséria e lembrai-vos da misericórdia de Deus e do muito que nos ama e padeceu por nós. E se for tentação, nem isto podereis fazer; que o maligno vos inquietará o espírito e não vos deixará pensar senão em coisas que vos aflijam mais: já será muito se conhecerdes que é tentação. O mesmo faz sugerindo-nos penitências demasiadas para nos persuadir de que somos mais penitentes do que as outras e temos algum merecimento. Se vos an-

dardes escondendo do Confessor ou da Prelada, ou se, dizendo eles que as deixeis, não vos sujeitais, é clara a tentação. Procurai obedecer, por mais que o sintais, pois nisso está a maior perfeição.

Acomete-nos ainda com uma segurança bem perigosa, fazendo-nos imaginar que de maneira alguma seríamos capazes de tornar às culpas passadas e aos prazeres do mundo. “Já tenho experiência — faz ele pensar, — sei que tudo passa, e mais gosto me dão as coisas de Deus...” Isto, se vem no princípio, é muito mau, pois com esta persuasão, nada se nos dá de nos expormos de novo às ocasiões, e tornamos a cair redondamente. E praza a Deus não seja muito pior a recaída! E’ que o demônio, quando vê uma alma capaz de lhe causar prejuízos e de fazer bem a outras, põe em jogo todos os seus recursos para que ela não se levante. E assim, por mais gostos e prendas de amor que o Senhor vos der, nunca andeis seguras a ponto de não temer as recaídas e de não evitar as ocasiões.

Procurai muito conferir esses regalos e mercês, com alguma pessoa que vos possa dar luz e para a qual não tenhais segredo; e no princípio e no fim da oração, por subida contemplação que seja, tende sempre cuidado de acabar no próprio conhecimento. Aliás, se forem de Deus, ainda que o não queirais nem vos lembreis deste aviso, assim fareis ainda mais vezes, porque trazem consigo humildade e sempre nos deixam mais luz para entendermos nosso pouco valor. Não me quero deter nisto, porque em muitos livros achareis estes ensinamentos. Se falei, é porque tenho passado por estas coisas, e algumas vezes sofri bastante. Tudo quanto se possa dizer, não deve infundir inteira segurança.

Pois, que havemos de fazer, ó Padre Eterno, senão acudir a Vós e suplicar-vos que não nos metam em tentação estes nossos adversários? Assaltos públicos venham: com vosso favor, melhor nos livraremos; mas essas traições, quem as entenderá, Deus meu? Sempre temos necessidade de vos pedir remédio. Di-

zei-nos, Senhor, alguma palavra que nos esclareça e assegure. Já sabeis que por este caminho não vão muitos, e se houver tantos perigos a temer, irão ainda muito menos.

Coisa estranha é esta! Como se o demônio não tentasse aos que não trilham o caminho da oração! Espanta-se mais o mundo quando vê cair em ilusões diabólicas a um só dos mais chegados à vida perfeita, do que a cem mil positivamente imersos em enganos e pecados públicos, que nem é preciso examinar se são bons ou maus, pois à distância de mil léguas mostram ser de Satanás. A bem dizer, tem razão; porque entre os que rezam o Padre-Nosso do modo acima dito, são pouquíssimos os iludidos pelo demônio, e todo fato novo e insólito causa pasmo. Com efeito é muito próprio dos mortais o passar facilmente pelo que vêem de contínuo, e admirar-se muito do que raríssimas vezes ou quase nunca sucede. O mesmo demônio espalha essa estupefação; assim lhe convém, porque uma só alma que atinge a santidade lhe faz perder uma multidão de outras (a).

(a) *E, repito, não me admiro da estupefação do mundo com tais quedas. Realmente são dignas de pasmo, porque, a não ser muito por sua culpa, as almas de oração vivem em muito maior segurança do que as que vão por outro caminho. Há tanta diferença como entre os espectadores que do alto da arquibancada olham o touro, e os que se lhe andam metendo diante dos cornos. Esta comparação ouvi a alguém, e parece-me convir, ao pé da letra: Não tenhais medo, Irmãos, de ir por estes caminhos da oração. Muitos há, e variados; uns aproveitam a estas almas, e outros àquelas, como já disse. Estrada segura é: melhor vos livrareis da tentação se estiverdes junto do Senhor, do que se vos afastardes dele. Suplicai-lhe e pedi-lhe sempre esta graça. É o que fazeis rezando tantas vezes ao dia o Padre-Nosso. (Ms. de Escorial).*

CAPÍTULO XL

Diz como, se procurarmos andar sempre com amor e temor de Deus, caminharemos seguras por entre tantas tentações.

Dai-nos, nosso bom Mestre, algum remédio para vivermos sem muito sobressalto em guerra tão perigosa. O que podemos ter, filhas, e por Sua Majestade nos foi dado, é andar com amor e temor. O amor nos fará apressar o passo; o temor nos fará olhar bem onde pomos os pés para não cairmos em caminho tão cheio de tropeços como é o desta vida. Com isto certamente não seremos enganadas.

Perguntar-me-eis: qual o modo de conhecer se possuís estas duas virtudes tão grandes? E tendes razão, porque sinal absolutamente certo e positivo não pode haver. De fato, se tivéssemos certeza de possuir o amor de Deus, também a teríamos de estar na sua graça¹. Mas olhai, Irmãs, há sinais que, parece, até os cegos podem ver: não estão secretos, bradam, ainda que os não queirais entender, e fazem muito ruído. Como não são numerosos os que os têm com perfeição, por isso mesmo se destacam mais. Amor e temor de Deus: pensais que é dizer pouco? São dois castelos fortes, de onde se dá guerra ao mundo e aos demônios.

Aqueles que deveras são amantes de Deus, tudo o que é bom amam, tudo o que é bom querem, tudo o que é bom patrocina, tudo o que é bom louvam; com os bons sempre se juntam, e a estes favorecem e defendem; não prezam senão verdades e objetos dignos de amor. Pensais que as almas verdadeiramente enamoradas de Deus possam amar vaidades, riquezas e deleites mundanos, ou que tenham contendas e invejas? Não, não podem; e a única razão é porque não pretendem outra coisa senão contentar ao Amado. Andam morrendo de desejo de que Ele as

1) O que não é possível, a não ser por especial privilégio, notou o Padre Báñez, censor do *Caminho da Perfeição*.

ame; e assim vivem a buscar meios de lhe ser mais agradáveis. Esconder-se? Qual! o amor de Deus, se de veras é amor, não pode ocultar-se! Se quereis a prova, olhai um S. Paulo, uma Madalena. O primeiro, no fim de três dias, começou a dar mostras de estar enfermo de amor: este foi S. Paulo. A Madalena, desde o primeiro instante; e como o provou bem! Sim, porque tem esta particularidade o amor: há mais e menos; e conforme a sua intensidade é que se dá a entender. Se é pouco, resplandece pouco; se é muito, muito; mas — pouco ou muito — o amor de Deus, onde existe, sempre se manifesta.

Agora, porém, tratamos principalmente dos enganos e ilusões que o demônio arma aos contemplativos, e aqui não pode haver pouco. Ou não serão contemplativos, ou amarão muito e o darão a entender indubitavelmente e por muitas maneiras. E' grande fogo: não pode deixar de dar grande resplendor. Se o não der, andem com o maior receio, e, creiam: há bem motivo de temer. Procurem entender a causa, façam orações, humilhem-se e supliquem ao Senhor não os deixe cair em tentação, pois tenho para mim, que, em faltando este sinal, há perigo de estarem nela. Mas se andardes com humildade de coração, procurando saber a verdade, sempre sujeitas ao Confessor e usando com ele de sinceridade e franqueza, repito: por mais ciladas e ilusões que vos arme o demônio, tirareis a vida, dos meios com que ele vos pretendia dar a morte.

Se, porém, sentirdes esse amor de Deus de que falei, e o temor de que vou tratar agora, vivei alegres e tranquilas. Com o fim de perturbar vossa alma e impedi-la de gozar tão grandes bens, vos inspirará o inimigo, e fará que outros vos inspirem, mil temores falsos, e, já que não consegue perder-vos, procurará ao menos prejudicar a vós e a outros que poderiam lucrar muito se atribuissem a Deus tão maravilhosas mercês feitas a tão ruim criatura, e as julgassem possí-

veis, pois algumas vezes parecemos esquecer suas antigas misericórdias.

Pensais que tenha pouco interesse o demônio em incutir esses temores? Não! pelo contrário, tem muito, porque assim causa dois males. Um é atemorizar os que ouvem falar de tais perigos, e fazê-los fugir da oração pelo temor de serem também enganados. O outro é diminuir o número dos que se chegariam a Deus vendo como é tão bom e, repito, como ainda agora se digna comunicar-se intimamente aos pecadores desde esta vida. Estes favores celestes despertam cobiça, e com razão. Conheço algumas pessoas que por este meio se animaram e começaram a ter oração, e em pouco tempo saíram verdadeiros contemplativos, recebendo do Senhor grandes mercês.

Assim, Irmãs, quando virdes entre vós alguma a quem o Senhor conceda tais graças, louvai muito a Deus, mas nem por isso a julgueis segura; antes ajudai-a com mais oração, porque ninguém pode estar a salvo enquanto vive e anda engolfado nos perigos deste mar tempestuoso. Torno a dizer: não deixareis de entender este amor onde quer que esteja; nem sei como se poderia ele encobrir. Quando aqui na terra amamos alguma criatura, dizem que é impossível dissimular, e que tanto mais se descobre a paixão, quanto mais se faz por escondê-la; e entretanto é afeição tão baixa que não merece o nome de amor, porque se apoia sobre o nada. E seria possível encobrir o amor para com Deus, amor tão forte, tão justo, que vai sempre em aumento, e não vê coisa que não mereça ser amada; fundado sobre tão sólida base como é a certeza de ser pago com outro amor do qual já se não pode duvidar, pois está provado tão claramente por imensas dores e trabalhos e derramamento de sangue e até perda da vida, para nenhuma dúvida nos ficar a esse respeito? Oh! valha-me Deus! como devem parecer diferentes esses dois amores a quem ambos experimentou!

Praza a Sua Majestade nos dar o seu antes de nos

tirar desta vida, porque grande consolação causará à hora da morte o ver que seremos julgados por Aquele a quem amamos sobre todas as coisas (a). Seguras podemos partir com o processo de nossas dívidas: não é ir a terra estranha, mas à nossa própria, pois é a Pátria daquele Senhor a quem tanto amamos e que nos ama tanto... Ponderai aqui, filhas minhas, que bens traz consigo este amor! Pelo contrário, não o ter é a perdição, que nos faz cair nas mãos do tentador, — mãos tão cruéis, mão tão inimigas de todo bem e amigas de todo mal.

Que será da pobre alma que, apenas acaba de sair de tais dores e trabalhos como são os da morte, cai logo nelas? Que mau descanso acha! Quão despedaçada irá para o inferno! Que multidão de serpentes de toda sorte! Que temeroso lugar! Que desventurada hospedagem! Se uma noite passada em má hospedaria parece difícil de suportar às pessoas amigas de regalos (e são estas provavelmente as que vão para lá em maior número), que sentirá — pergunto-vos — aquela triste alma nessa má pousada que há de durar para sempre, sem fim? Ah! não queiramos regalos, filhas; estamos bem aqui; afinal de contas, dura só uma noite a má pousada. Louvemos a Deus; esforcemo-nos por fazer penitência nesta vida. E quão suave será a morte de quem já expiou todos os seus pecados e não tem de passar pelo Purgatório! Como pode ser que desde este mundo comece a gozar da glória, não verá em si temor, senão completa paz.

Se não chegarmos a tanto, Irmãs, supliquemos a Deus, que, ao menos, se formos logo receber penas, seja em mansão onde, com a esperança de sair delas,

(a) Grande coisa será na hora da morte, quando vamos para o desconhecido, o termos amado sobre todas as coisas e com paixão de amor, que nos arrebate acima de nós mesmas, ao Senhor que nos há de julgar.

Isto tem de melhor o amor divino que as afeições aqui da terra, além de muitas outras vantagens: desde que amamos a Deus, estamos bem seguras de que Ele nos ama (Ms. do Escorial).

as soframos de boa vontade e onde não percamos sua graça e amizade; e nesta vida nos assista com seu favor para não andarmos em tentação sem o entendermos.

CAPÍTULO XLI

Fala do temor de Deus. Como nos havemos de guardar dos pecados veniais.

Como me alarguei! e todavia não tanto quanto quisera, pois é coisa saborosa falar em tal amor. E que será possuí-lo? (a). O Senhor mo conceda, por quem Sua Majestade é! Venhamos agora ao temor de Deus. Também é muito patente, quer para a alma que o tem, quer para os que tratam com ela. Quero entretanto advertir-vos de que no começo não está tão crescido, salvo em algumas pessoas às quais, como já disse, faz o Senhor grandes mercês, e em breve tempo as torna ricas em virtudes. Mas geralmente, repito, não se dá muito a conhecer a princípio. Aos poucos vai aumentando em valor e crescendo cada dia, e logo se dá a entender, porque, além de outros sinais, leva imediatamente a alma a apartar-se dos pecados e das ocasiões e más companhias. Mas em quem já chegou à contemplação — e é disto que principalmente tratamos agora, — o temor de Deus, da mesma forma que o amor, anda muito a descoberto e não se pode dissimular nem mesmo exteriormente. Por mais que observeis essas

(a) *O' Senhor meu, dai-mo Vós! não saia eu desta vida até não querer dela coisa alguma; nem saiba o que é amar senão a Vós; nem acerte a aplicar a ninguém este nome, pois tudo é falso; a base não tem firmeza e assim não é duradouro o edificio. Não sei por que nos admtramos quando ouvimos dizer: "Este me pagou mal", "aquele não gosta de mim". Rio comigo mesma. Por que vos há de pagar, ou por que vos há de querer? Por aí verets o que é o mundo! O vosso mesmo amor vos dá depois o castigo; e o que vos faz sofrer mais é verdes que empregastes vossa afeição em jogos de mentinos (Ms. do Escorial).*

peessoas com a máxima atenção, nunca as vereis andar descuidadas: o Senhor as sustém de tal maneira, que não cometerão com advertência um só pecado venial, seja qual for o interesse que se lhes oferecer. Quanto aos mortais, tomem-nos como ao fogo. E estas são as ilusões que eu quisera, Irmãs, temêssemos muito. Supliquemos sempre a Deus que a tentação não seja tão violenta, que o ofendamos: antes a proporcione à fortaleza que nos há de conceder para vencê-la. Isto é o principal; este temor, desejo eu, nunca se aparte de nós, pois é o que nos há de valer.

Oh! que grande coisa é não ter ofendido ao Senhor, para que seus servos e escravos infernais fiquem de mãos atadas! Pois, enfim, todos o hão de servir, queiram ou não queiram; eles à força, e nós de todo o coração. Se contentarmos a Deus, ficarão à distância, e não nos poderão causar dano algum, por mais que nos tentem e armem laços secretos.

Tomai à vossa conta este aviso de extrema importância: trabalhai sempre por adquirir tão grande determinação de não ofender ao Senhor, que estejais dispostas a perder mil vidas de preferência a fazer um pecado mortal; e dos veniais guardai-vos com sumo desvelo. Refiro-me aos que se cometem com advertência, pois, sem ela, quem estará livre de cometer muitos? Mas há uma advertência de caso pensado; outra há tão rápida, que fazer o pecado e ter consciência dele é quase a mesma coisa. Nem chegamos a entender bem. Mas Deus nos livre de pecado plenamente conhecido, por pequeno que seja! Quanto mais que não pode haver pouco, sendo contra tão grande Majestade, a qual vemos que nos está olhando. A mim parece que é isto pecar com premeditação, como se alguém dissesse: "Senhor, ainda que vos pese, farei este ato. Bem sei que o vedes e o não quereis, estou convencido; mas antes quero seguir meu capricho e apetite do que vossa vontade". E que nesta matéria possa haver pouco, a mim não me parece, por leve que seja a culpa; senão muito, e muitíssimo.

Por amor de Deus, Irmãs, prestai atenção: se quereis adquirir este temor santo, grande necessidade tendes de entender quão grave coisa é uma ofensa a Deus, e de ocupar nisto muito de ordinário vossos pensamentos. Para nós é questão de vida ou de morte — e ainda mais — o ter arraigada em nossas almas esta virtude. Enquanto não a possuídes, andai sempre com muito cuidado, apartando-vos de todas as ocasiões e companhias que não vos ajudem a ir mais para Deus. Tende grande vigilância para dobrar vossa vontade em tudo o que fizerdes, e cuidado com as vossas palavras para que sejam edificantes; finalmente, fugi de onde houver práticas que não sejam de Deus. E' muito necessário imprimir bem em si este temor, que aliás se cobra depressa, se há amor verdadeiro. Mas uma vez que em nossa alma virmos inteira determinação de não ofender a Deus por nenhuma criatura deste mundo, o caso é outro. Embora haja algumas quedas — porque somos fracos e não há que fiar de nós; e quanto mais determinados, menos havemos de presumir de nossa parte, pois só de Deus nos há de vir a confiança, — quando entendermos de nós o que acima ficou dito, já não nos é preciso andar tão acanhados e tímidos. O Senhor nos favorecerá, e já o costume virá em nossa ajuda para não ofendermos a Sua Majestade. Desde então portai-vos com liberdade santa, tratando com quem for justo, ainda que sejam pessoas distraídas. Sim, porque os mesmos que antes de possuídes este verdadeiro temor de Deus, seriam como veneno e instrumento para vos matar a alma, muitas vezes contribuirão depois para mais amardes ao Senhor e o bendizerdes por vos ter livrado de perigos já tão evidentes a vossos olhos; e, se antes servíeis para os ajudar em suas fraquezas, agora servireis para que se vão à mão em vossa presença. Ainda que não tenham intenção de vos acatar, acontecerá assim.

Louvo ao Senhor muitas vezes, e pergunto a mim mesma: qual será a causa de frequentemente atalhar um servo de Deus, sem dizer palavra, as inconve-

niências que se proferem contra Sua Majestade? Deve ser esta: no mundo, se temos um amigo e está ausente, todos diante de nós lhe têm respeito e não se atrevem a atacá-lo, porque sabem que o estimamos; assim o homem em estado de graça, por humilde que seja, a mesma graça deve fazer que lhe tenham reverência e não ousem afligi-lo, pois todos entendem quanto há de sentir vendo a Deus ofendido. O certo é que não conheço bem a causa, mas sei que muito ordinariamente sucede isto. Por conseguinte, como ia dizendo, não vos acanheis, porque, se a alma começa a encolher-se, é coisa muito má para todo bem; e às vezes dá em ser escrupulosa, e ei-la sem préstimo para si e para os outros. Mesmo que o mal não chegue a tanto, será boa para si, porém não atrairá a Deus os outros, pois é tal nossa natureza, que, à vista de tanto constrangimento e aperto, ficarão atemorizados e contrafeitos, e fugirão de seguir o vosso caminho, embora o reconheçam claramente como mais perfeito.

Daqui procede outro inconveniente, que é julgar mal a outros que não vão por vosso caminho, e entretanto têm mais santidade. Se os vedes tratar aos próximos cordialmente e sem esses encolhimentos com o intuito de lhes fazer bem, logo os tendes por imperfeitos, e sua alegria santa tachais de dissipação. Isto acontece especialmente a nós que não temos letras e não sabemos o que se pode fazer sem pecado. E' coisa extremamente perigosa; é andar em tentação contínua e muito funesta por ser em prejuízo do próximo. De fato, pensar que vão menos bem os que não imitam vosso acanhamento, é péssimo. E há outro mal: em alguns casos em que seria conveniente e até obrigatório falar, não ousareis fazê-lo, por medo de cair em algum excesso; e chegareis mesmo a dizer bem do que deveríeis condenar como abominável.

Assim pois, Irmãs, tanto quanto puderdes sem ofensa de Deus, procurai ser afáveis. Portai-vos de tal sorte com todas as pessoas que vos rodearem, que amem vossa conversação e desejem vosso modo de viver e

tratar, e não se atemorizem e amedrontem de praticar a virtude. Para vós, Religiosas, isto é muito importante: quanto mais santas, mais conversadas com vossas Irmãs; e, ainda que sintais muita pena quando suas conversas não são dos assuntos que vos agradam, nunca vos esquiveis, se desejais fazer-lhes bem e ser amadas por elas. Sim, porque muito havemos de procurar ser afáveis, e agradar e satisfazer as pessoas com quem vivemos; especialmente as nossas Irmãs.

Assim pois, filhas minhas, tratai de entender a verdade: Deus não apura tantas miudezas como pensais. Não fiqueis com a alma e o ânimo encolhidos, pois com isso podereis perder muitos bens. Intenção reta! vontade determinada, como disse, de não ofender a Deus! no mais, não deixeis vossa alma metida num canto, pois, em lugar de conseguir santidade, tirareis numerosas imperfeições que o demônio vos incutirá por outros lados, e, repito, não sereis de tanto proveito a vós mesmas e às outras, como poderíeis ser.

Estais vendo como mediante estas duas coisas — amor e temor — podemos ir sossegadas e quietas por este caminho, embora não descuidadas, porque o temor há de sempre tomar a dianteira. Segurança total não imaginemos ter enquanto estivermos nesta vida: seria grande perigo. E assim o entendeu nosso Mestre quando, no fim desta oração, dirigiu a seu Pai estas palavras, como quem via quanto são necessárias: *Mas livrai-nos do mal. Amém.*

CAPÍTULO XLII

Em que trata das últimas palavras do Padre Nosso: "Sed libera nos a malo. Amen". "Mas livra-nos do mal. Amém".

Parece-me que tem razão o bom Jesus de pedir isto para Si, pois bem mostrou quanto estava cansado deste mundo quando na ceia que era a última de sua vida, declarou a seus Apóstolos: "Desejei com grande desejo cear convosco"¹. Por aí vemos como devia estar fatigado de viver. E agora não estão fartos os que têm cem anos, antes desejam viver sempre mais! E' verdade que não passamos a existência tão duramente, nem com tantos trabalhos e pobreza como Sua Majestade a passou. Que foi toda a sua vida senão uma continua morte? Trazia sempre diante dos olhos o fim tão cruel que lhe haviam de dar; e isto era o menos: o pior era a vista de tantas ofensas que se faziam a seu Eterno Pai e de tão grande multidão de almas que se perdiam. Se mesmo entre nós, causa isto insuportável tormento a quem sabe amar ao próximo, que seria para a caridade tão sem limite nem medida deste Senhor? Oh! quanta razão tinha de suplicar ao Pai que o livrasse já de tantos males e trabalhos, e o introduzisse para sempre no descanso de seu reino, do qual era legítimo herdeiro!

Amém. Dizendo este Amém — remate e fecho de tudo, — pede o Senhor, segundo me parece, que sejamos livres de todo mal, para sempre (a). E' tam-

1) Lc 22, 15.

(a) *Escusado é pensar, Irmãs, que neste mundo possamos viver isentos de muitas tentações, e imperfeições, e até pecados, pois, — como se diz, e é bem verdade, — quem cuidar que não tem pecado está iludido. Se, por outro lado, considerarmos os males e trabalhos corporais, — quem haverá que não sofra muitíssimos, de vários modos? Nem é conveniente pedir ao Senhor que os aparte de nós! Ora, se parece impossível sermos livres de todo mal, quer em relação aos do corpo — torno a dizer — quer em relação ás faltas e imperfeições no serviço de Deus, procuremos entender o que solicitamos nesta petição. Não me refiro aos Santos, que estes tudo poderão em Cristo, como dizia São Paulo; falo dos pecadores, como eu,*

bém o que suplico ao Senhor. Livre-me definitivamente de tantos males, pois não pago o que devo, e talvez me esteja endividando mais cada dia. E o que não me sinto capaz de sofrer, Senhor, é não poder saber ao certo se vos amo e se meus desejos são aceitos diante de Vós. O' Senhor e Deus meu, livrai-me, sem detença, de todo mal, e sede servido de me levar à mansão de todos os bens! E que esperam já, na terra, as almas que receberam de Vós algum conhecimento acerca do nada do mundo, e com viva fé anseiam pelo que o Eterno Pai lhes tem reservado?

Este pedido, feito com veemente desejo e determinação plena, é para os contemplativos notável pe-nhor de que são de Deus as mercês que recebem na oração; por conseguinte devem apreciá-los grandemente. Em mim, porém, não têm a mesma origem; quero dizer, não julgueis que procedam da mesma causa: senão de que, tendo eu tão mal vivido, já tenho medo de viver mais, e estou cansada de tantos trabalhos. Quanto às almas que participam dos regalos de Deus, não é de estranhar que almejem estar na mansão onde os possam fruir plenamente, e não a sorvos, e não queiram ficar em vida onde tantos embaraços se opõem ao gozo do Sumo Bem, antes desejem estar onde para eles não tenha ocaço o Sol de justiça. Depois de tantas graças, como lhes parece tenebroso tudo quanto vêem na terra! Admiro-me de que ainda possam viver!

que me acho imersa em frouxidão e tibieza e pouca mortificação e outras muitas misérias, e vejo que me cumpre pedir ao Senhor remédio.

Vós, filhas, pedi o que vos parecer melhor; quanto a mim, não acho remédio nesta vida, e assim rogo ao Senhor que me livre de todo mal para sempre. Que bem achamos neste mundo, Irmãs, pois carecemos do Sumo Bem e vivemos ausentes dele? Livrai-me, Senhor, desta sombra de morte; livrai-me de tantos trabalhos; livrai-me de tantas dores; livrai-me de tantas mudanças; de tantos cumprimentos a que forçosamente nos havemos de sujeitar neste desterro; de tantas, tantas, tantas coisas que cansam e fatigam. Se fosse dizer todas, causaria tédio a quem isto lesse. Já não se pode mais permanecer na terra! Vem-me talvez este cansaço por ter vivido tão mal e por ver que ainda agora não vivo como deveria, tendo recebido tantas mercês (Ms. do Escurial).

Por certo, não acha contentamento quem já aqui em baixo começou a gozar do reino de Deus, e se ainda vive, não é por sua própria vontade, mas pela do seu rei.

Oh! quão diferente deveria ser esta vida para não se desejar a morte! Como nossa vontade se inclina de modo diverso à vontade de Deus! Quer o Senhor que busquemos a verdade, e busquemos a mentira; quer que amemos o eterno, e nos inclinamos ao que tem fim; quer que aspiremos às coisas grandes e elevadas, e desejamos as baixas e terrenas; quer que só ponhamos nosso fito no que é seguro, e gostamos do que é incerto. Parece zombaria, filhas minhas! Supliquemos, pois, a Deus que nos livre destes perigos para sempre, e nos liberte já de todo mal. E ainda que nosso desejo não seja perfeito, esforcemo-nos por fazer esta petição. Que nos custa pedir muito, se pedimos ao Onipotente? Mas, para melhor acertar, entreguemos o despacho de nossos rogos à sua vontade, pois já lhe demos a nossa; e seja para sempre santificado seu nome, nos Céus e na terra, e em mim seja sempre cumprido o seu beneplácito. Amém (a).

Admirai, agora, Irmãs, como o Senhor me poupou trabalho, ensinando a vós e a mim o caminho de que pretendi falar-vos, dando-me a entender o muito que pedimos quando recitamos esta oração evangélica. Seja Ele bendito para sempre! Por certo, jamais me veio ao pensamento que houvesse nela tão grandes segredos. Como pudestes ver, encerra e compreende todo o caminho espiritual, desde o princípio até o ponto em que faz Deus a alma engolfar-se e beber abundantemente da fonte de água viva que, segundo vos disse, está no termo da jornada. Parece ter querido o Senhor dar-nos a entender, Irmãs, as grandes consolações encerradas no Padre-Nosso e o proveito imenso que de-

(a) *Pensei também em dizer-vos alguma coisa sobre o modo de bem rezar a Ave-Maria, mas alarguei-me tanto, que deststo. Basta, aliás, entender como se há de rezar o Padre-Nosso, para saber recitar bem todas as orações vocais (Ms. do Escurial).*

le podem tirar as pessoas que não sabem ler, as quais, se bem o entendessem, poderiam achar nele muita doutrina e consolo espiritual.

Aprendamos, pois, Irmãs, da humildade com que nos ensina este bom Mestre; e suplicai-lhe me perdoe o ter-me eu atrevido a falar de coisas tão sublimes. Bem sabe Sua Majestade que meu entendimento não seria capaz de o fazer, se Ele mesmo não me ensinasse o que tenho dito. Agradecei-lhe vós, Irmãs, este benefício, que certamente é devido à humildade com que mo pedistes e quisestes ser ensinadas por tão miserável criatura (a).

Se meu Confessor, o Padre Presentado Frei Domingos Báñez, a quem entregarei este escrito antes que o vejais, achar que é para vosso proveito e vo-lo der, consolar-me-ei vendo-vos consoladas (a). Se para nada prestar, aceitareis minha boa vontade, pois, fazendo esta obra, obedeci ao que me mandastes; e darei por bem pago o trabalho que tive de escrever, — não, por certo, de pensar o que deixei dito! Bendito e louvado seja o Senhor, de quem procede todo o bem que falamos e pensamos e fazemos. Amém.

(a) *Pois bem, Irmãs, já parece não querer Sua Majestade que eu continue, pois me faltam as idéas. Pensei em ir adiante, mas vejo que o Senhor já vos ensinou o caminho. No outro livro² que escrevi e do qual já vos falei, fez-me Ele explicar como há de proceder a alma quando chega a esta fonte de água viva, e o que aí sente, e como a parla Deus e lhe tira a sede das coisas de cá, e a faz crescer no divino serviço. As que houverem chegado a essa fonte, procurem lê-lo, que será de grande proveito e lhes dará muita luz (Ms. do Escorial).*

2) O Livro da Vida.

(a) *Se Ele achar conveniente dar-vos este e também o outro (Ms. do Escorial).*

I N D I C E

Prólogo	7
Capítulo I — Da causa que me moveu a fundar este mosteiro com tão estreita observância	9
Capítulo II — Trata de como se devem as Irmãs des-cuidar das necessidades corporais. Do bem que há na po-breza	11
Capítulo III — Prossegue a matéria que principiou a tratar no primeiro capítulo, e persuade às Irmãs que se ocupem sempre em suplicar a Deus que favoreça os mi-nistros da Igreja. Acaba com uma exclamação	16
Capítulo IV — Em que persuade às Irmãs que guar-dem a Regra. Três coisas importantes para a vida espiri-tual. Declara a primeira destas três coisas, que é o amor do próximo, e fala sobre os perigos das amizades parti-culares	21
Capítulo V — Continua a falar dos Confessores. Diz quanto importa que sejam letrados	29
Capítulo VI — Torna à matéria, já começada, do perfeito amor	32
Capítulo VII — Em que trata da mesma matéria do amor espiritual e dá alguns conselhos para o alcançar	36
Capítulo VIII — Trata do grande bem que é desape-gar-se interior e exteriormente de todas as coisas	42
Capítulo IX — Trata de como, para aqueles que dei-xaram o mundo, é grande bem o fugir dos parentes. Quão mais verdadeiros amigos encontram	44
Capítulo X — Trata de como não basta nos desape-parmos dos parentes se não tivermos o desapego de nós mesmas. Esta virtude anda sempre junta com a humil-dade	46

Capítulo XI — Continua a tratar da mortificação e diz como é preciso adpuiri-la nas enfermidades 50

Capítulo XII — Trata de como há de ter em pouco a vida e a honra aquele que verdadeiramente ama a Deus 52

Capítulo XIII — Continua na mesma matéria da mortificação e diz quanto importa fugir dos melindres e raciocínios do mundo para chegar à razão verdadeira. 56

Capítulo XIV — Em que trata do muito que importa não admitir à profissão noviça alguma cujo espirito seja contrário ao que ficou dito nos capítulos anteriores 60

Capítulo XV — Em que trata do grande bem que há em não nos desculparmos, mesmo quando nos vemos condenar sem culpa -62

Capítulo XVI — Da diferença que há de haver na perfeição da vida dos contemplativos e dos que se contentam com oração mental. Como é possível algumas vezes elevar Deus à perfeita contemplação uma alma distraída, e qual o motivo disto. Este capítulo e o seguinte são muito dignos de ponderação 65

Capítulo XVII — Como nem todas as almas são aptas para a contemplação, e como algumas chegam a ela tardiamente. O verdadeiro humilde há de ir contente pelo caminho por onde o levar o Senhor 70

Capítulo XVIII — Continua a falar na mesma matéria e diz quanto os trabalhos dos contemplativos são maiores que os dos ativos. Estes últimos encontrarão muito alento no que se vai dizer 74

Capítulo XIX — Começa a tratar da oração: Dirige-se às almas que não podem discorrer com o entendimento - 78

Capítulo XX — Diz como, por diferentes vias, nunca deixa o Senhor de consolar neste caminho da oração. Aconselha às Irmãs que falem sempre disto em suas conversações 87

Capítulo XXI — Diz o muito que importa começar com resolução inquebrantável o caminho da oração, sem fazer caso dos obstáculos suscitados pelo demônio 91

Capítulo XXII — Em que declara o que é oração mental 95

- Capítulo XXIII — Trata de quanto importa não voltar atrás a quem encetou o caminho da oração. Insiste sobre a suma necessidade de enveredar por ele resolutamente 99
- Capítulo XXIV — Trata de como se há de rezar com perfeição vocalmente, e como sempre anda junta a oração mental com a vocal 102
- Capítulo XXV — Em que diz quanto ganha a alma que reza com perfeição vocalmente, e como acontece ser elevada por Deus a coisas sobrenaturais!..... 105
- Capítulo XXVI — Em que vai declarando o modo de recolher o pensamento. Dá meios para isto. E' capítulo muito proveitoso para os que começam a fazer oração 107
- Capítulo XXVI — Em que trata do grande amor que nos testemunhou o Senhor nas primeiras palavras do "Pater Noster". Muito importa que nenhum caso façam da nobreza de linhagem aquelas que deveras querem ser filhas de Deus 112
- Capítulo XXVIII — Em que declara que coisa é oração de recolhimento e dá alguns meios para as almas se acostumarem a ela 115
- Capítulo XXIX — Continua a sugerir meios para procurar esta oração de recolhimento. Diz que não devemos ter ambição de ser favorecidas dos Prelados 120
- Capítulo XXX — Diz quanto importa entender o que se pede na oração. Trata destas palavras do Pater Noster: "Sanctificetur nomen tuum, adveniat regnum tuum". Aplica-as à oração de quietação e começa a explicá-la 124
- Capítulo XXXI — Prossegue a mesma matéria. Declara que coisa é oração de quietação. Dá alguns avisos para os que a têm. E' muito digno de nota 127
- Capítulo XXXII — Trata destas palavras do Padre-Nosso: Fiat voluntas tua sicut in coelo et in terra, e do grande merecimento que adquire quem as diz com total determinação. Quão bem lho paga o Senhor 134
- Capítulo XXXIII — Trata da grande necessidade de que nós dê o Senhor o que lhe pedimos nestas palavras do Pater Noster: "O pão nosso de cada dia nos daí hoje" 140
- Capítulo XXXIV — Prossegue a mesma matéria. E' de muita utilidade para depois de haver recebido o Santíssimo Sacramento 143

- Capítulo XXXV** — Termina a matéria começada, com uma exclamação ao Padre Eterno 150
- Capítulo XXXVI** — Trata destas palavras do Padre-Nosso: Perdoai-nos as nossas dívidas 152
- Capítulo XXVII** — Da excelência desta oração do Padre-Nosso, e das consolações que de muitos modos acharemos nela 158
- Capítulo XXXVII** — Trata de quanto é necessário suplicar ao Eterno Padre nos conceda o que lhe pedimos nestas palavras: "Et ne nos inducas in tentationem, sed libera nos a malo". Declara algumas tentações. E' digno de nota 161
- Capítulo XXXIX** — Prossegue a mesma matéria. Dá vários conselhos sobre diversas tentações, sugerindo remédios contra elas 166
- Capítulo XL** — Diz como, se procurarmos andar sempre com amor e temor de Deus, caminharemos seguras por entre tantas tentações 170
- Capítulo XLI** — Fala do temor de Deus. Como nos havemos de guardar dos pecados veniais ; 174
- Capítulo XLII** — Em que trata das últimas palavras do Padre-Nosso: "Sed libera nos a malo. Amen". "Mas livrai-nos do mal. Amém". 179